

Coleção Teatro Balano

Musicais Infanto juvenis

Deolindo Checcucci



Musicais
Infanto
juvenis

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitora
Dora Leal Rosa

Vice-Reitor
Luiz Rogério Bastos Leal

EDITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora
Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial
Alberto Brum Novaes
Angelo Szaniecki Perret Serpa
Caiuby Alves da Costa
Charbel Ninõ El-Hani
Cleise Furtado Mendes
Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti
Evelina de Carvalho Sá Hoisel
José Teixeira Cavalcante Filho
Maria Vidal de Negreiros Camargo

Coleção **Teatro** Baiano

Musicais Infanto juvenis

Deolindo Checcucci



Salvador
2012

©2012 By Deolindo Checcucci.
Direitos de edição cedidos à Edufba.
Feito o depósito legal.

Projeto Gráfico
Alana Gonçalves de Carvalho Martins
Gabriela Nascimento

Editoração Eletrônica
Alana Gonçalves de Carvalho Martins
Thiago Vieira

Revisão
Cora Lima

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Checcucci, Deolindo.
Musicais infantojuvenis / Deolindo Checcucci. - Salvador : Edufba, 2012.
199 p. il. - (Coleção teatro baiano)

ISBN 978-85-232-0750-2

1. Teatro infantojuvenil brasileiro - Bahia. I. Título. II. Série.

CDD - 792.0226

Editora filiada à



Edufba
Rua Barão de Jeremoabo, s/n
Campus de Ondina - 40170-115
Salvador-BA, Brasil
Tel/fax: (71) 3283-6160 / 3283-6164
www.edufba.ufba.br | edufba@ufba.br

SUMÁRIO

Um Dia, um Sol / 7

Na Lua, na Rua, na Tua / 43

Em Busca do Sonho Perdido / 81

A Coroa de Raquel / 123

Joana, a Boneca de Pano que Virou Barbie / 165

Um dia, um Sol



ROTEIRO E DIREÇÃO Deolindo Checcucci

ENCANTADORA SIMPLICIDADE*

“A valorização poética da cultura popular faz de *Um dia, um sol* um dos melhores infantis do ano”.

Se você tem uma criança em casa e quer vê-la com os olhinhos grudados e brilhando diante de uma sucessão de cores, canções e muita fantasia, leve-a correndo para assistir ao musical infantil *Um dia, um sol*, em cartaz aos sábados e domingos, no Teatro Acbeu. Se você não tem nenhuma, mas é um espectador sensível, vá do mesmo jeito e confie nesse convite.

Não foi à toa que a peça, escrita e dirigida por Deolindo Checcucci, ganhou o Concurso Nacional de Dramaturgia Álvaro de Carvalho, promovido pela Fundação Catarinense de Cultura. Suas armas de sedução não se prendem a limites de idade, tendo artifícios cênicos suficientes para estimular o público a esquecer, pelo menos por algum tempo, o aprisionamento do cotidiano real e se deixar levar pela fantasia.

E não se surpreenda se seus olhos adultos também grudarem no palco e começarem a brilhar. O espetáculo, de consistente simplicidade e delicadamente transformado em uma combinação de jogos lúdicos, estabelecida através de objetos e signos da cultura popular, é uma metafórica busca do ser feliz no difícil e complexo universo das relações humanas. Busca reafirmada para os espectadores adultos e mirins na saída do teatro, no momento em que o elenco distribui sementinhas para o público, como símbolo do início de um possível novo pensamento.

Permeando as imagens, o texto sensível e nada piegas de Deolindo Checcucci pode até soar confuso para as crianças, principalmente por não se deter a uma história convencional com início, meio e fim. A essência da temática, no entanto, é clara e trabalhada com eficiente estrutura em sua ideologia de mutação individual e valorização da vivência coletiva.

A direção privilegia o ritmo ágil dos movimentos e investe no imaginário popular sem cair em excessos. A beleza estética está na busca de referências simples e autênticas, como a perna de pau circense, o bumba-meu-boi, o boneco mamulengo, a indumentária *chapliniana*, o Carnaval nordestino, a ciranda e o efeito mágico das bolinhas de sabão.

* Texto publicado no jornal *Correio da Bahia* de 25 de outubro de 1996, na Seção Folha da Bahia, coluna Plateia. Atualizado pela nova ortografia.

No conjunto desses recursos, destaca-se o trabalho de Euro Pires na criação do cenário, figurinos multicoloridos e adereços que fazem de *Um dia, um sol* um espetáculo cheio de brasilidade, embora com temática universal. A trilha sonora comandada pelos músicos Amadeu Alves, André Borges, Fabrício Rios e Jardel Costa, é elemento fundamental e bastante enriquecedor da montagem.

Ao conduzir essa encenação, o elenco de quatro atores – dois experientes e dois emergentes – surge integrado e vibrante, sem maiores oscilações no desempenho do conjunto. A peça revela um encanto de atriz chamada Gena Ribeiro (que também chama a atenção no espetáculo *A Casa de Eros*). Também dá prosseguimento à bem-sucedida busca de versatilidade do jovem ator Eduardo Albuquerque, que vem crescendo a cada trabalho. Neste infantil, ele se sai muito bem ao investir na variação de voz e na composição gestual dos seus diferentes personagens.

Marcelo Praddo transita pelo palco com habilidade, brilho e muita verdade. Já Iami Rebouças é a personificação da alegria em cena. Além de explicitar seu prazer em fazer o espetáculo, a atriz de criativas máscaras faciais mais uma vez confirma seu talento, tendo a peculiaridade de contribuir bastante para a peça, devido ao seu *phisic-du-role* bem brasileiro.

Encenado em ritmo crescente, até chegar ao ápice, amarrando de forma encantadora a cena final, *Um dia, um sol* pode ser considerado o mais bem resolvido trabalho teatral da fase recente de Deolindo Checcucci. Ao abordar valores básicos, como a importância de ser feliz, reencontrar a si mesmo e tentar ver o real com mais poesia, o diretor acabou estabelecendo outros grandes desafios.

Para o ator, Deolindo abriu caminho para que fossem explorados recursos que vão do canto à dança, ampliando sua capacidade de encantar a plateia. Para o próprio diretor, foi dada a chance de se superar como dramaturgo, em um trabalho muito superior à sua aventura autoral adulta apresentada ano passado, na peça *Um corte no desejo*. E para você, espectador, este espetáculo – que se mostra inicialmente em tons cinzentos, até conquistar as cores – oferece nada menos que a oportunidade de sair de casa e ir ao teatro para sonhar.

Marcos Uzel

Um Dia, um Sol

Musical Infantojuvenil de Deolindo Checcucci

PERSONAGENS

Dondon Pensante

Maria Bonita

Zé Bodó

Sol

Arco-Íris

Verdinha

Vento Azulão

Ator Narrador

Violeiro

Locutor

Estrela

CENOGRAFIA

No espaço cênico encontram-se: um grande pano cinza, dando a ideia de um caminho. Caixotes, dois ou três, onde fica o material a ser usado. Ao entrar no teatro, o público encontra os atores conversando entre si. À medida que o público entra, eles se aproximam da plateia estendendo o papo.

Esta peça é uma proposta de jogo, não existe um personagem fixo para cada ator. Os intérpretes têm uma relação lúdica com os objetos, criativamente, podendo estender ao público este jogo. O material é variado, de acordo com as condições da montagem. O importante é descobrir as possibilidades do impossível. O termo ator entra por ser teatro o nosso ponto de partida. Poderíamos também chamar de pessoas, num encontro com seu eu, se expressando e se comunicando com o outro.

Deolindo Checcucci

Ator Narrador

Poxa, eu não consigo descobrir a cor. Vocês viram por aí?

Ator Narrador

Eu não sei mais dançar, não tenho mais alegria.

Ator Narrador

E eu queria tanto cantar...

Ator Narrador

Azul, ô azul!... Vê se aparece!...

Ator Narrador

Arco-íris, cadê você?

Ator Narrador

Se nós não encontrarmos as cores, o som, como poderemos fazer a estória?

Ator Narrador

Olha para isto. A única cor que está aí é a cinza.

Ator Narrador

Não. Olha a roupa daquele menino. Amarela, está vendo?

Ator Narrador

Ih, é mesmo, vê só!...

Ator Narrador

Descobri um som!... (*Aperta uma buzina*).

Ator Narrador

Para, para, para. Desse som, eu já ando cheio. Vê se pinta um mais gostoso de ouvir.

Ator Narrador

Ah... está difícil... Que personagem é este?

Ator Narrador

(*Vestido com um grande relógio*). Dr.Tic-Tac! Tic-Tac! Tic-Tac! Tic-Tac!...

(Os sons do tic-tac e da buzina crescem)

Ator Narrador

(*Dentro de uma caixa abrindo uma janelinha*). Ei, vocês viram as cores por aí? Nossa! Quanta fumaça!... Não vou sair daqui de dentro mesmo. Prefiro ficar sozinho do que no meio desse barulho todo. Além disso, aí fora está um fumaceiro que não se pode nem respirar! Eu hein?...

Ator Narrador

(*Entrando de guarda com um apito na mão*). Esquerda, direita, esquerda, direita, esquerda, direita...

Ator Narrador

(*Fazendo um homem que entra com uma pastinha 007*). Ganhar dinheiro, ganhar dinheiro, ganhar dinheiro. Comprar, vender, pagar... Comprar, vender, pagar...

Ator Narrador

Pessoal, a gente não vai ficar mostrando para o público esses personagens tão bobos. Vamos ver se a gente descobre alguns com mais vida, não é mesmo? Vamos procurar?

Ator Narrador

Vamos, vamos sim!...

Ator Narrador

Que tal se a gente batesse um papo com aquele personagem cabeludo, como é que é mesmo o nome dele?

Ator Narrador

Dondon Pensante. O difícil vai ser encontrá-lo em casa. Só vive viajando...

Ator Narrador

Vamos até lá...

Ator Narrador

Ele deve estar no Chique-Chique, um teatrinho onde se apresenta.

(Por trás de uma cortina, aparece um fantoche)

Ator Narrador

Dondon Pensante, ô, Dondon Pensante, onde você anda?

Dondon Pensante

(Ainda de dentro). Alguém está me chamando?

Ator Narrador

É sim... Gostaríamos de falar com você...

Dondon Pensante

Pois não... pois não... Tiveram sorte de me encontrar. Vocês sabem que não tenho morada certa, mas sempre me encontram no teatro... acabo de chegar das estrelas..., pensava neste mundão tão grande... Os astros estão muito chateados com as coisas por aqui...

Voz

(De dentro do teatrinho). Socorro! Socorro!...

Dondon Pensante

Ei, esperem, alguém está em apuros!... *(Desaparece e volta com um personagem com a boca vedada e as mãos amarradas)*. É a Maria Bonita!... Mas o que aconteceu? Quem lhe deixou assim?

Maria Bonita

Estou presa, vê se consegue desatar estes nós, do contrário eu não posso lhe explicar o que aconteceu!

Dondon Pensante

Amigos, deem uma ajuda aqui, para que a Maria Bonita possa falar...

(O pessoal desamarra a boneca)

Maria Bonita

Ah! ainda bem... Agora eu posso respirar melhor. Não aguentava mais... Que bom vocês terem chegado!...

Dondon Pensante

Mas conta, conta o que aconteceu! Eu já estou impaciente!...

Maria Bonita

Espera um pouco, deixa eu procurar o meu equilíbrio. Está pensando que é fácil? (*Respira fundo*). Agora estou melhor...

Dondon Pensante

Ok, então vê se desembucha...

Maria Bonita

Foi o seguinte: eu estava aqui, cantando para o pessoal, quando chegou o Dr. Tesourinha e mandou todo mundo embora, dizendo que minha voz era feia e eu só dizia besteiras.

Dondon Pensante

Que é que você estava dizendo?

Maria Bonita

Coisas que ele tinha me proibido falar. Mas eu sou mais eu e disse.

Dondon Pensante

Ora, Maria, este Dr. Tesourinha só vive lhe enchendo o saco, não é mesmo?

Maria Bonita

Pois é Dondon. Ainda bem que vocês chegaram. Eu agora vou abrir o berro e cantar... Deixe eu sensibilizar minha voz.

(Faz exercício de técnica vocal, depois canta)

Saudade meu bem, saudade / Saudade do meu amor / Foi se embora e não disse nada / Nem uma carta deixou.

Não adianta porque eu canto mesmo!... Quem sabe de mim sou eu e aquele abraço. Mas quem são estas pessoas com quem você estava conversando?

Dondon Pensante

São uns amigos meus...

Maria Bonita

E você nem me apresenta?

Dondon Pensante

Precisa, Maria?

Maria Bonita

Claro, não é? Espera aí... Eu vou me apresentar com aquela música.
Como é mesmo? A do Roberto Carlos.

Dondon Pensante

Como vai você?

Maria Bonita

Isto mesmo.

Como vai você? / Eu preciso saber de sua vida, / Peço a alguém pra me contar sobre o seu dia!... Anoteceu e eu preciso só saber. / Como vai você?

Dondon Pensante

Tá bem, Maria, agora vê se escuta o pessoal, que veio bater um papo com a gente.

Maria Bonita

Tá bom! Tá bom!... Sou toda ouvidos!...

Dondon Pensante

E então, amigos, o que é que vocês desejam?

Ator Narrador

É que nós estamos de saco cheio de carro, barulho, fumaça, gente chata!
Você tem alguma ideia de como a gente pode se sentir mais feliz?

Dondon Pensante

Mas vocês vêm perguntar a mim? Despertem as ideias de vocês e elas lhes dirão...

Ator Narrador

Despertar as nossas ideias?

Dondon Pensante

É sim... É só dar uma paradinha, abrir a porta da cuca e deixar a imaginação solta...

Ator Narrador

E ela não vai se perder por este espaço azul tão grande?

Dondon Pensante

Não... Se você deixar as portas e as janelas abertas, ela voltará para descansar, antes de voar novamente...

Ator Narrador

Mas ela não tem asas...

Dondon Pensante

Ela não precisa de asas... Ela viaja num papel, no bico de um pássaro, num raio de sol, num papagaio, numa folha, ou então nas asas de um avião, como diz nosso amigo Caetano.

Ator Narrador

Tá legal!... Gente eu tenho um papagaio aqui. Vamos soltar nossas ideias com ele e ver o que acontece. *(Os atores pegam um papagaio e brincam, dançando e fazendo sons)*. A minha ideia está dizendo alguma coisa... É o seguinte: ela está me dando a ideia de procurar o Zé Bodó, nosso amigo do circo Corre Mundo...

Ator Narrador

Hum... que ótima ideia a sua ideia deu. Vamos até lá...

Ator Narrador

Vamos de quê?

Ator Narrador

No trem da música de circo.

(Ouve-se música circense)

Ator Narrador

Gente, veja quem vem chegando... O Zé Bodó em pessoa, ou melhor em boneco.

(Um ator entra como um mamalengo de feira, sentando na plateia)

Zé Bodó

Alô, gente!... Vocês estão procurando a figura aqui? Eu sou o Zé Bodó, o Mané Gostoso das meninas e dos meninos, o grande animador do circo Corre Mundo!...

Ator Narrador

Ih! Zé, que bom você ter chegado!...

Zé Bodó

Só que eu estou de passagem. Tenho que fazer muito reclame pela cidade, senão a moçada não vai ao circo!... *(Cantando. Toda a cena tem acompanhamento de música circense)*. Hoje tem espetáculo?

Atores

Tem, sim senhor!...

Zé Bodó

Oito horas da noite?

Atores

Tem, sim senhor!...

Zé Bodó

Hoje tem marmelada?

Atores

Tem, sim senhor!...

Zé Bodó

Arrocha negrada!... Ehh!... Arrocha negrada!... Boa noite, senhoras e senhores!... O Gran Circo Corre Mundo, após correr muitas praças, está armado nesta cidade na praça da alegria, trazendo até vocês atrações internacionais!... É com muito prazer que nos apresentamos para um público tão amável!... A caravana sorriso começa seus números com a menina que anda no arame. Pedimos da distinta plateia o máximo de atenção!... Música maestro!... (*Atriz pega uma sombrinha e anda como se estivesse no arame*). Querido público, após este sensacional número, trazemos o internacional Piolim, numa homenagem ao gênio do século. Ao homem que desafiou o nosso tempo, fazendo rir. O grande palhaço Piolim em sua homenagem a Charles Chaplin. (*Ouve-se um charleston, enquanto o ator faz, em mímica, Carlitos*). E agora Mr. Cristofus vai mostrar para vocês a magia da vida nas coisas mais simples!... Vindo diretamente da praça do terreiro!... Tudo que ele toca se transforma. Mr. Cristofus faz do impossível uma possibilidade!... (*Entra um dos atores, fazendo número de mágicas, com uma capa de retalhos colorida*). Como o distinto público pode ver, essas foram algumas de nossas atrações. Temos também malabaristas, trapezistas, leões, elefantes, araras, a onça pintada, desfilando no nosso picadeiro!... Dramas e comédias!... Mas, vamos ficando por aqui. Quem quiser ver mais corra na praça da alegria, diariamente, onde está instalado o Gran Circo Corre Mundo!... (*Aplausos*).

Ator Narrador

Tudo bem com você, Zé?

Zé Bodó

Olha, não está muito bem, não, mas a gente vai levando. As pessoas hoje em dia só veem televisão, não vão ver as nossas palhaçadas, nossos trapezistas... Mas nós continuamos brincando no Corre Mundo. A gente não tem cura e vai levando essa chama, essa gema, essa guia... O número de mágicos está cada vez mais mágico!

Ator Narrador

Escuta Zé, você que anda tanto por aí, sabe onde a gente pode achar a felicidade?

Zé Bodó

Olhe, eu não sei bem, não. Agora eu vou deixar com vocês a alegria, ela pode dar uma boa ajuda. Quando vocês aparecem para ver nosso espetáculo?

Ator Narrador

Nós estamos fazendo esta viagem, quando voltarmos apareceremos por lá. Tá legal?

Zé Bodó

Tá bom. Toca aí o Danúbio Azul, que é para eu ir embora dançando.

(Ator toca num realejo ou flauta a música, enquanto o outro acompanha com uma lanterna)

Ator Narrador

Bem gente, agora que nós já temos alegria, que tal continuar a procurar?

Ator Narrador

É legal, sim. Vamos olhar em volta.

Ator Narrador

Vamos ver como está nosso espaço?

(Enquanto os atores dialogam, outros preparam uma projeção, usando teatro de sombras. Surgem imagens de edifícios, fábricas, pessoas correndo etc., acompanhadas de buzinas e outros ruídos)

Ator Narrador

Que coisa mais sem graça!...

Ator Narrador

Não gostei nada!...

Ator Narrador

Gente, e se nós atravessássemos o caminho?

Ator Narrador

Acho ótimo!...

Ator Narrador

Vamos, então?...

Ator Narrador

Vamos...

(Fazem, em expressão corporal, o percurso de um caminho, enquanto cantam)

Eu quero andar no espaço / Em cor, em vibração / Num caminho verde / A correr, a rolar / E a todos encontrar / Sem medo de sorrir / Sem medo de cantar / Caminhando contra o vento / Descobrimos mundos.

(Terminada a música, um dos atores pega um pano que dá a ideia de um arco-íris, enquanto outro se transforma num sol)

Ator Narrador

O arco-íris!...

Ator Narrador

E o sol nascente!...

Sol

Pois é amigo Arco-Íris, ninguém aparece mais por aqui. Os habitantes da cidade de papel esqueceram da gente.

Arco-Íris

Ora, nunca mais as minhas cores se espalharam pelas ruas. Só pintam tudo de cinza.

Sol

Criaram um muro tão grande que não posso mais passar por lá...

Ator Narrador

Ei, amigo, tem gente aqui!...

Arco-Íris

Veja amigo Sol, gente!... Que maravilha!...

Sol

Bom dia!...

Ator Narrador

Bom dia, viemos aqui lhe visitar. Trouxemos conosco a alegria, a ideia e o sentimento.

Sol

Que é que vocês desejam?

Ator Narrador

Nós estamos procurando uma amiga nossa, talvez você saiba onde encontrá-la...

Sol

Quem é esta amiga de vocês?

Ator Narrador

Ela se chama felicidade.

Sol

Ora, despertem o calor que existe em vocês, que será mais fácil.

Ator Narrador

Você pode nos ajudar?

Sol

Claro, vou fazer o seguinte: meus raios descerão até aí e vocês brincam com eles, daí a vontade lhes acompanhará, porque há muito caminho para chegar até onde a nossa amiga se encontra. (*O ator que faz o Sol distribui, com os outros, pequenos fogos de artifício*). Eles acompanharão vocês, enquanto eu estiver aqui e vocês puderem me ver.

Ator Narrador

Enquanto a gente puder lhe ver?

Sol

É... vocês estão em movimento, daí vai chegar uma hora que eu vou deixar de ser visto, então surgirá a noite com a lua nova, as estrelas.

Ator Narrador

Poxa, você está ficando difícil de ser encontrado...

Sol

Não. É só procurar como vocês, além dos edifícios, nas areias das praias, nos campos, ou então das janelas dos ônibus. Também, parando na rua e do banco do jardim, olhando o horizonte, que eu vou estar sempre presente em vocês e vocês em mim.

Ator Narrador

Tá legal! Muito obrigado! Escute, você sabe qual país nós vamos chegar agora?

Arco-Íris

Vocês estão caminhando para o país do ser...

Ator Narrador

Mas isto aqui não é um teatro?

Arco-Íris

É, sim... eu já ia me esquecendo...

Sol

É que nós estamos mostrando este país através do teatro. Qual é mesmo a próxima cena?

Ator Narrador

O encontro com a árvore...

Ator Narrador

Ih!... é mesmo. Deixa eu representar meu papel. Mas como é que eu vou fazer esta caracterização?

Ator Narrador

Ora, usando todos os meios que você tem para comunicar e passar o seu sentimento e as suas ideias.

Arco-Íris

Claro, teatro não é só falar e fazer careta...

Ator Narrador

Ok! Deixa então eu brincar de ser uma árvore, me balançando ao vento...

(Pega um tecido verde e se transforma numa árvore)

Ator Narrador

Você é a Verdinha...

Ator Narrador

Ah!, eu vou fazer também, vou ser o verde-limão...

Ator Narrador

E eu o verde-rasteiro...

Verdinha

(Cantando)

Eu sou a Verdinha que o vento balança e espalha esperança.

(Entra um dos atores com um regador, cantando)

Nasce verdinha e se espalha, / Deixa que o vento embalance / E espalhe a esperança.

(Terminada a música um Ator pergunta)

Ator Narrador

Hei, árvore, você sabe onde é o país do ser?

Ator Narrador

Nós estamos procurando nossa amiga felicidade e ainda não conseguimos encontrá-la.

Verdinha

Eu sei que é onde mora o Vento Azulão.

Ator Narrador

O Vento Azulão?

Verdinha

É sim!...

Ator Narrador

Como podemos falar com ele?

Verdinha

Ele sempre aparece, quando a gente canta uma ciranda...

Ator Narrador

Ciranda?

Verdinha

Pois é... uma cantiga de roda.

Ator Narrador

Alguém se lembra de uma ciranda, pessoal?

Ator Narrador

Eu sei, eu sei, sim. Me dá aí um violão.

Achei bom, bonito / Meu amor brincar / Cirandas maneiras / Vem cá cirandeira / Vem te balançar. / Eu ia pra boa viagem / E minha namorada / Estava morando em Candeias (bis) / Não vá morena / Morena lá / Que o mar tem areia / Mandei fazer uma casa de farinha / Bem maneirinha que o vento possa levar / Oi, passa o sol / Oi, passa a chuva / Oi, passa o vento / Só não passa o movimento / Do cirandeiro a rodar / Ô cirandeiro, ô cirandeiro ó / A pedra do teu anel / Brilha mais do que o sol (bis).

(Enquanto cantam, um dos atores traz uma vara de cata-ventos em movimentos que variam de intensidade, rodopiando em torno da roda)

Ator Narrador

Gente, olha aí o Vento Azulão!...

Ator Narrador

Ih! mas ele é todo colorido.

Ator Narrador

Você é sempre assim?

Vento Azulão

Às vezes eu venho todo de preto, quando as pessoas estão sem amor e sem vontade...

Ator Narrador

É por isto que fica então tudo escuro...

Vento Azulão

Pois é... A tempestade me acompanha e então a gente espalha o ódio para as pessoas se unirem mais e se darem umas para as outras.

Ator Narrador

E quando elas não se dão?

Vento Azulão

O medo toma conta e as deixa cegas, não veem mais nada, caem num buraco escuro de onde é muito difícil sair... Só enxergam a si mesmas. Se tornam egoístas e cheias de ódio.

Ator Narrador

É por isto que fazem a guerra, não é?

Vento Azulão

Também...

Ator Narrador

Por causa do medo de perder... Por causa do medo de se darem...

Ator Narrador

Você conhece o medo?

Vento Azulão

Conheço, sim. Certa vez eu fui ao seu país. É muito escuro realmente e cheio de corredores. Quando um raio de sol penetra em sua casa, ele se fecha todo. Tranca portas e janelas e nunca olha de frente.

Ator Narrador

Mas deve ser muito triste...

Vento Azulão

É, sim... Até quando ele sorri, porque nunca é uma gargalhada. É sempre um sorriso pela metade e cortado. *(Pegando uma máscara num saco que carrega nas costas)*. Como esta máscara que eu encontrei pelo caminho...

Ator Narrador

Não tem jeito da gente ajudá-lo?

Vento Azulão

Só se virá-lo pelo avesso...

Ator Narrador

Virar o medo pelo avesso...

Ator Narrador

Olha, eu vou começar por este caminho porque eu tenho medo de cinza. Quem sabe? Talvez surja outra cor, não é? Vocês me ajudam?(*O grupo vira o pano, que por dentro é um tapete de retalhos coloridos, enquanto um som é ouvido de fundo*). Viu só, meu caminho perdeu o medo. Está tudo colorido!...

(Enquanto um Ator pega uma cartola e vira pelo avesso, saindo sapos, ratos, cobras, aranhas, um outro vira uma sombrinha, de onde sai serpentinas, confetes, apitos, língua-de-sogra etc.)

Ator Narrador

Vê só o que saiu!... O Carnaval!

(Entra um frevo, todos dançam)

Vou virar pelo avesso esse medo, agonia. / Vou fazer dessa dança um amor de folia / Só o frevo me ensina / Não sofrer quatro dias / Me apegando, pegando. / Outra vida no ar do som do trio elétrico, / Morena. / Não há ego, não há nada. / Só mesmo a vontade / De explodir de alegria.

Ator Narrador

Bem, vamos esquecer este tal medo e continuar nossa estória.

Vento Azulão

*(Pegando incensos, folhas, frutas, tintas e alguns instrumentos sonoros, dando para os **atores**)*. Olha, a felicidade mandou um presente pra vocês. Se gostarem, o prazer vai levá-los até onde ela mora. Vou deixar também os cata-ventos. Assim é só fazer um movimento e a animação deixará vocês no país dos sentidos. Bem, eu vou indo.

(Dá o material, ao mesmo tempo em que, com um metal, faz um som, criando um clima para o elenco improvisar, passando para o público também o material deixado)

Ator Narrador

E assim os nossos amigos começaram a encontrar a vida.

Ator Narrador

(Interrompendo). Ei, você é o fim?

Ator Narrador

Não, eu sou o meio. Este espetáculo não tem fim. Continua enquanto o homem caminha e vive em liberdade. Eu sou o contador das estórias...

Ator Narrador

Ah! Você é o autor desta peça. Você é teatrólogo...

Ator Narrador

É... Agora eu também conto estórias nos cinemas, na televisão, no rádio, nos jornais. Uso outros meios para me comunicar.

Ator Narrador

Olhe, vê se conta umas estórias que não tenha tanta briga, tanto herói, bandido, fala mais do homem mesmo, tá? Mostre mais as pessoas, que é pra ver se, na minha cidade, a gente se entende melhor!... Tã legal? O que é que vem, agora? Qual a próxima cena?

Ator Narrador

As ondas do mar.

Ator Narrador

As ondas do mar?

Ator Narrador

É, sim...

Ator Narrador

Claro, agora vamos navegar, pois é preciso. Ou melhor, vamos brincar de navegar. Cadê o papel para fazer o barquinho? (*Pegam uma folha de papel*). Gente, vamos atravessar o mar para chegar à baía de todas as marés.

(O Narrador pega um copo d'água e, com um canudo de mamão, faz barulhos de música do mar, enquanto os demais completam com outros sons)

Ator Narrador

Está muito fraco este mar, vamos ver se a gente faz uma onda musical mais forte...

Ator Narrador

Precisa de mais gente. Precisa de todo mundo fazendo a música das ondas do mar...

Ator Narrador

Escuta, você vai continuar narrando?

Ator Narrador

Agora, eu vou chamar o meu amigo Violeiro, que mora numa cidade do interior. Iluminador dê uma luz de fim de tarde, pois vem aí a lua brincando com o bumba-meu-boi!

(Um dos atores pega um banco, um jaleco e um chapéu de vaqueiro e começa a tocar, enquanto os outros vão buscar o bumba-meu-boi. Após algum tempo, o Violeiro para, estranhando a demora do pessoal para trazer o boi)

Violeiro

Gente, nós precisamos dar continuidade ao espetáculo, senão o ritmo quebra e fica um branco. O que é que está acontecendo? Ih!... que cara é esta? Parece até tragédia grega!...

(Ator entrando visivelmente triste)

Ator Narrador

O espetáculo vai ficar triste agora...

Violeiro

Ah, é? O que é que houve?

Ator Narrador

O boi foi passear na rua e levaram ele para o abatedouro!... O coitado tava lá amuado!

Violeiro

Como é que você soube disso?

Ator Narrador

Eu vi tudo e fui até lá, me responsabilizando por ele, o dono do abatedouro deixou que ele viesse comigo. Disse que ele não era boi para abate e que não servia para nada! Achou, inclusive, muito estranho um boi todo colorido. O bicho tá aí. Mas o bicho está amuado e não quer sair do canto. Está lá. Paradão!...

Violeiro

Poxa, mas nem sabendo que tem esse pessoal todo aqui, ele não vem?

Ator Narrador

Eu não sei, sabe? Quando a gente não tem alegria a gente não quer ver ninguém.

(Violeiro cantando)

O meu boi morreu / Lá na catiara / Mataram meu boi / Não me deram nada.

Ator Narrador

Ih! você está tornando a cena mais triste do que quando começou!... Vê se canta uma música mais alegre porque, desse jeito, ele não vem mesmo. E eu não gosto de estória que não termina bem.

Ator Narrador

Você gosta de um happy end!...

Violeiro

Que é isso de happy end?

Ator Narrador

E viveram felizes para sempre...

Violeiro

Olha, às vezes acontece dessas. As coisas não saem como a gente deseja.

Ator Narrador

A gente vai desistir da cena?

Violeiro

Não, vamos ver se resolvemos a situação. Eu não sei bem o que fazer para reanimar esse boi.

Ator Narrador

Olha, eu acho que se você cantar uma música mais alegre, ele vem.

Violeiro

Um rock?

Ator Narrador

Pode ser um rock!...

Violeiro

Bem, deixa eu pegar minha guitarra e ver o que sai. *(Canta o rock de acordar o boi. Todos participam cantando e dançando).*

Don don don / Lá vai o rock / Pra acordar o Roque / Roque, Roque, Roque / Pra alegrar o bumba-meu-boi / Que veio das bandas do norte. / Pisa na linha boi – né / Levanta o boi – boi né / Abre a janela pra não vadiar / Onde vai, meu boi janeiro / Onde vai, eu vou brincar.

(O grupo dança o rock, mas o boi não aparece. Sai um dos atores)

Violeiro

E agora?

Ator Narrador

(Voltando). Olha, o rock balançou o boi, mas não deu para animá-lo a dançar o bumba.

Violeiro

É... vamos ter que parar a peça aqui.

Ator Narrador

Eu tenho uma ideia. Vê só: o que é que vocês acham de a gente enviar uma mensagem pela Rádio Sonoridade a todos os nossos amigos, explicando a situação e pedindo ajuda?

Ator Narrador

Ótimo!... Vamos telefonar para lá agora mesmo. *(Pegando um telefone de caixa de fósforos, enquanto outro ator entra fazendo um locutor de rádio com um microfone na mão)*. Alô!... É da Rádio Sonoridade? Gostaria de dar um aviso!...

Locutor

Pois não!...

Ator Narrador

É o seguinte: aqui é do teatro busca vida, nós queríamos avisar aos amigos que o bumba-meu-boi não está querendo brincar hoje, se eles têm alguma maneira de reanimá-lo!...

Locutor

Pois não... O serviço de utilidade pública vai divulgar o seu recado: alô, alô, ouvintes da Rádio Sonoridade, pedimos a quem ouvir esta nota avisar aos amigos do boi-bumbá que seus colegas do teatro busca vida não podem continuar o espetáculo, pois ele está muito chateado e não quer entrar na cena! Alô, amigos do teatro busca vida, a mensagem já foi para o ar...

Ator Narrador

Nossa, que rapidez, a informação hoje em dia é na hora!...

Ator Narrador

Pessoal, eu também preparei um comunicado aqui, ô!... É um aviso para distribuir com o pessoal!...

Ator Narrador

Me dá, que eu ajudo!...

(Distribuem com o público os papéis)

Ator Narrador

Pessoal, já começou a chegar um bocado de coisas aqui!...

Ator Narrador

Vamos ver o que é?

(Ator entra trazendo presentes para o boi)

Ator Narrador

(Trazendo um caixote com terra e uma carta). Um sonho para o meu amigo boi-bumbá, quem manda é a Verdinha... Um pedaço de terra onde ele poderá correr à vontade, deitar e rolar.

Ator Narrador

Ah! O Vento Azulão também manda duas asas para quando tiver vontade, ele voar.

Ator Narrador

O nosso amigo Sol mandou uma fogueirinha para, nas noites de São João, ele dançar a quadrilha.

Ator Narrador

O Arco-Íris mandou estas bandeirolas que, se espalhando ao espaço, deixa tudo colorido!...

Ator Narrador

Olha, aqui, um outro presente de Verdinha! Um galho de alfazema para ele cheirar!...

Ator Narrador

O mágico do circo Corre Mundo mandou um caminho de flores!...

Ator Narrador

O Zé Bodó, um bocado de amigos. Esse pessoal todo aí da plateia. E mais um bocado que está longe daqui.

Ator Narrador

O Dondon Pensante mandou um céu azul com todos os astros e estrelas e o infinito...

Ator Narrador

Eu vou dar um coração bem vermelhinho para bater bem forte *(Ouve-se um som)*.

Ator Narrador

Ihhh!... Lá vem ele!...

Violeiro

E eu vou pegar minha viola e cantar a música que ele mais gosta!...

(Ator Narrador cantando)

Aqui estou em vossa porta / Com um fechinho de lenha / Mas, com um fechinho de lenha / Esperando pela resposta / Que de vossa boca venha / Mas, que de vossa boca venha / Senhora dona de casa / Olho de pedra real / Mas olho de pedra real / Das pedras mais finas /

Onde as ondas combatem o mar / Mas onde as ondas combatem o mar. / Senhora dona de casa / Olho de pedra redonda / Mas olho de pedra redonda / Daquela pedra redonda / Aonde o mar combate as ondas / Mas, aonde o mar combate as ondas / Vem meu boi bonito / Vem dançar agora / Já deu meia-noite / Já rompeu a aurora.

Violeiro

Eh! Lá vem a fera...

Todos

Deixa vir!

Violeiro

Eh! Fera danada!...

Todos

Deixa vir!...

Violeiro

Eh! Lá vem a fera!...

Todos

Deixa vir!...

Cavalo-marinho chega mais pra diante / Faz uma mesura pra toda gente / Cavalo marinho dança no terreiro / Que a dona da casa tem muito dinheiro / Cavalo marinho dança na calçada / Que a dona da casa tem galinha assada / Cavalo marinho já são horas já... / Dá uma voltinha e vai pra teu lugar (bis).

Violeiro

(Saindo com o boi).

Vem meu boi bonito / Vem vamos embora / Já deu meia-noite / Já rompeu a aurora.

(Enquanto alguns atores levam o boi, um tira o manto e fala para o público)

Ator Narrador

Gente, vamos aproveitar o manto da noite e dormir um pouco. Vocês não acham que é hora de descansar? Temos muito caminho pela frente...

(Adormecem. Um Ator toca uma flauta, enquanto uma Atriz entra, após algum tempo, com uns fogos de artifício, que queimando explode estrelas. Há uma mudança de luz)

Ator Narrador

Você é a estrela da manhã?

Estrela

Eu sou a estrela invisível...

Ator Narrador

Invisível coisa nenhuma, eu estou lhe vendo!... Que papo é esse? Como é seu nome?

Estrela

Vênus.

Ator Narrador

Mas eu estou lhe vendo!...

Estrela

Você e todas as pessoas que encontram a felicidade!...

Ator Narrador

Quer dizer que a gente já encontrou a felicidade? Bem que eu estava desconfiado!...

Estrela

Vamos acordar o pessoal?

Ator Narrador

Vamos, sim! Acordar todo o mundo! Como, em Vênus?

Estrela

Tocando, cheirando, cantando, beijando, descobrindo, procurando, dialogando, trocando, dividindo, se unindo.

Ator Narrador

Quer dizer que pensavam que as coisas só podiam acontecer com uma varinha de condão?

Estrela

Pois é!...

Ator Narrador

E, no entanto, é só despertar a vida que tudo se torna possível...

Estrela

É acreditar e ser.

(Tira o manto que encobre o pessoal, despertando-os)

Ator Narrador

Pessoal, a estrela da manhã já acordou. Está na hora de seguir caminho.

Ator Narrador

A estrela da manhã?

Ator Narrador

É... o amor , o seu poder de magia!...

Ator Narrador

Ah! Então vamos queimar este papel aqui...

(Enquanto um ator pega um papel jornal onde está escrito impossível, os outros fazem um círculo e põem fogo no papel)

Ator Narrador

Escuta, vai terminar a estória?

Ator Narrador

Parece...

Ator Narrador

Mas o narrador não disse que não tinha fim?

Ator Narrador

E não tem, não! Ela continua em outros lugares, em outros espaços, com outras pessoas, enquanto existir a vida, a vontade de viver e o amor unindo as pessoas.

(Entra um som. Os atores cantam a música-tema, enquanto vão trazendo presos a bolas de gás objetos vários como: casas, chapéus, corações, gaiolas, relógios, soltando pelo teatro)

Eu quero andar no espaço / Em cor, em vibração. / Num caminho verde / A correr e rolar / Sem medo de sorrir / Sem medo de cantar / Caminhando contra o vento / Descobrimos mundos.

(Saem cantando até o foyer e distribuem sementes com a plateia)

FIM



Foto 1 – Marcelo Prado, Gena Ribeiro e Iami Rebouças



Foto 2 – Elenco da peça *Um dia, um sol*



Foto 3 – Marcelo Prado, Iami Rebouças e Gena Ribeiro



Foto 4 – Marcelo Prado



Foto 5 – Marcelo Prado, Iami Rebouças, Gena Ribeiro e Eduardo Albuquerque



Foto 6 – Marcelo Prado



Foto 7 – Marcelo Prado, Iami Rebouças, Eduardo Albuquerque, Gena Ribeiro, Jardel Costa, André Borges, Amadeu Alves e Fabrício Rios



Foto 8 – Isabela Malta e Marcelo Prado

FICHA TÉCNICA

DEOLINDO CHECCUCCI

Autor e Diretor

MANOLO ARAÚJO / SIBELE AMÉRICO

Produção

EURO PIRES

Cenografia, Ilustração, Adereços e Figurino

JORGE CLÁUDIO ALVES (GRINGO)

Cenotécnica

FÁTIMA MENEZES

Coreografia

GIDEON ROSA

Divulgação

LUIS VALASCO / EURO PIRES

Chapéus e Máscaras

DALVINHA

Costura

AMADEU ALVES

Composição e Direção Musical

AMADEU ALVES / DEOLINDO CHECCUCCI

Letras

NETINHO

Preparação Vocal

PATRICK SCHMITT

Iluminação

EDMUNDO CESAR

Operação de Luz

INTERMÍDIA PUBLICIDADE

Cartaz e Programa

IAMI REBOUÇAS / MARCELO PRADO / EDUARDO ALBUQUERQUE / GENA RIBEIRO

Elenco

ANDRÉ LUIZ CERQUEIRA / AMADEU ALVES RIBEIRO / FABRÍCIO CUNHA RIOS / JARDEL COSTA

Músicos e Atores



**na lua,
na rua,
na tua**

musical em um ato de Deolindo Checkucci

CANTANDO PARA A LUA *

Evoca com ternura as relações entre pais e filhos, abordando a questão do cotidiano mecanicista que afasta adultos de crianças e destrói a poesia da vida.

O espetáculo infantojuvenil *Na Lua, na Rua, na Tua*, com texto e direção de Deolindo Checcucci, voltou a cartaz ontem, às 17 horas, no Teatro Acbeu. O musical, encenado pelo grupo Asa Branca e que recebeu recentemente o Prêmio Copene de Teatro nas categorias Melhor Autor e Melhor Espetáculo InfantoJuvenil, estreou em setembro passado e cumpriu temporada de sucesso no Teatro Jorge Amado.

A peça conta a história de Aloísio, um menino de 11 anos que mora com o pai, que é separado da mãe. Um dia ele resolve ir para a rua conversar com a lua. Como não consegue, porque ela não aparece, o garoto resolve cantar para atraí-la. O pai, estranhando seu comportamento, tenta de qualquer maneira fazer com que ele entre em casa. Amigos se unem a ele, e a avó, vendo aquela festa, também se une ao grupo. De tão irritado, o pai se transforma em um dragão. São Jorge desce da lua para enfrentá-lo. O menino, seus amigos e sua avó criam um plano para que o pai de Aloísio volte ao normal. A partir daí muitas surpresas até chegar em um final surpreendente.

Com essa história singela, o espetáculo tem tocado fundo adultos e crianças. A montagem evoca com ternura as relações entre pais e filhos, abordando a questão do cotidiano mecanicista que afasta os adultos das crianças e destrói a poesia da vida. Essa crítica surge como elemento de reflexão e reivindicação para ser trabalhado pelas crianças e pelos pais ou pessoas que as acompanham ao teatro. De uma certa maneira o autor mostra o distanciamento cada vez maior entre a figura do pai e a figura do filho, com o homem representando o pragmatismo e a criança representando o sonho e o imaginário.

Na Lua, na Rua, na Tua, estruturado como musical e repleto de fantasia, reúne músicas de compositores brasileiros que têm a lua como tema e permite às crianças um contato com um universo lúdico e questionador e ao mesmo tempo aproxima a criança do cancionário popular. Entre as músicas estão “Lua Bonita”, de Zé do Norte; “Tico Tico no Fubá”, de Zequinha de Abreu e Eurico Barreiros; “Lua de São Jorge”, de Caetano Veloso; “A Gente Precisa ver o Luar”, de Gilberto Gil; “Oxum”, de Gerônimo e Vevé Calazans; “Luar do Sertão”, de Catulo da Paixão Cearense, e “Chorinho pra Sorrir”, de Amadeu Alves.

* Texto publicado no jornal *A Tarde* em 07 de maio de 2000, na Seção Revista da TV, coluna Controle Remoto. Atualizado pela nova ortografia.

Na Lua, na Rua, na Tua

Musical para crianças em um ato de Deolindo Checcucci

Esta peça é uma homenagem à lua e aos poetas que saíram um dia
à rua e cantaram para ela.

PERSONAGENS

Aloísio Pai
Aloísio Filho
Vó Vespertina
São Jorge
Aluada
Rasta
Zen
Rapadura
Cavaco

CENOGRAFIA

O cenário da peça é composto de um linólio oval, azul, com estrelas brancas pintadas, que toma todo o palco, e uma escada prateada de abrir e fechar. A escada tem também várias funções no espetáculo. Os espelhos indicados no texto devem ser pouco maiores que os atores que interpretam os personagens, e completam a cenografia na cena final. Fica a critério da direção dar mais utilidades à escada, além das indicadas no texto, bem como inserir outros elementos.

Aloísio Filho carregando uma escada, entra no palco vazio. Na área direita, encosta a escada, ajeitando-a, sobe um pouco, mas logo desiste. Carrega-a novamente indo ao centro do palco, subindo agora mais alguns degraus. Para. Olha para cima e percebe por alguma razão que aquele não é o lugar certo. Desce e carrega a escada para a esquerda alta. Agora, mais confiante, ele sobe todos os degraus, e ao chegar ao topo põe a mão sobre os olhos para ver melhor o objeto que procura. Parece ter conseguido, mas não é o que ele procura. Melancólico, toca no realejo “Lua Bonita”, como se estivesse chamando alguém que gosta muito.

À medida em que ele vai tocando, vão entrando Aluada, Zen, Vó Vespertina, Rasta, Aloísio Pai, Rapadura e Cavaco – que é um personagem que não fala, ou melhor, todo o diálogo dele é com um cavaquinho, que traz debaixo do braço.

Eles se colocam em diferentes pontos do palco. Todos olham para Aloísio Filho indagativos e curiosos. Alguns se deixam embalar mais pela música do realejo. Aluada dança enquanto ele toca, Zen brinca com um ioiô, que acende à medida que ele se diverte. Vó Vespertina tem um amor-perfeito na mão que vai tirando as pétalas enquanto a música toca. Ela desmonta e monta o amor-perfeito ouvindo a música. Rapadura e Cavaco tiram panos coloridos do violão e do cavaquinho. Rasta toca o timbau em câmara lenta. Aloísio Pai é o único personagem que olha zangado para o filho, com uma cara feia de quem não está gostando. Ele fica todo o tempo com os braços cruzados a indagar o que o filho quer em cima daquela escada. Aloísio Filho para de tocar o realejo e canta agora “Lua Bonita”, de Zé do Norte, acompanhado por Rapadura, Zen, Cavaco e Rasta.

(Aloísio Filho cantando)

Lua bonita / Se tu não fosses casada / Preparava uma escada / Para ir no céu te beijar / E se casasse o teu frio / Com meu calor / Pedia a Nosso Senhor / Para contigo casar / Lua bonita / Me traz aborrecimento / Ver São Jorge num jumento/ Pisando o teu quilarão / Por que casastes com / Um homem tão sisudo / Que come, dorme, faz tudo / Dentro do teu coração / Lua bonita / Meu São Jorge é teu senhor / É por isso que ele vive / Pisando teu esplendor / Lua bonita, se tu queres/ Meu conselho / Vai ouvir um tom alheio / Quem te fala é meu amor / Deixa São Jorge / No seu jubaio amontado / E vem cá para o meu lado / Pra gente viver sem dor / Deixa São Jorge / No seu jubaio amontado / E vem cá para o meu lado / Pra gente viver sem dor.

(À medida que a música cresce, cresce a irritação de Aloísio Pai. Ele está no centro do palco a olhar em diagonal para o filho. Os personagens vão saindo, só ficando o Pai e Aloísio. Ele pega um sininho e toca como se fosse uma campainha para chamar alguém. O pai interrompe a ação do filho com uma expressão de quem já está de saco cheio)

Aloísio Pai

Está satisfeito?

Aloísio Filho

Satisfeito? Não. Ela ainda não ouviu!

Aloísio Pai

Filho! Vamos parar com isso! Vamos para casa! A sua mãe ligou e quer falar com você.

Aloísio Filho

Pode ir andando. Eu vou daqui a pouco. Vou insistir mais um pouco. Quem sabe ela resolve aparecer...

Aloísio Pai

Filho, você ouviu o que eu disse?

Aloísio Filho

Ouvi, sim. Mamãe quer falar comigo.

Aloísio Pai

E então?

Aloísio Filho

Se ela ligar e eu ainda não tiver chegado, diz pra ela ligar mais tarde.

Aloísio Pai

Mas ela quer muito falar com você. É melhor você ir e esperar.

Aloísio Filho

Eu também quero falar com ela. Só que eu preciso ficar aqui mais um pouco.

Aloísio Pai

(Alterando a voz). Meu filho, é sua mãe quem quer falar com você. Sua mãe!...

Aloísio Filho

(Calmo). Eu também quero falar com ela. Só que não dá para sair agora! Pode ir andando, papai. Eu tenho que ficar mais um pouco. Ela ainda não apareceu!

Aloísio Pai

Ela quem, meu filho?

Aloísio Filho

Ora, quem! Vai dizer que você não sabe! A lua!

Aloísio Pai

(Estranhando e duvidando do que ouviu) A lua?!...

Aloísio Filho

É...

Aloísio Pai

Olha, é demais para mim! Eu vou embora!

Aloísio Filho

Pai, não fique chateado! Diz para a mamãe que eu chego e ligo para ela.

Aloísio Pai

E se ela ligar e você não estiver em casa é porque você está esperando a lua! Ô, meu filho! Deixa eu cuidar de minha vida! Meu tempo é muito precioso. Não dá para perder com... a lua! Deixe eu ir. *(Vai saindo).*

Aloísio Filho

Até mais, pai! Olha, não fica chateado, tá? *(Ele não dá atenção).* Daqui a pouco eu tô lá!

(Ouve-se um som forte de um timbau. É Rasta quem chega, cantando e tocando)

Andei, andei, mamãe / Para conhecer. / Caboclinho de pena / Mamãe / Nesse canjerê / Abri as portas do céu / para receber / Caboclinho de pena / Mamãe, / Nesse canjerê.

(Aloísio ainda em cima da escada pega um triângulo e acompanha o canto de Rasta. Ao terminar o canto, eles conversam)

Rasta

Oxente! Que é que você está fazendo aí em cima desta escada?

Aloísio Filho

Esperando a lua.

Rasta

(*Estranhando*). Esperando a lua!?...

Aloísio Filho

É

Rasta

É. É isso aí! Cada macaco no seu galho!

Aloísio Filho

E você ? Está indo para onde?

Rasta

Não estou indo. Estou vindo. Vindo do ensaio do meu bloco. (*Tira uns sons do timbau*). Gosta de música?

Aloísio Filho

E como!

Rasta

Então vem comigo! Vamos até lá em casa fazer um som.

Aloísio Filho

Outro dia. Hoje não dá. Ela não apareceu ainda.

Rasta

(*Tocando o timbau e ensaiando uma saída*). – Então deixa eu ir.

Aloísio Filho

(*Descendo a escada e falando*). – Espera. Não dá para você ficar mais um pouco? Quem sabe, a gente cantando uma canção, ela aparece?

Rasta

Pode ser. Ainda é cedo. Mas o timbau sozinho pode assustar a lua.

Aloísio Filho

Será?

Rasta

Claro! Hoje é dia de lua nova. Ela está pequenininha. É melhor ter um violão para chamar ela.

Aloísio Filho

E onde a gente pode conseguir um violão?

Rasta

Eu tenho um amigo que toca um bocado! É o Rapadura.

Aloísio Filho

Será que ele topa vir até aqui?

Rasta

Eu posso ir até a casa dele e dar um toque. Eu não estou com sono mesmo! E, conhecendo Rapa, eu acho que ele não vai recusar fazer um som.

Aloísio Filho

Então, dá essa força!

Rasta

Está bem. Me espera aqui!

(Toca o timbau e vai saindo. Aloísio fica muito animado e dança enquanto ouve-se o timbau, sem perceber que sua avó vem entrando. Ela chega com um vaso de flores na mão e dança também com o som da timbalada. O som vai desaparecendo)

Vó Vespertina

Taí! Gostei do som. É ótimo para dançar. E na alegria que eu estou, chegou na hora certa! Aloísio, meu neto, seu pai tá que tá!

Aloísio Filho

Como assim, vó?

Vó Vespertina

Está esperando você! Já fumou uma carteira de cigarro! É fumaça pra todo canto.

Aloísio Filho

Mas eu falei com o papai que estava ocupado. Não dava para ir logo. A mamãe já ligou?

Vó Vespertina

Não. Eu disse a ele: para com esta agitação, homem de Deus! Quando ele chegar, fala com a mãe dele!

Aloísio Filho

Pois é...

Vó Vespertina

O negócio é que desde que seus pais se separaram esta é a primeira vez que você fica um tempo maior com seu pai. E ele não quer que sua mãe imagine que ele está sendo irresponsável com você.

Aloísio Filho

Mas o papai não tem que pensar estas coisas!

Vó Vespertina

Eu sei, eu sei. Você está aqui aguardando a lua! Eu não vejo problema nenhum. Pelo contrário, eu acho ótimo, porque eu também adoro a lua! Só que ele está preocupado com o telefonema de sua mãe. E quando ele está preocupado com alguma coisa não tem quem dê jeito.

(Ouve-se o som de “Tico-tico no fubá”, de Zequinha de Abreu, com letra de Eurico Barreiros)

Vó Vespertina

Eu não acredito no que estou ouvindo! É o Tico-tico no fubá! Eu não resisto!

(Começa a dançar e cantar a música. Aloísio Filho pega um triângulo e se integra ao grupo. Todos dançam e tocam enquanto ela canta, lembrando Carmem Miranda no gestual)

(Vó Vespertina cantando)

Um tico-tico só / Um tico-tico lá / Já está comendo / Todo, todo o meu fubá / Olha, seu Nicolau / Que o fubá, se vai / Pegou no meu pica-pau / E um tiro sai, / coitado... / Então eu tenho pena / Do susto que levou / E uma cuia cheia / Mais fubá eu dou / Alegre já / Voando, piando / Meu fubá, meu fubá / Saltando de lá pra cá / Tico-tico, engraçadinho / Que estás sempre a piar / Vá fazer o teu ninho / E terás assim um lar / Procure uma companheira / Que eu te garanto o fubá / De papada sempre cheia / Não acharás a vida má. / Houve um dia lá / Que ele não voltou, / E seu gostoso fubá / O vento levou / Triste fiquei / Quase chorei / Mas então vi / Logo depois / Já não era um / Mas sim já dois / Quero contar baixinho / A vida dos dois, / Tiveram seu ninho / E filhinhos depois / Todos agora / Pulam ali / Saltam aqui / Comendo sempre o fubá / Saltando de lá pra cá.

(Parando de cantar). Mas que maravilha! Quem são vocês?

Aloísio Filho

São uns amigos meus! Este é Rasta, o outro é Rapadura e...

(Enquanto ele fala, entra Zen, muito lentamente, se encosta na escada e fica contemplativo, olhando o nada. Eles não percebem a presença de Zen)

Rasta

Boa noite, tia.

Vó Vespertina

Tia, não. Vó.

Rasta

Boa noite, vó. Este aqui é Rapadura, um amigo bom de violão, e o outro é Cavaco, cobra no cavaquinho!

Vó Vespertina

Já gostei. Já gostei! Agora, me digam onde aprenderam a tocar *Tico-tico no fubá*?

Rapadura

Com meu pai. Ele tem um bocado de discos dos Novos Baianos. Eu ouvi e tirei no violão. É gostoso, não é?

Vó Vespertina

Gostoso? Gostoso é apelido. É uma delícia! O Zequinha de Abreu estava inspirado quando fez esta música!

(Eles tocam baixinho, enquanto a Vó conversa com Aloísio Filho)

Vó Vespertina

Eu vou indo que eu tenho um compromisso inadiável.

Aloísio Filho

Diz para o pai não se preocupar, tá bom?

Vó Vespertina

(Misteriosa). Eu não estou indo para a casa de seu pai. Eu estou indo para a minha casa!

Aloísio Filho

Ah é? Tudo bem! A esta altura, a mãe já ligou e deve ter acalmado ele. Mas que flores são estas em suas mãos?

Vó Vespertina

Amor-perfeito! Estou levando para enfeitar a minha sala!

Aloísio Filho

Está esperando visita?

Vó Vespertina

(Fazendo charme). Estou sim.

Aloísio Filho

E quem é que vai chegar? Deve ser alguém muito especial! As flores são tão bonitas!

Vó Vespertina

Especialíssimo! (*Em segredo para o neto*). É meu namorado!

Aloísio Filho

(*Estranhando*). Namorado?!

Vó Vespertina

É, sim. Por que o espanto?

Aloísio Filho

Eu pensei que...

Vó Vespertina

Pessoas de mais idade não namoram mais? Estás muito enganado! É até mais gostoso, mais calmo, mais curtido! Ele me faz cada cafuné que eu vejo estrelas! Ahn!

Aloísio Filho

Tá bom, vó.

Vó Vespertina

Bem, deixa eu ir que eu vou tomar um banho de folha de alfazema pra ficar bem cheirozinha e com muita energia para curtir este momento lindo! Ciao! (*Sai*).

(Aloísio Filho vira-se e vê Zen. Rapadura, Rasta e Cavaco percebem também que Zen está presente e se dirigem até ele)

Aloísio Filho

Oi, Zen! Tudo bem?

(Zen balança a cabeça afirmativamente)

Aloísio Filho

Estes aqui são Rasta, Rapadura e Cavaco.

Rapadura

Tudo bem, meu?

Rasta

Oi, irmão!

Zen

Oi... (*Faz um gesto com as mãos como um cumprimento oriental*).

Rasta

Axé, irmão! (*Estala os dedos como se estivesse afastando mau olhado*).

Tudo bem? Como é teu nome?

Zen

Zen!

Aloísio Filho

Ele faz meditação para entrar em contato com o nirvana!

Rapadura

(*Cantando e tocando*). O melhor lugar do mundo é aqui e agora!

Zen

O nada, meu irmão. Aqui e agora é o nada. Sacou?

Rasta

Que apito você toca?

Zen

Apito nenhum, meu. Eu tiro um som disso aqui!... Eu sopro e falo com Deus!

Aloísio Filho

Flauta. Ele toca flauta.

Rapadura

Flauta? Pronto. Temos uma banda completa.

Aloísio Filho

Flauta, violão, cavaquinho e percussão. Que tal a gente ensaiar alguma coisa para esperar a lua?

Rasta

(*Começa a tocar no timbau "Lua de São Jorge", de Caetano Veloso*).

Segura aí!

(Todos começam a tocar e dançar num círculo. Aloísio Filho toca triângulo)

Lua de São Jorge, lua deslumbrante / Azul verdejante, calda de pavão / Lua de São Jorge, cheia, branca, inteira / Oh! minha bandeira solta na amplidão / Lua de São Jorge, lua brasileira / Lua do meu coração / Lua de São Jorge, lua maravilha / Mãe, irmã e filha de todo esplendor / Lua de São Jorge, brilhas nos altares / Brilhas nos lugares onde estou e vou / Lua de São Jorge, brilhas sobre os mares / Brilhas sobre o meu amor / Lua de São Jorge, lua soberana / Nobre porcelana sobre a seda azul / Lua de São Jorge, lua da alegria / Não se vê um dia, claro como tu / Lua de São Jorge, serás minha guia / No Brasil de norte a sul.

(Aparece ao fundo um ator vestido como o São Jorge que enfrenta o dragão, e Aluada que usa um espelho retrovisor na testa e um outro na mão, dançando como uma Oxum. A roupa de Aluada é cheia de espelhos que refletem a luz. Ao terminar a música, todos olham estranhando à figura de São Jorge)

Aloísio Filho

Êi, como é que você chegou até aqui?

São Jorge

Eu não resisti ao canto de vocês!

Aloísio Filho

E por que a lua não apareceu até agora?

São Jorge

É que hoje tem muita nuvem e a lua é nova. Eu aproveitei e tirei uma folga.

Aluada

Você não se cansa de ficar lá em cima enfrentando aquele dragão?

São Jorge

Bem, eu sou um herói! Cumpro a minha missão.

Aluada

Nossa! Deve ser muito chato ser herói! Ficar o tempo todo fazendo a mesma coisa! Enfrentando dragões!

São Jorge

Mas, se eu não ficar no pé dele, de olho vivo, ele sai engolindo o que encontrar pela frente!

Aluada

E ele é tão poderoso assim?

São Jorge

Olha, ele já comeu a população de uma cidade inteira.

Rasta

E só você enfrenta ele?

São Jorge

Não! Em alguns lugares, as pessoas se juntam e ele fica mais manso.

Aluada

Está vendo aí?

São Jorge

Mas é que na lua eu fico sozinho com ele. Se eu der chance, ele pode engolir ela.

Aloísio Filho

Então vá embora que a lua está correndo perigo!

São Jorge

É mais perigoso com a lua cheia, quando ela fica redonda e vermelha, que nem uma gema! O dragão fica mais guloso! Meu trabalho dobra!

Aloísio Filho

E ele nunca desce até aqui?

São Jorge

Claro! Quando ele está faminto, vem furioso! Espumando fumaça e engolindo o que encontra pela frente.

Aluada

E não tem nada que faça ele parar?

São Jorge

(Orgulhoso). A minha lança!

Aluada

Então eu quero uma também para me defender deste bicho!

Aloísio Filho

Eu também!

São Jorge

Acontece que às vezes ele está junto de você e você não percebe. Ele tem manha!

Rapadura

Como assim?

São Jorge

Ele é meio camaleão! Vem como policial, homem de negócios, pastor, santo. Às vezes, é tão bonzinho que você não diz que ele é capaz de tanta maldade.

Aluada

Você conhece ele muito bem! Fez algum curso de Psicologia?

São Jorge

Não. Não precisa.

Aluada

Como é seu nome?

São Jorge

Jorge, o guerreiro.

Aluada

Ah! agora eu saquei. No Terreiro de Mãe Menininha, o seu nome é Oxóssi. Oxóssi, o caçador!

São Jorge

Me chamam também de Oxóssi porque vivo nas matas e caço, quando não estou enfrentando o dragão.

(Rasta cantando e tocando)

Quem manda no mato é Oxóssi / Oxóssi é caçador. / Oxóssi é caçador. / Eu vi meu pai assobiar / Eu já mandei chamar / É na aruanda ê / É na aruanda á / Sou pena verde de umbanda / É na aruanda á.

São Jorge

E você, como é seu nome?

Rasta

(Intervindo). Oxum!

São Jorge

Como é que você veio parar aqui, Oxum?

Aluada

Veja bem, o Rasta aí está enganado. Eu sou filha de Oxum, é verdade..., mas meu nome é Aluada.

Aloísio Filho

Aluada?

Aluada

É. Meu nome mesmo é Maria. Mas minha mãe disse que eu vivo no mundo da lua. Todo mundo começou a me chamar de Aluada. Eu gostei e troquei de nome. Eu gosto da lua mesmo! Vou fazer o quê?

São Jorge

E como é que você chegou até aqui?

Aluada

Eu estava vindo do Terreiro de Mãe Menininha, ouvi o pessoal cantando pra lua e não resisti!

Aloísio Filho

Essa é das minhas!

Zen

Nada como ser nada! O nada é o caminho mesmo!

Aloísio Filho

Jorge, deixe eu apresentar os meus amigos: este aqui é Rasta. É cobra no timbau. Aquele da flauta é Zen; o do violão é Rapadura, toca que nem a peste! O outro é Cavaco, o do cavaquinho, esse com o olho de quero mais!

São Jorge

Bem, eu estou percebendo que vocês gostam de uma festa!

Rasta

E tem coisa melhor? *(Ensaia um ritmo no timbau)*.

Aluada

Também acho! Olha, eu também tenho uma música para acordar a lua!

(Começa a cantar “Que a gente precisa ver o luar”, de Gilberto Gil. Todos vão se integrando, tocando e dançando, enquanto Aloísio Filho e São Jorge pegam a escada, que é transformada num carro, que lembra uma fubica e trio elétrico. Aloísio Filho pega um guidon, como se guiasse. São Jorge põe uma bandeira na ponta de sua lança. A bandeira tem uma cara sorrindo. Aluada usa raios ultravioleta que dão um efeito mágico à brincadeira)

O luar / Do luar não há mais nada a dizer / A não ser, que a gente precisa ver o luar / Que a gente precisa ver para crer / Diz o dito popular / Uma vez que existe só para ser visto / Se a gente não vê não há / Se a noite inventa a escuridão / A luz inventa o luar / O ouro da vida inventa a visão / Doce clarão sob o mar / Já que existe lua / Vai-se para a rua ver, crer e testemunhar / O luar / Do luar só interessa saber / Onde está / Que a gente precisa ver o luar.

(Entra Aloísio Pai e fica olhando a festa muito zangado, andando e recriminando com o olhar)

Aloísio Pai

(Furioso). É um absurdo!... Eu vou chamar o disque-abuso!

Rasta

A lua não veio, mas tem alguém aí furioso!

Aloísio Pai

Assim não é possível! Eu vou ter que chamar a polícia! Vocês estão abusando! Agora você se enturmou mesmo, não é, meu filho? E de onde saíram estas figuras tão estranhas?

Rasta

Alto lá! Que estória de polícia é esta? (*Estala os dedos, como se quisesse se livrar de algo ruim*). Sai! Sai! Sai!

Aloísio Filho

(*Para si mesmo*). Pronto. Sujou! O papai veio jogar areia no brinquedo. (*Tentando acalmá-lo*). Calma, papai! A gente só está aqui se divertindo! Tentando fazer alguma coisa para acordar a lua.

Aloísio Pai

Se divertindo? Acordar a lua? Vocês são um bando de lunáticos!

São Jorge

Alguma coisa contra? A alegria é a prova dos nove. E vê como me trata! Sou lunático e vou muito bem, obrigado!

Aloísio Pai

Filho, não dá para você arranjar uns amigos mais normais? Essa tchurma que você arrumou é muito diferente! Não tem nada a dizer pra você!

Aloísio Filho

Espera um pouco, papai. O que é que você tem contra as diferenças?

Aluada

Ele não sabe o que é bom! Não sabe o que é comer com coentro!

Aloísio Pai

E como são atrevidos, hein filho?

Zen

Nada, paizão, nada... É só para você ficar mais Zen!

Rasta

(*Fazendo uma saudação*). Oxalá, meu pai. Proteja seu Rasta! Nunca permita que ele vire um bode de despacho! Sai! Sai! Sai! Vai pra longe de mim!

Rapadura

(*Tocando no violão e todos cantando*). Sai, sai, sai oh piaba, saia da lagoa!

Aloísio Pai

Silêncio! Me respeitem! Eu sou um cidadão! Pago todos os meus impostos em dia! E exijo silêncio! É um direito adquirido! É como eu disse: ou param com esta baderna ou eu chamo a polícia!

(Todos cantando)

Polícia, para quem precisa de polícia, / polícia para quem precisa de polícia. (Vão crescendo com o som e a frase).

(Aloísio Pai vai ficando cada vez mais furioso. Uma luz verde vai transformando a cor dele. Começa a sair fumaça das mangas de seu paletó, de seu chapéu, de seu sapato, de sua gravata, até que ele é envolvido pela fumaça. Todos vão parando, assustados. Ele também. São Jorge pega a lança e se põe em posição de defesa. Todos correm, à exceção de São Jorge e Zen que está completamente alheio a tudo. Aloísio Pai enfrenta São Jorge. Os dois ensaiam uma luta. Aloísio Pai vai voltando ao normal, e fica assustado com ele mesmo. Sai correndo)

(Aparece ao fundo a Vó Vespertina cantando “Noite cheia de estrelas”, de Cândido das Neves, e é acompanhada por Zen, na flauta. São Jorge volta-se aos poucos e estranha a entrada dela)

Noite alta céu risonho / A quietude é quase um sonho / O luar cai sobre a mata qual uma chuva de prata / de raríssimo esplendor / Só tu dormes não escutas, o teu cantor / Revelando à lua airosa a história dolorosa deste amor./ Lua, manda a sua luz prateada despertar a minha amada / Quero matar meus desejos / Sufocá-la com meus beijos / Canto / E a mulher que eu amo tanto não me escuta, está dormindo / Canto, e por fim / Nem a lua tem pena de mim / Pois ao ver que quem te chama sou eu / Entre a neblina se escondeu.

Vó Vespertina

Ai, como tenho saudades daquelas serenatas. O Zezinho no passeio a cantar e eu na janela a delirar!

(Ela para aos poucos e estranha a figura de São Jorge)

Vó Vespertina

Então, a lua apareceu?

Zen

A lua não, mas São Jorge desceu.

Vó Vespertina

O que é que houve por aqui? Onde está meu neto?

São Jorge

Se assustou com o pai e ganhou o mundo!

Vó Vespertina

Se assustou com o pai?

São Jorge

É sim. A síndrome do dragão está atacando seu filho!

Vó Vespertina

Síndrome do dragão?

São Jorge

É sim.

Vó Vespertina

Quer dizer então que meu filho está com dragonismo? Eu bem que desconfiei. Nada satisfazia ele! Taí! Vai ver que é por isso que minha nora foi embora! Quem aguenta um dragão? Só quem vive na pré-história! Ô! Coitado!

São Jorge

E como é que a senhora percebeu ou, melhor, desconfiou, que ele estava de dragonismo?

Vó Vespertina

Começou quando quis me proibir de namorar! Eu disse logo: esse rapaz está com algum desajuste! Depois foi com a minha nora. Proibiu de usar batom, rouge, salto alto! A coitada não aguentou! Caiu fora! Agora, eu me pergunto: onde ele aprendeu a pensar desse jeito? Porque eu e o finado Zezinho sempre gostamos de ser livres. Sempre nos respeitamos muito. Onde é que o Aloísio foi pegar esse dragonismo? Ô, meu Deus, onde foi que eu errei?

São Jorge

Olha, minha senhora, fique tranquila. É um mal que ataca muito hoje em dia.

Vó Vespertina

Ah! é?

São Jorge

Tem muito dragão solto por aí! E eu estou aqui para enfrentá-los!

Vó Vespertina

Ah!, você é São Jorge, o santo guerreiro?

São Jorge

Exatamente!

Vó Vespertina

E o que é que a gente pode fazer pra ver se ele perde esta mania de virar dragão?

São Jorge

Veja bem. Eu tenho um amigo psicólogo que vive com o consultório cheio de gente com complexo de dragão. Mas eu acho que no caso de seu filho não precisa levar até lá.

(Aloísio Filho, Rasta, Rapadura, Cavaco e Aluada vão chegando ainda assustados)

Aloísio Filho

Vó, você já sabe?

Vó Vespertina

Já sei. E já estamos conversando aqui para ver como tirar este dragão que tomou conta de seu pai!

Rasta

Se quiser, eu levo ele no Terreiro de Mãe Menininha e ela tira esse encosto na hora!

Aluada

Com certeza. Dá uns banhos de folha, uns passes e ele vai sair outro.

Vó Vespertina

Isto só funciona com quem tem fé! Meu filho nem vai querer chegar perto! Ele só acredita em receita! Vive tomando pílulas! Pílula pra dormir, pra acordar, pra abrir o apetite, pra fechar o apetite, pra ficar feliz, pra ficar infeliz! Ele tem uma farmácia no quarto dele!

São Jorge

Bem, está me parecendo um quadro de dragonite aguda!

Vó Vespertina

Também, ele não pensa em outra coisa que não seja a segurança da família, coitado! Ele não era assim. Ele jogava bola, gostava de ir à praia, namorava, ia a festas. Mas depois que casou, ficou deste jeito. Eu acho que o que está dragoniando ele é o excesso de preocupação com o futuro de Aloísinho, com minha saúde! Com a prestação da casa própria! A prestação do carro! O seguro-saúde! O imposto de renda! Aliás, é imposto pra tudo! Ih, quando eu começo a falar eu não paro! Desculpe, gente, vamos ver o que a gente pode fazer para acabar a crise de dragonismo de meu filho.

Aluada

Taí, minha gente! Eu acho que a gente tem que fazer alguma coisa por seu Aloísio! No fundo, ele está se preocupando demais com os outros e esqueceu dele mesmo.

Zen

Ele não aprendeu a nadar. A entrar no nada!

Aluada

Olha, Zen, eu acho bom você se cuidar, porque você também pode virar dragão com essa mania de viver no nada! Tudo de mais é sobra!

Zen

Olha só quem fala! Vive no mundo da lua!

Aluada

No mundo da lua, no mundo da rua, no mundo da tua, meu!

Zen

Ih!... Tá complicando! No meu nada, você não sabe navegar!

Aluada

Você que pensa!

Aloísio Filho

Ih, gente! Vamos deixar esta discussão pra depois, que o papai precisa de ajuda. Vamos ver o que a gente pode fazer.

Rasta

Taí. Gostei. Dei valor! O pai tá pegando no pé dele e ele tá querendo melhorar o astral do rapaz!

Vó Vespertina

Eu tenho uma ideia! Todos nós temos espelhos em casa, não é? (*Todos concordam com a cabeça*). Pois bem. Vocês vão trazer os espelhos e guardar aqui perto. Meu filho sempre é atacado pelo dragonismo quando ouve alguém cantando, dançando, brincando, se divertindo. Ele não está bem, então não pode ver ninguém bem, também! É o mal do século!

Aloísio Filho

Já entendi! Cada um traz um espelho e mostra a face dele perdida no tempo!

Aluada

Ele vai começar a reencontrar o tempo perdido!

Zen

Nadando no nada passado!

Rasta

Ele vai é dar de cara com a cara dele de dragão!

Rapadura

E se ele quiser virar mesmo dragão?

São Jorge

Aí, deixa comigo que eu tomo conta dele!

Vó Vespertina

Agora, tem uma coisa! Vocês ficam por perto que eu vou cantar aqui sozinha. Ele vai aparecer e estranhar. Eu converso com ele, e a um sinal meu, vocês vão trazendo os espelhos. Combinado?

Todos

Combinado! Ok!

Zen

Não dá pra eu ficar?

Vó Vespertina

Por quê?

Zen

O nada não precisa de espelho. Eu não tenho espelho em casa!

Vó Vespertina

Está bem. Então me acompanha com a flauta que eu vou cantar.

(Canta “Luar do Sertão”, de Catulo da Paixão Cearense)

Zen

Certo.

(Começa a tocar na flauta e Vó Vespertina canta em tom de cantora lírica)

Não há, oh gente, oh não, luar como este do sertão (bis) / Oh que saudade do luar da minha terra / Lá na serra prateando folha seca pelo chão / Esse luar cá da cidade é tão escuro / Eu tenho aquela saudade do luar lá do sertão/ Não há, oh gente, oh não, Luar como esse do sertão (bis) / Coisa mais bela nesse mundo não existe / Quem já viu um galo triste no sertão fazer luar / Enquanto a onça lá na verde capoeira / Leva uma hora inteira vendo a lua meditar / Não há, oh gente, oh não, luar como este do sertão (bis) / A gente fria dessa terra sem poesia / Não faz caso dessa lua nem se importa com o sertão / A gente pega na viola que ponteia / E a canção da lua cheia faz nascer o coração / Não há, oh gente, oh não, luar como este do sertão (bis) / Ai quem me dera que eu morresse lá na serra / Abraçado a minha terra e dormindo de uma vez / Ser enterrado numa cova pequenina / Onde a lua que ilumina chora a sua viuvez / Não há, oh gente, oh não, luar como este do sertão.

(Todos fazem coro dos bastidores. Vó Vespertina senta na escada como se estivesse batendo um pilão, enquanto canta. Entra Aloísio Pai e se assusta quando vê a mãe cantando)

Aloísio Pai

(Com um comecinho de fumaça na roupa). Não! Eu não acredito! Eu estou enlouquecendo! Até mamãe entrou nesta estória. É demais! Eu vou tomar um comprimido, senão eu estouro! *(Pega um comprimido).*

Vó Vespertina

Espera aí. Nada de comprimido! Joga isso fora!

Aloísio Pai

Não! Sem um comprimido, não dá.

Vó Vespertina

Dá, sim!

Aloísio Pai

Mas mamãe, até você resolveu ir pra o mundo da lua!

Vó Vespertina

Ir não, meu filho! Eu estou, você também já esteve. Por que tanta raiva do mundo da lua? Os astronautas foram lá e descobriram que a terra é azul! E tem mais naves chegando por lá! Aliás, tem um pai querendo comprar a lua pra dar de presente ao filho!

Aloísio Pai

Parece que todo mundo tá no mundo da lua ou querendo chegar lá. É demais! A Eloísa acabou de ligar e achou ótimo quando eu disse que o Aloísinho estava cantando para esperar a lua! Pode? Eu achei que ela queria falar com o filho. Saber como ele estava. Como ia nos estudos! Enfim, estas coisas todas que mãe sempre se preocupa. Mas não. Sabe o que ela disse? Que lindo! Deixe ele aprender um pouco com ela!

Vó Vespertina

E ele está aprendendo! Você é que desaprendeu!

Aloísio Pai

Para! Para! Para, mamãe! Não me confunda mais ainda. Eu sou um chefe de família. O que passou, passou.

Vó Vespertina

Você já se viu no espelho, quando começa a soltar fogo pela venta? Você já viu que máscara aparece?

Aloísio Pai

E você acha que eu vou perder tempo com espelho, mamãe? Eu mal passo o pente no cabelo quando ponho a gravata para ir ao escritório.

(Ela faz um sinal e entra um espelho)

Vó Vespertina

Bem, já que você está aqui e o tempo já está perdido mesmo, dá uma olhada ali.

(Mostra o espelho que é trazido por Aloísio Filho. Ele faz um gesto de recusa)

Aloísio Pai

Que bobagem, mamãe! A senhora está caducando, é?

Vó Vespertina

Eu acho que você está caducando mais do que eu! Mas faça este favor a sua mãe. Vá!

(Ele vai a contragosto. A fumaça sai mais intensa da roupa dele. Ele se assusta e volta para Vó Vespertina)

Aloísio Pai

Que espelho é este? Não sou eu quem aparece nele!

Vó Vespertina

É você, sim!

Aloísio Pai

Mãe, isto parece um dragão soltando fumaça por todos os lados!

Vó Vespertina

(Fazendo um sinal e todos entrando e fazendo um círculo em torno de Aloísio Pai). Confira, direitinho. Veja nos outros espelhos.

(Ele vai de um em um e fica ainda mais assustado. Titubeia e vem andando para Vó Vespertina)

Aloísio Pai

Mãe, sou eu mesmo! Eu tô virando dragão!

Vó Vespertina

Pois é...! Você está virando dragão. Quase virou! Mas agora que você começou a perceber, já começou a melhorar.

Aloísio Pai

Mãe, eu tinha certeza que estava enxergando mais do que todo mundo! Como é que eu fiquei tão estúpido! Mãe, me ajuda, mãe! Me ajuda a sair desta!

Vó Vespertina

Você estava enxergando com os olhos do rancor, desprezando o amor!
Desse jeito, a dragonite ataca na hora! Não tem comprimido que dê
jeito! Dragão atrai dragão! É isto que você quer? Ficar longe de mim,
dos amigos, da Eloísa, do Aloisinho?

Aloísio Pai

Não. De jeito nenhum, mãe. Mas e o dinheiro, o bem-estar,
a segurança?

Vó Vespertina

Você está se sentindo bem agora, assim?

Aloísio Pai

Parece que eu estou acordando! Eu tirei um peso de minhas costas!

Vó Vespertina

Segurança é isto! O dinheiro ajuda quando não transforma a gente em
bicho! Dinheiro é bom quando a gente continua gente! Está com um
pé no chão e outro na lua também!

Aloísio Pai

Mas e como é que a gente vira gente de novo?

Vó Vespertina

Você já começou! Vá até o espelho. *(Ele vai)*. Já está se reconhecendo
no espelho? Lembre de uma coisa boa que você gostava muito de fazer
quando era pequeno.

Aloísio Pai

Cantar!

Vó Vespertina

Então cante! Comece! Vai!...

**(Aloísio Pai canta, acompanhado por Zen, enquanto os outros vão colocando os espelhos no
chão, num círculo como uma mandala e se integram ao canto. Ele canta uma ciranda)**

(Aloísio Pai cantando)

*A lua, / Quando ela roda / É nova, / Crescente ou meia-lua / É cheia / Quando ela roda /
Minguante e meia / Depois é lua nova / Mente quem diz / Que a lua é velha / Mente quem diz
/ Que a lua é velha.*

**(Todos fazem uma roda em torno de Aloísio Pai, enquanto cantam. Ao terminar a roda,
Aloísio Filho diz para o Pai)**

Aloísio Filho

Papai, o senhor está cantando!...

Aloísio Pai

(Sorrindo para Aloísio Filho). Para esperar a lua!

(Os dois se olham Há uma pequena pausa. Os dois correm e se abraçam como se reconhecendo)

São Jorge

(Cantando "Oxum", de Gerônimo)

Nesta cidade todo mundo é de Oxum / Homem, menino, menina, mulher / Toda essa gente irradia magia / Presentes na água doce / Presentes na água salgada e toda cidade brilha / Presentes na água doce / Presentes na água salgada e toda a cidade brilha / Seja tenente ou filho de pescador / Homem importante, desembargador / Se der presente é tudo uma coisa só / A força que mora n'água / Não faz distinção de cor e toda a cidade é de Oxum / A força que mora n'água / Não faz distinção de cor e toda a cidade é de Oxum.

Todos

(Respondendo). É de Oxum / É de Oxum.

(Enquanto ele canta, Aluada dança como uma Oxum, a Vó Vespertina como uma Nanã, e Rasta como um Xangô. Aloísio Filho pega a escada devagarinho e leva para a esquerda alta. Todos tomam a posição da cena inicial. Ele toca novamente "Lua Bonita", no realejo)

Aloísio Pai

(Perguntando ao filho, após todos se colocarem nas mesmas posições do início da peça). Filho, o que você está fazendo aí?

Aloísio Filho

Esperando a lua!

Aloísio Pai

Será que ela vai sair hoje?

Aloísio Filho

Quem sabe?

São Jorge

Tudo indica que não. Ela está coberta de neblina.

Aloísio Pai

Eu tenho uma ideia.

(Sai e volta com uma lua de papel pendurada numa vara. Todos cantam a música final, "Chorinho pra sorrir", de Amadeu Alves. O pai fica no centro, girando a varinha com a lua)

Quero lhe falar de um tempo que ficou pra trás / Num cartão postal que a memória leva e trás / Tempo que se andava livre e solto por aí / Onde eu vim plantando esse chorinho pra vida sorrir / Quero convidar seu coração pra passear / Nos jardins da imaginação desse lugar / E pra que você nunca se perca por aí / Eu canto esse chorinho pra sorrir / Meu bem vem que / É tempo de andar / É tempo de colher / É que esse tempo dá / Tempo de caju, menino / De mangaba e araçá / Tempo que não teve pressa / Teve tempo pra criar / Com o futuro sempre em frente no presente eu vou / Como vai você buscando o que sempre sonhou / Cada um escolhe um caminho pra seguir / E eu escolhi esse chorinho pra vida sorrir / Quero convidar seu coração pra navegar / Desde onde nasce o rio até chegar ao mar / E pra que você nunca naufrague por aí / Cante esse chorinho pra sorrir / Meu bem vem que... / Bons ventos soprarão / Pra nos levar ao cais / Porto seguro a paz / Maré baixa, maré cheia / Grão de areia vendaval / Nunca é tarde pra saber / O que é viver bem natural.

FIM



Foto 1 – Fabrício Rios, Amadeu Alves, Eduardo Gomes, Mônica Gideone e Heraldo Souza



Foto 2 – Fabrício Rios, Amadeu Alves, Heraldo Souza, Eduardo Gomes e André Borges



Foto 3 – Elenco do espetáculo *Na Lua, na Rua, na Tua*



Foto 4 – Isabela Malta e Eduardo Albuquerque



Foto 5 – Mônica Gideone e Marcelo Prado



Foto 6 – Eduardo Gomes e Edmilson Barros



Foto 7 – Elenco do espetáculo *Na Lua, na Rua, na Tua*

FICHA TÉCNICA

DEOLINDO CHECCUCCI
Texto, Direção e Produção

EURO PIRES
Cenário e Figurino

FAFÁ MENEZES
Coreografias

FRITZ GUTTMANN
Efeitos Especiais

LUCIANO REIS
Iluminação

AMADEU ALVES
Direção Musical

MARIE THUREAU
Maquiagem

BAL BANDEIRA
Assistência de Produção

EDUARDO GOMES / EDMILSON BARROS / MARCELO PRADO / EDUARDO ALBUQUERQUE /
DANIEL BECKER / MÔNICA GIDEONE / IZABELA MALTA / HERALDO SOUZA / ANDRÉ BORGES /
AMADEU ALVES / FABRÍCIO CUNHA RIOS

Elenco



em BUSCA do Sonho Perdido

musical em um ato de Deolindo Checcucci



JOÃOZINHO E MARIA CAEM NA REAL*

O espetáculo *Em Busca do Sonho Perdido*, de Deolindo Checcucci, relê conto de fadas para discutir os direitos da infância.

Apesar do horário, da inspiração e do formato, o espetáculo *Em Busca do Sonho Perdido*, novo trabalho do diretor Deolindo Checcucci, não é exatamente um infantil. Inspirado na história dos irmãos Joãozinho e Maria, a peça estreia amanhã, às 16 h, no Teatro Isba, querendo ultrapassar a barreira entre os gêneros. “Estou em busca de uma linguagem aberta, que funda teatro, dança e música, e tente juntar espetáculo com reflexão”, afirma Deolindo.

Em Busca do Sonho Perdido beneficia-se da bem-sucedida trajetória de *O Voo da Asa Branca*, escrita e montada por Deolindo em 2001, e que contava a história de Luiz Gonzaga. Mantém basicamente o mesmo elenco e aprofunda a intenção de fazer um espetáculo que possa ser apreciado por crianças e adultos. A temática geral, explica o diretor, é a infância e os direitos da criança. João e Maria ganham mais quatro acompanhantes, duas crianças negras e duas índias.

O drama clássico do abandono e da bruxa que come criancinhas é atualizado com problemáticas típicas dos nossos dias, como trabalho infantil, invasão de terra e preconceito racial. Há um casal de vilões – os detentores do poder econômico – e no desfecho, nada de caldeirões. Um juiz estabelece uma sentença e dá, inclusive, uma segunda chance aos malvados Sr. e Sra. Hermenegildo.

“Gosto de mostrar a nossa realidade no palco, mas ao mesmo tempo apresentar formas de transformá-las”, afirma Deolindo. Para conduzir a história de uma forma lúdica, ele optou por um narrador especial, Luna (Eduardo Albuquerque), o dono de um teatrinho de bonecos que conta a história de todos os personagens. O elenco é completado por Raimundo Filgueiras, Isabela Malta, Vitório Emanuel, Laura Haidé, Fernanda Paquelet, Daniel Becker, Heraldo Matos, Patrícia Ramos e Tom Carneiro.

O elenco executa, ao vivo, a trilha sonora original composta pelo instrumentista Tuzé de Abreu, que também assina a direção musical. O figurino e a cenografia são de Euro Pires, que lança mão de elementos como guarda-chuvas, para reproduzir, de forma leve e divertida, a floresta onde a história se passa.

A peça, que tem parte da renda revertida para o Grupo de Apoio à Criança com Câncer, pode ser vista aos sábados e domingos, às 16 h, até o final de outubro.

Ana Cristina Pereira

* Texto publicado no jornal *Correio da Bahia*, em 10 de setembro de 2004, na Seção Folha da Bahia. Atualizado pela nova ortografia.

Em Busca do Sonho Perdido

Musical Infantojuvenil em um ato de
Deolindo Checcucci

PERSONAGENS

Luna (O Narrador)
Pai (de João e Maria)
Mãe (de João e Maria)
Joãozinho
Maria
Dona Hermenegilda
Senhor Hermenegildo
Zé das Pipas
Joana
Karié
Karií
Juiz
Ator

CENOGRAFIA

Não há um cenário fixo. Guarda-chuvas são usados à medida que a história acontece, devendo sempre haver uma mutação, como uma mágica, sempre surpreendente. Os atores estão de costas com os guarda-chuvas abertos, cobrindo parte de seus corpos. Entram Hermenegildo e Hermenegilda em meio a sons de sirene, buzinas e envoltos numa fumaça. Eles usam pernas de pau.

Hermenegilda

(*Chamando*). Hermenegildo! Hermenegildo! Hermenegildo!

Hermenegildo

Cadê você?

(Cheirando-se)

Hermenegilda

(*Cheirando*). Esse cheiro...! Não é meu!

Hermenegildo

Cheiro de pobre, Hermenegilda!

Hermenegilda

Todo mundo só critica,
Mas não sabe como é bom
Ter mais do que se precisa.

Hermenegildo

Roupa nova, carro zero,
Receber e conquistar
Só gente de fino trato,
Longe da plebe faminta,
Sem futuro e sem passado.

Hermenegilda

Andar de carro blindado,
Colete à prova de balas,
Pois assim tenho certeza,
Que perigo nenhum me abala.

Hermenegilda

Comer beber e dormir
É tudo que sempre faço,
Para assim me divertir.

Hermenegildo e Hermenegilda

Mas, agora, com licença,
Vamos ao banco checar
O montante de dinheiro,
Que temos guardado lá.
Pois sem grana neste mundo,
Todos são pobres coitados.

(Os dois saem. Os atores viram de frente e falam)

Ator 1

As histórias aqui contadas.
Falam de gente que existe,
De gente que todo dia
Quer no sonho acreditar
E aprender a caminhar.

Ator 2

Parece até complicado
Mas isto é só impressão.
É certo, uma coisa é preciso:
Abrir mente e coração,
Soltando a imaginação
E libertando a canção.

Ator 3

E de coração aberto
Deixar a voz se soltar,
Cantando pra todo mundo
O que se passa por cá,
Mas também do lado de lá.
Pois é nessa comunhão
Que o real e o fantástico
Podem se entrelaçar.

(Todos os atores cantam)

É de lá / É de cá / Vem no colo da noite / No clarão do dia. / É semente de ilusão / Imagem e criação / É difuso! / É confuso! / Tem jeito de parafuso! / Voa alegre num balão / Às vezes corre no chão! / Ou se perde na imensidão. / Mas, pausa, leve e suave / Na palma da minha mão. / Transformando o impossível / Irradiando a canção. / Assim é o nosso irmão / Meu amigo e cidadão.

Luna, o Narrador

O primeiro personagem
Desta história singular
Está desaparecido.
Evaporou-se no tempo.
Nossa viagem hoje aqui
É tentar localizar
Onde ele foi parar.

Ator 4

Deixe de ser misterioso. Diga logo quem ele é. Senão eu vou me mandar.

Luna, o Narrador

Apressado come cru
Diz o dito popular.
Tenha calma meu amigo,
Que você já saberá.

Ator 5

Deixe então de falação e diga quem você procura. Pois eu também tô no ar.

Luna, o Narrador

Eu estou falando de sonho. Você já ouviu falar?

Ator 6

Claro! Coisa mais sem graça. Ontem mesmo eu sonhei que voava, voava e voava! De repente caí da cama e acordei aos berros. Todo mundo acordou, e eu fiquei lá, sem graça, sem saber o que dizer.

Luna, o Narrador

Não, esse sonho a gente tem sempre dormindo. Eu falo de sonho acordado!

Ator 7

Quem sonha acordado é lunático.

Ator 8

Vive no mundo da lua! Sonhando com a felicidade! Sonhando com um grande amor! Sonhando em mudar o mundo!

Luna, o Narrador

Então eu sou lunático! Só que minha lua é aqui, neste palco.

Ator 9

Bem, isto aqui é lugar de contar história!

Ator 10

É bom começar logo. Do contrário, o povo enche o saco e vai embora.

Luna, o Narrador

Está bem! Está bem! Vistam as roupas de seus personagens que a história vai começar já.

(Os atores saem. Dois deles voltam como Joãozinho e Maria, enquanto Luna, o Narrador começa a contar a história dos dois). Os outros criam o ambiente de uma floresta com os guarda-chuvas)

Luna, o Narrador

A história que vocês vão ver,

Já teve muitas versões.

Mas, hoje, a nossa trupe vai mostrar, com atenção,

Como ela acontece agora,

Nesses tempos de então.

(Ele se afasta)

(Joãozinho e Maria cantando)

Quando tudo começou / Com nossos pais habitávamos. / Mas a seca no Nordeste / É como um mal indomável, / Não tendo como viver, / O pai e a mãe pensaram

(Pai e mãe entram conversando)

Mãe

João, eu tô aqui pensando, o que você acha de deixar o Joãozinho e a Maria com a dona Hermenegilda? Do jeito que estão as coisas, vai ser difícil cuidar deles.

Pai

Maria, a minha alegria maior são os meus filhos. Viver longe deles vai me deixar amofinado.

Mãe

É só por um tempo. Até as coisas melhorarem. Eu também vou sentir falta dos dois. Mas é melhor eles irem para um lugar onde tenha o que comer, do que ficar aqui com fome.

Pai

Bem, vamos ver como as coisas ficam. Se é melhor para eles, que vão!

Mãe

Vocês vão ficar um tempo com dona Hermenegilda.

Pai

Breve, a gente se reúne novamente. No momento, é melhor que vocês fiquem por lá. Estarão mais protegidos.

Joãozinho

Se é melhor assim, nós vamos!

Maria

Eu vou ficar com saudade.

Mãe

É por pouco tempo.

Pai

Nós também vamos sentir saudade de vocês. A gente vai lá sempre.

(Os pais abraçam Joãozinho e Maria e vão saindo, enquanto entra a música e os dois cantam)

Joãozinho

É só um tempo, Maria.
Breve, com a chuva chegada,
O verde cobrindo a mata,
Vai deixar a lavoura farta.

Maria

João, eu sei que um dia
As coisas vão melhorar.
E aí, eu, você, o pai e a mãe
Vamos juntos celebrar.

(Entra Luna, o Narrador)

Luna, o Narrador

E foi assim, meus amigos,
Que a casa os meninos deixaram,
Após conversarem com os pais

E ficado prometido
Que tão logo a situação melhorasse,
Joãozinho e Maria voltariam ao lar querido.

(Enquanto cantam, atores desfazem o cenário e preparam para a cena seguinte. Luna fala)

Luna, o Narrador

Após atravessar a mata,
Por muitos rios passaram
Cansados com a andança
E saudosos de seus pais.
Na casa de Hermenegilda,
Os dois meninos chegaram.

(Aparece Hermenegilda. Uma senhora gorda toda de preto, óculos escuros, lembrando uma bruxa. Ela canta)

Chocolate! Chocolate! / Eu só quero chocolate!

(Para ao reconhecer Joãozinho e Maria)

Hermenegilda

Então, vocês chegaram? Chegaram em boa hora! Eu estou muito precisada de gente nova por aqui para cuidar de minha cozinha! Adoro bolo de chocolate! Vou avisando logo! Criança aqui comigo tem que trabalhar muito! Do contrário, não tem acordo. Vai pra roça, planta, colhe. E tem mais, tem que ser muito ativa! Você sabe cozinhar?

Maria

Não.

Hermenegilda

Então trata de aprender. E você sabe pegar num machado?

Joãozinho

Sou melhor numa enxada.

Hermenegilda

Tanto faz. Contanto que produza! Vocês dormirão no quarto dos fundos. Onde está a mala de vocês?

Maria

Nós temos nossa sacola com algumas roupas e nossos livros de escola.

Joãozinho

Eu tenho um violão.

Hermenegilda

O violão pode jogar fora. E livro de escola? Podem esquecer. A escola que tem por aqui mais perto fica a 30 quilômetros de distância, e eu não vou gastar minha gasolina com vocês. Estuda quem pode. Meus filhos estão todos na capital estudando. Quero eles todos doutores. Um vai estudar psicologia para cuidar de minha cabeça...

Joãozinho

(Interrompendo). Pra cuidar da sua cabeça?! *(Para Maria)*. Parece que precisa mesmo!

Hermenegilda

(Continuando). Outro vai ser cirurgião plástico para cuidar de minha beleza...

Maria

(Para Joãozinho). Vai ter muito trabalho!

Hermenegilda

(Concluindo). E a minha filha vai ser estrela. A estrela que eu não fui. Bem, já conversamos muito. Deixe ver como está a minha torta que meu apetite está insaciável! Até mais tarde *(Dirigindo-se a Joãozinho e Maria)*: não se esqueçam de falar com o Isidoro. Amanhã cedo tem que acordar para cuidar da roça, e você, Maria, da comida. Entendido?

(Sai)

Joãozinho

Maria, esta mulher me lembra mais uma bruxa.

(Ouve-se a risada de Hermenegilda ao fundo)

Maria

E fada, por aqui, tá difícil!

Joãozinho

Lembra quando ela passou lá em casa? Era tão simpática! Tão gentil!

Maria

Quem vê cara, não vê coração. E agora, o que vamos fazer?

Joãozinho

Eu não fico aqui nem mais um minuto!

Maria

E a gente vai para onde?

Joãozinho

Voltar pra casa não dá!

Maria

Que tal se a gente fosse à vila? Talvez encontre o tio Antônio!

Joãozinho

Só que a situação dele não é diferente da de nossos pais.

Maria

Pelo menos é parente. Alguma coisa pode fazer.

Joãozinho

Então, vamos.

(Os dois cantam)

Nos momentos mais difíceis / É bom sempre acreditar. / Na coragem que nos move. / Levando a nos renovar. / Vamos em frente! / Pois gente / Há de haver em algum lugar.

Luna, o Narrador *(Entrando)*

A esperança é amiga!

Quem com ela fica unida

Nunca se perde na vida

Em qualquer situação.

Assim, João e Maria

Tomaram uma decisão,

Foram para o vilarejo,

Procurando proteção.

Seu tio não encontraram,

O mesmo tinha se mudado

Para outra região.

Estava eu nesse palco,

Contando a história dos dois

Quando cansados, falaram:

Joãozinho

Pois é, seu Luna. Estamos aqui sem dinheiro e, o pior, sem ter pra onde ir!

Maria

O pai e a mãe estão esperando por nós. Mas a gente não pode voltar sem alguma coisa que possa ajudar a eles também.

Luna, o Narrador

Bem, o que é que vocês sabem fazer?

Joãozinho

Olhe, eu toco violão! Quem sabe eu posso lhe ajudar para contar suas histórias?

Maria

Eu canto e danço.

Luna, o Narrador

Então, toca e dança pra gente ouvir.

(Joãozinho toca e Maria canta Terezinha de Jesus)

Terezinha de Jesus / De uma queda foi ao chão. / Acudiram três cavalheiros / Todos três chapéu na mão. / O primeiro foi seu pai, / O segundo, seu irmão. / O terceiro foi aquele / Que a Tereza deu a mão.

Luna, o Narrador

Muito bem! Vocês podem ficar comigo na Companhia Brincante da Lua Nova.

Maria

Brincante da Lua Nova?!

Luna, o Narrador

É! É o nome da minha companhia.

Joãozinho

Companhia Brincante da Lua Nova? Eu já ouvi falar.

Maria

Brincante?

Luna, o Narrador

É! É assim que a gente é chamado. A gente faz brincadeiras pra divertir quem fica do lado de lá.

Joãozinho

O senhor é o dono da brincadeira?

Luna, o Narrador

Não, brincadeira não tem dono! Eu organizo as coisas por aqui. Depois que os números são apresentados, a gente corre o chapéu e o que recolhe é dividido.

Maria

Quer dizer que a gente vai participar também da divisão?

Luna, o Narrador

Claro!

Joãozinho

Pronto. A gente junta algum dinheiro e leva para ajudar ao pai e a mãe!

Maria

Boa ideia, João. Viva o seu Luna! Olha, as coisas começaram a melhorar!

Luna, o Narrador

Bem, agora, a gente tem outra história. Vamos preparar o cenário para ela começar. Tudo começou num lugar longe, distante, na periferia de uma cidade. O personagem principal desta história é Zé das Pipas.

Maria

Pipa?

Luna, o Narrador

Sim! Alguns chamam papagaio, outros arraia! Aqueles pedaços de asas que voam pelo céu, levando nossos sonhos pra longe!

Joãozinho

Eu sei! Eu já vi muitas correndo no céu!

Luna, o Narrador

Então vamos lá.

(Atores e contrarregas arrumam o cenário ao mesmo tempo em que entra Zé das Pipas, com uma pipa na mão, e cantando um rap)

Lá vou eu com minha pipa / Uma nuvem perturbar! / Aproveitando o vento / Que hoje tá de arrepiar! / Ela voa altaneira! / No espaço a desenhar / Casas, ondas, cata-ventos / Armando castelos no ar!

Luna, o Narrador

O nosso amigo José,
Zé para os mais chegados,
Tinha fama de danado
Pela sua esperteza!
Mas não aguentava calado
As coisas que andavam errado.
Tinha sempre o olho aberto
Para qualquer tirania

Ao se sentir maltratado.
 Seus pais trabalhavam numa fábrica,
 Os dois são bons operários,
 Mas o salário pequeno
 A ninguém favorecia.
 Enquanto empinava a pipa
 José pra ele dizia:

Zé das Pipas

Isto não está certo! O pai e a mãe se acabam de trabalhar! E não sobra dinheiro nem pra ir ao circo! Dizem que é porque não tiveram escola!

(Entra Joana)

Joana

Oh! Zé, tá falando sozinho?

Zé das Pipas

Tô falando pra o vento, que é pra ver se alguém me ouve!

Joana

Que grossura. Olha eu aqui! Eu estou te ouvindo.

Zé das Pipas

Ah! Joana! Desculpe, desculpe! Eu estou muito chateado! Sem escola eu não chego a lugar nenhum. E a escola está fechada! Adivinhe por quê? Atrasaram o pagamento dos professores. E eles estão de greve!

Joana

A minha também!

(Entra Hermenegildo, irritado com a presença dos dois)

Hermenegildo

O que vocês fazem aqui, na minha propriedade?

Zé das Pipas

Sua propriedade?

Hermenegildo

É, sim! Não estão vendo a construção? Estou investindo em imóveis para aumentar meu patrimônio. O edifício vai ter meu nome: Barão Hermenegildo da Silva!

Joana

Nós estamos apenas conversando.

Zé das Pipas

Eu estou brincando com a minha pipa.

Hermenegildo

E isto é lugar de brincar?

Zé das Pipas

Bem, esta é uma área que fica no alto! É bom para empinar uma pipa!

Hermenegildo

Pipa? Pipa!? Vá procurar o que fazer! Vocês não querem trabalhar? Estou precisando de um ajudante de pedreiro e também de faxineira.

Joana

Estamos estudando. Quero dizer, não estamos em aula porque nossos professores estão em greve!

Hermenegildo

Estuda quem pode! Vocês têm condições de estudar? Estuda quem pode! Vocês deviam trabalhar pra ajudar no orçamento doméstico.

Zé das Pipas

Isto é problema nosso!

Hermenegildo

Que ousadia! Vocês estão aqui para servir! Para pegar no pesado! Estudar? Estudar? Ora esta! (*Saindo*). Esses negros não se enxergam! Olha aqui, acho bom vocês irem embora. Do contrário mando o segurança expulsá-lo! (*Sai*).

Zé das Pipas

Você acha que isto está certo? Nós queremos estudar! Ter uma profissão. Um bom salário para não viver como o pai e a mãe e poder enfrentar melhor gente desta espécie.

Joana

É verdade, Zé. A maior parte das pessoas de nossa cor vive mal. E ainda acham que somos ousados.

Zé das Pipas

É hora de mudar! É bem verdade que tem muito branco na mesma situação. Mas os de nossa cor sempre estão pegando mais no pesado. É hora de mudar! É hora de mudar! É isso mesmo!

(Entram Joãozinho e Maria)

Zé das Pipas

Quem são vocês?

Joãozinho

João.

Maria

Maria.

Zé das Pipas

O que fazem por aqui?

Joãozinho

Procuramos amigos. Somos da Companhia Brincante da Lua Nova.

Zé das Pipas

Brincante da Lua Nova?

Maria

É. O seu Luna acolheu a gente. Nossos pais não podiam ficar com a gente em casa e a gente foi para a casa de dona Hermenegilda. Ela queria escravizar a mim e o João. Por isso, fugimos.

Joãozinho

Agora, a gente faz algumas apresentações de canto e dança, economizando algum dinheiro pra levar pra casa.

Zé das Pipas

Ah! Eu quero conhecer este seu Luna!

Joãozinho

Não seja por isso!

Joana

Eu também! Quem sabe eu posso vender minhas bolsas e fazer alguma grana.

Luna, o Narrador

(Entrando). Com todo prazer!

Zé das Pipas

Ué! De onde você saiu?

Luna, o Narrador

Dali, de lá, de cá... Eu organizo a brincadeira e estou sempre buscando formas diferentes de viver a vida! Eu acabei de contar um pedaço da sua história.

Zé das Pipas

E o que o senhor acha da minha história?

Luna, o Narrador

Eu acho que precisa de mudanças.

Zé das Pipas

Eu também acho.

Luna, o Narrador

Por enquanto, tudo que eu posso fazer é convidar você e sua amiga para serem brincantes. Você toca alguma coisa?

Zé das Pipas

Eu toco timbau.

Luna, o Narrador

Maravilha! Precisamos de um timbaleiro na nossa trupe. E você, Joana?

Joana

Eu não toco nada.

Luna, o Narrador

O que é que você sabe fazer?

Joana

Um monte de coisas. Costuro, bordo, faço ponto de cruz, crochê, conserto abadá e faço cuscuz.

Luna, o Narrador

Cuscuz?

Joana

De milho e tapioca.

Luna, o Narrador

Está bem, Joana. Você pode vender seu artesanato! E, quem sabe, ajudar com as vestimentas?

Joana

Pronto! É tudo que eu precisava! Amigos artistas e soltar minha imaginação. Vou fazer umas roupas que vocês vão adorar!

Zé das Pipas

Taí, eu quero ser músico! Pode ser o começo de tudo.

Joana

Viu? O vento espalhou seu pedido e seu Luna ouviu.

Zé das Pipas

Epá babá Oxalá.

Luna, o Narrador

Vamos continuar a brincadeira. E uma música bem que poderia ajudar.

(Todos cantam. Zé das Pipas toca o timbau)

Viva o sonho / A vontade / A busca do querer bem / A mão que livre / Se move / Tocando o coração de alguém.

Luna, o Narrador

E foi assim meus amigos,
Que a brincadeira voou,
Juntando de todo lado
Gente coberta de amor.
Buscando na alegria
Um alívio para a dor.
Após estas duas histórias,
Uma outra aconteceu.
A de um menino índio,
Vindo lá das verdes matas,
Que também me comoveu!

(Atores mudam os elementos do cenário. Ouve-se uma música instrumental indígena. Entra um ator vestido de índio com um peixe na mão. Ele está assustado)

Karié

Ô! O que terá acontecido? Onde estão meus irmãos? Karií!? Onde está você? *(Ele encontra um colar).*

(Entram Sr. Hermenegildo e dona Hermenegilda. Sr. Hermenegildo aponta um rifle para ele. dona Hermenegilda come)

Hermenegildo

O que você está procurando? O que faz aqui?

Karié

Procuro meus irmãos.

Hermenegildo

Foram todos embora. Esta terra agora é minha! Minha e da minha mulher, a minha querida Hermenegilda!

Hermenegilda

Preciso de um fogão com urgência, meu querido! Eu não vou cozinhar em fogão a lenha. E a fumaça da lenha é horrível!

Hermenegildo

Claro, meu bem. Fogão, televisão, carro zero. Criados, muitos criados. Mas têm que ser negros. Estes de pele vermelha são muito preguiçosos. Não conhecem como nós a palavra trabalho. Só querem pescar, tomar banho de rio e se enfeitar.

Hermenegilda

Pois é! Negro nasceu para servir. Desde o tempo de nossos avós. Eles não sabem o que é educação, bons modos, fino trato! Eu estou com fome, meu bem!

Hermenegildo

Eu, também. Olhe, garoto, acho bom você dar no pé.

Luna, o Narrador

Karié, muito assustado,
Pelo verde se embrenhou,
Após andar um bocado,
Com sua irmã encontrou,
E então os dois conversaram,
Lamentando sua dor.

Karié

Mas, o que aconteceu, Karií?

Karií

Eles ameaçaram toda a tribo. Todo mundo tá espalhados por aí, em outras terras.

Karié

Mas nós não podemos ficar sem fazer nada. Temos que lutar pelo que é nosso.

(Eles cantam em ritmo indígena e dançam, enquanto os atores, que formavam a floresta com os guarda-chuvas, saem. Entra Luna, o Narrador)

Luna, o Narrador

E foi assim, meus amigos
Que os dois irmãos perdidos
Na densa e negra floresta
Um caminho procuraram.
Advinha onde eles chegaram?
Nesse pedaço de lua,
Que nós chamamos de palco!

(Os dois índios aparecem, ao mesmo tempo em que aparecem também Joãozinho, Maria, Joana e Zé das Pipas, que estranham a presença dos dois)

Joãozinho

Olá, meu nome é João.

Maria

Eu sou Maria.

Zé das Pipas

E eu sou José.

Joana

E eu, Joana.

Karié

Eu, Karié, esta minha irmã Karií.

Joãozinho

Vocês estão assustados! O que houve?

Karií

Homem branco espalhou nosso povo pela floresta.

Maria

Como assim?

Karié

Chegou com rifle na mão e mandou todo mundo embora.

Joana

Mas vocês não estavam em suas terras?

Karií

Sim! Mas homem branco sempre acha que terra é deles!

Karié

Nosso Deus, Mavutisini, fez uns bichos de cera e, quando eles ganharam vida, ele mandou os bichos para a mata e disse: agora podem comer frutas.

Karií

Passarinho come gafanhoto, anta come qualquer fruta do mato. Então, ele deu arco às pessoas para flechar peixes, comer e assar.

Karié

A ideia dele era que brancos e Kamaiurás morassem juntos. Hoje homem branco vive a perseguir nós!

Joãozinho

Homem branco que não tem coração. Mas, tem muito homem branco que vive com índio, negro, mulato, gente de qualquer cor.

Zé das Pipas

Gente sem coração persegue a todo mundo, não importa a cor. Nós também estivemos com seu Hermenegildo e ele nos tratou muito mal.

Maria

E por que fazem tudo isto?

Joãozinho

Não lembra de dona Hermenegilda? Queria fazer da gente escravo!

Karié

Dona Hermenegilda?

Joãozinho

É sim.

Karií

Ela esteve lá também nas nossas terras. Ela e o companheiro dela, seu Hermenegildo. Chamaram a nós de preguiçosos e disseram que queriam criados negros. Que só os negros sabem pegar no pesado!

Joana

Ah, é! Além de tudo preconceituosos!

Zé das Pipas

É sempre assim! Isto tem de mudar!

Maria

Taí. Eles dois são responsáveis pelo que estamos passando.

Karié

Como assim?

Joãozinho

Veja bem! O pai e a mãe são camponeses. Mas a seca foi tão forte que eles não estavam conseguindo colher nada! Daí, ela ofereceu a casa dela para a gente ficar um tempo. Quando chegamos lá, ela queria escravizar a gente. Então, resolvemos fugir.

Zé das Pipas

Fizeram muito bem!

Joana

Só assim a gente se conhecia!

Zé das Pipas

Estamos no mesmo barco! Sem escola, sem casa, longe das nossas famílias, sendo discriminados! Está tudo errado!

Joãozinho

Estaria pior se não tivéssemos encontrado o seu Luna.

Zé das Pipas

É verdade. Além de seu Luna, a gente se conheceu e ficou amigo.

Maria

Bem, alguma coisa temos que fazer.

Zé das Pipas

Vocês já ouviram falar no Estatuto da Criança e do Adolescente?

Maria

Não.

Zé das Pipas

Eu já li. A minha professora discutiu com a gente na aula.

Joãozinho

E o que é um estatuto?

Zé das Pipas

É onde está escrito tudo que temos direito. Eu tenho um comigo.

(Tira do bolso). Aqui, ó! (Mostra).

Joana

Então, vamos fazer respeitar nossos direitos.

Karié

Nós não temos um livro. Nosso livro é nossa memória! O pai e a mãe falam com a gente e a gente segue o ensinamento que eles nos passam.

Zé das Pipas

(Lendo parte do estatuto). Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punindo na forma da lei qualquer atentado a seus direitos fundamentais.

Joana

Então vamos fazer valer os nossos direitos.

Todos

Vamos!

(Os meninos mudam os elementos cênicos, criando o ambiente da próxima cena. Entra Luna, o Narrador, cantando)

Assim os meninos unidos / Procuraram um juiz, / Que conhecedor dos fatos / Aplicasse a Justiça / Em tudo que estava errado. / Após ter conhecimento, / Através de um advogado, / Do abuso praticado, / Seu Hermenegildo e senhora / Foram então convocados / Para dar explicações / De atos tão desalmados.

(Entra o Juiz)

Juiz

Declaro aberta a audiência! Que entrem na corte o senhor Hermenegildo e sua senhora, dona Hermenegilda. *(Eles entram)*. Sr. Hermenegildo, quem deu ao senhor o direito de entrar no meu tribunal com essa espingarda?!

Hermenegildo

É para me proteger dos bandidos, senhor juiz! Eu sou um homem de bem!

Juiz

O senhor é um homem de bem?

Hermenegilda

De bens, senhor juiz, de bens!

Juiz

De bens, não é senhora Hermenegilda? Pois eu acho que explorar e escravizar criancinhas é coisa de bandido!

Hermenegildo

É, o senhor tem razão. Mas foi sempre assim, não é, senhor juiz? E a gente precisa sempre se proteger!

Juiz

Se precisa de proteção, procure a lei, procure a Justiça. Não é o senhor que tem de andar armado. A polícia existe para proteger o cidadão. O senhor está errado! Policial, tome essa espingarda e encaminhe para a campanha do desarmamento!

Hermenegildo

Mas sem ela eu não sou nada, senhor juiz!

Juiz

Por favor, levem as armas. As acusações contra os senhores são graves!
Como é que o senhor chega na aldeia, expulsa os indiozinhos que lá moravam, e diz que a terra é sua!

Hermenegildo

Eu não fiz isso, senhor juiz!

Juiz

Ai, ai, ai! Mentiras não vão ajudar o senhor! Tenho aqui duas testemunhas: Karié e Karií, que me contaram tudo que o senhor fez lá na aldeia.

Hermenegildo

É que eu precisava aumentar minhas terras...

Hermenegilda

Questão de necessidade, senhor juiz, necessidade!

Hermenegildo

E depois a terra deles é mais verde, tem mais água!

Juiz

Mas a terra pertence a eles!

Hermenegildo

E o que vai acontecer, senhor juiz?

Juiz

Calma, o julgamento mal começou! Quem disse ao senhor que negro nasceu pra trabalhar e sustentar branco? Quem disse ao senhor que índio é preguiçoso? Onde o senhor aprendeu isso?

Hermenegildo

Tudo que tenho herdei de meu pai e com ele aprendi a ser como sou!

Juiz

Dona Hermenegilda, a senhora concorda com seu marido?

Hermenegilda

É meu marido, não é senhor juiz? O que ele diz, eu assino embaixo.

Juiz

Então é por isso que a senhora se achou no direito de pegar duas criancinhas indefesas para escravizar, humilhar e explorar?!

Hermenegilda

É de pequenino que se torce o pepino! E pra falar a verdade, eu detesto crianças! Eu gosto mesmo é de torta de chocolate!

Juiz

Então deve ter sido o chocolate da torta que fez a senhora esquecer que toda criança tem o direito de ir pra escola! Que cidadã é a senhora?

Hermenegilda

Doutor, as únicas pessoas que eu sei tratar bem são os meus filhos e eles estão todos estudando. Nas férias não faltam torta pra eles. De chocolate, de morango, de coco, de limão...

Juiz

Mas o mundo não é só a senhora, seus filhos e suas tortas!

Hermenegilda

Se a gente está bem, que tudo o mais vá pra o inferno!

Juiz

Pois muito bem, dona Hermenegilda! Quem está perto de ir para o inferno é a senhora!

Hermenegilda

Eu, seu juiz? Eu sou uma privilegiada! Sempre tive de tudo! Não é o senhor que vai me mandar pro inferno, não! Ah! Não!

Hermenegildo

Mulher, veja o que diz, pra gente não se complicar!

Juiz

Bem, já temos dados bastante para chegar a um veredicto!

Hermenegildo

Veredicto? O que é isso?

Zé das Pipas

O castigo que os senhores merecem!

Hermenegilda

Então, ande logo, doutor, que eu quero ir pra casa. Tem uma torta de limão me esperando!

Juiz

Pois não, minha senhora! Primeiro: a senhora e o seu marido desrespeitaram o Estatuto da Criança e do Adolescente querendo escravizar criancinhas para o trabalho! Segundo: agiram de forma

racista e preconceituosa, falando dos negros. E terceiro: além de tudo isso, como se não bastasse, invadiram e se apossaram das terras dos indiozinhos. Há duas alternativas para o castigo: ficarem para sempre atrás das grades... ou... se redimirem do que fizeram.

Hermenegildo

Redimir? O que é isso?

Zé das Pipas

Se arrependem do mal que causaram.

Hermenegilda

Tá complicado!

Hermenegildo

Cala a boca, mulher, não vê que estamos em apuros?

Hermenegilda

Deixe que eu resolvo. Quer um pedaço de torta, seu juiz?

Juiz

De torta já basta a senhora, dona Hermenegilda.

Hermenegilda

Torta, eu?! Não, seu juiz, eu sou fofa! Sempre fui fofinha! Não é, bem?

Hermenegildo

Fica quieta, mulher. Você quer complicar ainda mais as coisas.

Hermenegilda

Não tô nem aí pra nada. Eu sei que no fim você resolve tudo mesmo!

Dê uma graninha pra ele.

Hermenegildo

Fique quieta! O que eu posso fazer pra me redimir?

Juiz

Para começar, pode criar melhores condições de trabalho para os pais de Joãozinho e Maria.

Hermenegildo

Melhorar, como?

Juiz

Há quanto tempo eles trabalham para o senhor?

Hermenegildo

20 anos.

Juiz

E qual é o salário deles?

Hermenegildo

Eles não têm salários. Eu empresto um pedacinho de terra pra eles morarem e em troca eles trabalham, plantando e colhendo a minha produção!

Juiz

Então, já é tempo de passar essa terrinha onde eles moram pro nome deles! Para que o senhor quer tanta terra? Junte seus trabalhadores e crie uma cooperativa, dividindo melhor o lucro do plantio!

Hermenegildo

Por que nós? Nossa vida tá ótima do jeito que está!

Juiz

Quando Deus criou o mundo não disse quem era o dono! O mundo é de todos nós! Além do caso dos pais de Joãozinho e Maria, vocês vão devolver aos indiozinhos as terras invadidas, certo? E vão pagar uma multa por terem desrespeitado a lei que proíbe discriminação racial no nosso Brasil. Entendido?

Hermenegildo e Hermenegilda

Entendido!

(Entra a música. Todos cantam e dançam, avançando e circundando o Sr. e Sra. Hermenegildo)

Força, garra e coragem / Pontuam nossa vontade / O abuso é a medida / Para quem não tem caráter! / A união faz a força / Mudando a realidade / A mentira e a tirania / São as armas dos covardes. / A injustiça é um mal / Que com amor se combate / Espalhando a esperança / Afirmando a igualdade. / O direito é de todos / Seja qual for sua cor / Seja qual for sua classe.

(Hermenegilda fala para o juiz)

Hermenegilda

Senhor juiz?

Juiz

Pois não, minha senhora.

Hermenegilda

Eu tenho uma carta comigo que meus filhos me enviaram. Estava em dúvida se mostrava ou não para o senhor.

Juiz

Por favor, minha senhora.

Hermenegildo

Mostra sim, mulher. Talvez a carta ajude a gente!

Juiz

Leia a carta para todos, dona Hermenegilda.

Hermenegilda

(Lendo a carta)

Caros pais: soubemos dos atos que praticaram contra crianças indefesas. Já imaginaram se fizessem o mesmo com a gente? Pedimos, de coração, que reparem todo o mal que fizeram! Infelizmente, não podemos estar com vocês e conversar. Mas estamos solidários às crianças prejudicadas. (*Reação das crianças*). Elas merecem todo nosso carinho e respeito. Assim como você e o pai. Abraços, Alberto, Lucy e Antônio.

Juiz

Viu, meus senhores! Seus filhos já têm outra mentalidade. Foi bom ouvi-los antes de qualquer decisão. Eu vou dar uma chance a vocês. Caso não cumpram o que combinamos, as crianças vão me procurar e eu mando meus policiais levarem o casal pra trás das grades!

Hermenegildo

Nem pensar, nem pensar!

Hermenegilda

Na verdade, a gente já tem tanto!

Hermenegildo

Tudo que eu tenho feito na vida é tirar. Tirar de um, tirar de outro, e assim vou deixando todo mundo sem nada.

Hermenegilda

Os meninos lá em casa já tinham reclamado disso, Hermenegildo! Eles vão gostar dessa sua mudança!

Hermenegildo

Sabe de uma coisa, Gildinha? Eu vou voltar pra escola. Vou aprender a ler pra ficar mais informado, porque as coisas estão mudando!

Hermenegilda

E então, senhor juiz? Estamos liberados?

Juiz

Já, já! Mas, antes, assinem aqui esse documento. É um termo de compromisso. Se não obedecerem, já sabem... Assinem! (**Hermenegilda** assina e **Hermenegildo** põe o dedo). Isso me corta o coração!

Hermenegildo

Doutor, meu pai não deixava eu ir pra escola. (*Chora*).

Juiz

Policial, leve o senhor Hermenegildo para tomar um calmante!

Hermenegilda

Crianças, desculpem a gente! Prometemos que seremos melhores, bonzinhos daqui por diante!

Zé das Pipas

Todo mundo aqui quer mudanças! Nós vamos dar um voto de confiança pra senhora.

Hermenegilda

Obrigada! E quando quiserem comer uma torta apareçam!

Juiz

Policial, acompanhe dona Hermenegilda! Declaro encerrada a audiência!

(Todos cantam a musica final)

Nesse mundo de ciladas, / Olho vivo e bem aberto, / Porque às vezes é difícil / Ver o mal que está por perto. / Apesar de muito engano,

É preciso confiar, / Pois tudo é mais difícil, / Se você não acreditar.

Joãozinho

Bem, meus amigos, eu e Maria vamos até a roça para ver o pai e a mãe, pois estamos com muita saudade dos dois.

Maria

Mas a gente vai se ver sempre, não é turma?

Zé das Pipas

Claro! Uma coisa eu aprendi. Todo fim de semana a gente vem aqui para ouvir e ajudar seu Luna a contar histórias.

Joana

Eu vou trazer um bocado de coisas novas. Prometo que farei uma pulseira para cada um de vocês.

Karií

Eu e Karié viremos também. Prometo que trarei mais amigos para a nossa brincadeira!

Karié

Eu vou trazer um cocar bem bonito para coroar seu Luna! Afinal de contas, foi ele quem recebeu a todos nós!

Zé das Pipas

Viva seu Luna!

Todos

Viva!

Luna, o Narrador

(Entrando). Quem tiver suas histórias pode vir até a mim. Afinal de contas, quem conta um conto aumenta um ponto!

Se sentindo justificados,

Nossos amigos sorriram,

E todos de braços dados

Sua ciranda cantaram.

Agora, mais do que nunca,

Seus sonhos realizaram.

João e Maria com seus pais se encontraram,

Karií e Karié para sua aldeia voltaram

E Zé, após a vivência

E o caminho traçado,

Pensou como poderia

De olho aberto no sonho

Ver um destino traçado.

Zé das Pipas

Bem, uma coisa eu aprendi. É preciso união para este mundo mudar.

Eu vou criar no meu colégio a Troupe do Sol Nascente. Daí, quando

os professores entrarem em greve, nós podemos continuar nossos

estudos de outra forma. Podemos ir para a escola e nos reunir para

cantar, dançar, contar histórias, usar a biblioteca e não ficar parados!

Joana

Eu posso ensinar os colegas a fazer artesanato, bordar, costurar e transformar.

Luna, o Narrador

É isso, gente. Viva a brincadeira! Brincar também é preciso!

(Todos cantam)

*Lunáticos, mas acordados / Todos juntos / Bem-amados / Vamos espalhar alegria /
Caminhando lado a lado. / Buscando na fantasia / Recuperar nossos sonhos / De ver o real
transformado / O sonho, uma vez perdido / Hoje está do nosso lado / Brilhando, espalhando
a luz / Deixando tudo dourado / O coração e a mente / Caminhando lado a lado.*

FIM



Foto 1 – Elenco do espetáculo *Em Busca do Sonho Perdido*



Foto 2 – Elenco do espetáculo *Em Busca do Sonho Perdido*



Foto 3 – Laura Haydé, Vitório Emanuel, Isabela Malta e Raimundo Filgueiras



Foto 4 – Fernanda Paquelet e Daniel Becker



Foto 5 – Raimundo Filgueiras



Foto 6 – Eduardo Albuquerque, Isabela Malta e Raimundo Filgueiras



Foto 7 – Fernanda Paquelet e Daniel Becker



Foto 8 – Laura Haydée, Fernanda Paquelet e Vítório Emanuel

FICHA TÉCNICA

DEOLINDO CHECCUCCI

Texto e Direção

TUZÉ DE ABREU

Direção Musical e Composições

DEOLINDO CHECCUCCI

Letras das Músicas

RAFAEL HATTGE

Preparação e Arranjos Vocais

EURO PIRES

Cenografia e Figurino

AGAMENON ABREU / ZOILA BARAT / GIL FONSECA / MARIA LUÍSA VEIG /
NOÊMIA ALMEIDA / CONCEIÇÃO QUEIROZ

Confecção de Adereços

LINA LEMOS

Costureira

GUIDA MARIA / EDNALVA

Equipe de Costura

CLAUDIO JUNIOR

Iluminação

IVETE RAMOS

Coreografia

CLODOALDO LOBO

Divulgação

SAMUEL FREITAS

Fotos

BELMIRO NETO / PAT SIMPLÍCIO

Programação Visual

NAHOEL DI RENZO / CÉSAR SANTANA

Contrarregras

GRUPO ASA BRANCA

Produção

EMERSON ALMEIDACABRAL / MANOLO ARAÚJO

Assistente de Produção

DANIEL BECKER / FERNANDA PAQUELET / EDUARDO ALBUQUERQUE / PATRÍCIA RAMOS /
RAYMUNDO FILGUEIRAS / LAURA HAYDÉE / HERALDO SOUZA / VITÓRIO EMANOEL /
ISABELLA MALTA / TOM CARNEIRO

Elenco

RAIDEN COELHO / BRANCO DO ACORDEON / NELSON JÚNIOR

Músicos

CAIR NA REAL OU NA REALEZA

Deolindo Checcucci, diretor teatral, dramaturgo, professor e também ator, atuou em diversos espetáculos nos grupos amadores mais importantes em Feira de Santana, Teatro Experimental de Feira – TEF, e Movimento de Teatro Amador – Meta, ambos de atuação marcante na década de 60. Ao ingressar na Escola de Teatro, Checcucci subiu ao palco como intérprete, mas ao longo do tempo, a função de diretor se fez maior. Data dessa época seu encontro com Lia Robatto, parceria que resultou em espetáculos experimentais encenados em espaços alternativos e revelando códigos expressivos que se fizeram presente no teatro dos anos 70. Inquieto, Checcucci trilhou sua carreira atuando regularmente na cena profissional de Salvador e também na Escola de Teatro, na condição de professor e diretor administrativo, criando também espetáculos para a Companhia de Teatro da Ufba.

Em uma rápida olhada no livro *O teatro na Bahia através da imprensa* (1994), de Aninha Franco, pode-se constatar os registros dos inúmeros espetáculos realizados por Checcucci. Entre os diversos trabalhos que levou ao palco, percebe-se o interesse do diretor pelo teatro destinado a crianças e jovens, uma marca em sua trajetória como artista. Ao lidar com a linguagem do teatro destinado a esse público, Deolindo Checcucci não se prende a fórmulas: pesquisa, arrisca, brinca, (des)educa, vai na contramão do teatro que diminui a criança e afasta o jovem e o adulto desse gênero que vem sendo cultivado com bastante criatividade por renomados encenadores, Brasil afora. Checcucci encena autores consagrados, aposta em novos e torna-se um dramaturgo. Seus textos, agora publicados, não se perderão na efemeridade caracterizadora do teatro. Entre eles, o inédito *A Coroa de Raquel*, musical infantojuvenil em um ato.

* * *

Cair na real ou na realeza? Na fantasia ou na realidade? Quem não desejaria se rebelar ao som dos acordes do rock e ao balanço das ondas?

Democracia, monarquia, esquerda, direita, centro ou periferia? Transitando entre dois mundos, Raquel e seus companheiros percebem que, em todas as instâncias e regimes, o que as pessoas querem mesmo é um mundo mais justo. Em todos os sistemas essa é a aspiração máxima do ser humano. O que o texto traz são anseios universais, e sua leitura é edificante.

Todos querem ser especiais, mas especiais todas as pessoas já são! Mas é hora de descobri-lo... Nesse processo de autoconhecimento, Raquel desencadeia em todos um

questionamento sobre suas vidas. Príncipes surfando e princesas dançando *rock'n'roll* rompendo paradigmas ilustram esse hino à liberdade. Liberdade que é e a força transformadora da juventude, simbolizada pelo rock. Liberdade essencial para quem quer ser feliz... Liberdade de pensamento, liberdade de escolha. É a força da juventude, que não pode ser sufocada.

Põe a máscara
Tira a máscara
Olho vivo meu irmão
Quem não arrisca não petisca
Perde o gosto da emoção

Esta é uma história que nos convida a ir além do muro da nossa limitada realidade, numa jornada de descobertas da natureza humana, valorizando a experiência, mesmo a do mundo da fantasia, pois “vivendo e aprendendo, é o caminho andado que aprendemos a caminhar”.

E assim o texto situa a diferença entre pessoas de bem e pessoas de bens, pessoas de princípios e pessoas de posses materiais. Como diz o príncipe desta fábula, “desta nobreza estou fora. Ser nobre é agir com a consciência tranquila, buscando o bem comum”.

O autor convida os jovens leitores a refletir sobre o bem comum, tanto em nossa realidade quanto no mundo imaginário. Pontua a importância dos valores humanistas, incentivando o abandono e transformação do egoísmo de quem esquece que é impossível ser feliz em meio à infelicidade, ignorando deliberadamente a condição do próximo. Condição humana, coletiva.

Propõe também um diálogo amplo entre pais e filhos, pois as gerações são diferentes na aparência. Na essência, têm as mesmas aspirações. Fazem parte de um organismo maior, onde todos devem ter seus direitos acatados, direitos de educação, saúde e moradia. É um convite para os leitores saírem de seu mundinho e comecem a olhar com benevolência o mundo à sua volta. E que o mundo da fantasia seja um convite para transformar a realidade.

Mundo mundo vasto mundo
É preciso união
Só unidos e contentes
Ergueremos uma nação

Raimundo Matos de Leão

Doutor e mestre em Artes Cênicas, escritor, autor de *Abertura para outra cena: o moderno teatro na Bahia* (2006) e de *Transas na Cena em Transe: teatro e contracultura na Bahia* (2009), EDUFBA.

A Coroa de Raquel

Musical Infantojuvenil em um ato de
Deolindo Checcucci

Para meu pai, Vera, Mateus e Raquel.

PERSONAGENS

Raquel

Mateus

Rai

Vera

Rei

Rainha

Príncipe Eduardo

CENOGRAFIA

O cenário é composto de painéis que, movimentados, criam ambientes para a ação.

(Raquel está em casa, deitada sobre um tapete, escrevendo. Subitamente entra Mateus com um pacote, enrolado em um papel de presente)

Mateus

(Fazendo festa). Olha o que chegou para você! *(Brinca com ela, enquanto roda com o pacote nas mãos).* O que será? Quem mandou? Está na cara que é um presente! Vamos abrir?

Raquel

Presente? Meu aniversário está tão longe!

Mateus

Vamos abrir! Vamos abrir!

(Eles abrem a caixa e se surpreendem. É uma coroa que lembra a de uma princesa de contos de fadas)

Raquel

Uau! Como é bonita!

Mateus

(Pegando um envelope). E vem acompanhada de uma carta!

Raquel

Vamos esperar o pai e a mãe chegarem ou abrimos logo?

Mateus

Ah! Vamos abrir. Quando eles chegarem, a gente mostra. A carta não é para você?

Raquel

Vamos lá. Eu estou meio assustada! Leia para mim.

Mateus

Querida Raquel, você foi escolhida para ser uma princesa. Tudo na sua vida, agora, será como um conto de fadas. Ao usar esta coroa, todos lhe tratarão como alguém especial.

Raquel

Quem assina a carta?

Mateus

(Anunciando). O mensageiro do castelo real.

Raquel

Especial. Todo mundo quer ser! Já gostei! Põe a coroa na minha cabeça, Mateus!

(Mateus põe a coroa e ela anda como uma princesa)

Mateus

Tem mais. Aqui, o mensageiro diz que, para o plano ser completo, você deve ir ao castelo e se apresentar ao príncipe herdeiro! Eu acho que alguém está armando uma brincadeira com você!

Raquel

Por quê?

Mateus

Já pensou? Chegar no colégio, vestida de princesa, com esta coroa na cabeça? Vão dizer que você precisa cair na real.

Raquel

(Chateada). Você está com inveja porque não lhe mandaram uma coroa de príncipe.

Mateus

(Brincando). Não está aqui quem falou!

(Neste momento, chegam Rai e Vera, os pais de Mateus e Raquel)

Vera

Oi, filha, tudo bem com você? Onde achou esta coroa?

Rai

Está parecendo uma princesa!

Raquel

Parecendo não! Eu sou uma princesa!

Rai

Minha princesinha!

Raquel

Vou ao palácio real para completar a minha metamorfose!

Vera

Metamorfose?

Raquel

É! Eu agora vou me transformar em alguém especial!

Rai

Tem alguma festa no colégio e você não avisou?

Vera

Você foi escolhida para ser a princesa da primavera?

Raquel

Nada disto! Esta coroa fará de mim alguém especial!

Rai

Mas você já é! Não precisa de coroa!

Raquel

Serei mais ainda!

Vera

Não estou entendendo nada!

Mateus

Eu explico. Vamos almoçar. Depois a gente conversa.

Raquel

Eu não posso esperar. Tenho que ir ao palácio agora! Pai, você me leva?

Rai

Mas eu estou com uma baita fome!

Raquel

Se eu não for agora, eu posso perder tudo!

Rai

Está bem, eu vou!

Vera

Você faz muita vontade a Raquel. É por isto que ela é tão teimosa.

Rai

Agora mais esta! Além de faminto, censurado!

Mateus

Se você quiser, eu vou com ela.

Raquel

De ônibus, eu não vou.

Mateus

Peça ao serviço de transporte do palácio para mandar uma carruagem.

Raquel

Engraçadinho! Espere que você vai ver carruagem! Súditos! Festas!
E você fora de tudo! Ligado no seu computador!

Mateus

Eu adoro navegar! Viajo mundo afora com ele.

Rai

Chega! Vamos ficar por aqui! Eu vou até lá!

Vera

Está bem, vai. Deixa ela viver a experiência e tirar suas próprias conclusões. Eu e Mateus vamos almoçar. E, por favor, não demore que eu tenho de voltar para o meu trabalho!

Rai

Eu vou pegar o carro. *(Ele sai. Vera e Mateus também).*

(Ouve-se a canção de gente especial, Raquel canta)

É muito legal ser especial / Ter sempre alguém me servindo / Numa mordomia total! / Ser comum é muito chato / O bom mesmo é ser o tal!

(Enquanto ela canta, Rai, Vera e Mateus trazem um trono e o colocam no centro do palco, trocando de lado os painéis já existentes que compunham a casa, agora transformados no palácio. Ao terminar o canto, ela observa em volta e fala para si mesma).

Raquel

Já gostei. Um trono! Deve ser para mim! *(Senta no trono)*. É tão bonito! Onde será que estão os habitantes deste castelo? Castelo tem rei, rainha, bruxa, fada! Será que estão em alguma cerimônia? Provavelmente almoçando! *(Ouvem-se passos. Ela se esconde atrás do trono. Entram o rei e a rainha)*.

Rei

Eu tenho feito o que posso. Mas ele insiste em tocar aquela guitarra!

Rainha

Nunca ouvir dizer que guitarra é coisa de príncipe! Só neste palácio isto acontece. E o pior, ele não quer saber de mais nada. Vai aos compromissos porque eu insisto e forço ele a ir!

Rei

Hoje mesmo, ele tinha que ir visitar a princesa que está prometida para ele.

Rainha

Eu mandei fazer uma roupa especial com um veludo importado e uma capa belíssima, toda cravejada em ouro. Quem disse que ele quis vestir? Coisa nenhuma! Queria botar uma sunga, pegar a prancha e ir à praia surfar! Pode? E eu terminei deixando ele ir, para, em troca, ele ir à festa do noivado.

Rei

Os príncipes de hoje são tão diferentes! No meu tempo, não tinha nada disto! No máximo, saíamos para caçar!

Rainha

E a princesa prometida é tão linda! Veste-se tão bem! É tão obediente! É a nora que eu queria ter!

Rei

Mas as coisas vão se ajeitar! Você vai ver. Ele vai cair na real e descobrir a realeza!

Rainha

Eu espero! Caso contrário, este trono vai ficar sem herdeiro!

Rei

Isto nunca! Eu vou ter uma conversa com ele!

Rainha

Acho bom! Seja mais severo com ele. Esta coisa de idade, adolescência difícil, chateação, é coisa de psicólogo! Ele já tem 16 anos. Está na hora de ficar mais adulto!

Rei

Claro. Eu entendo você perfeitamente. Bem, vou me trocar para a reunião com os ministros.

Rainha

E eu vou refazer meu penteado para a reunião com as damas da corte, que vão preparar o castelo para a festa do noivado! Porque este noivado vai acontecer de qualquer jeito! Vai sim.

(Os dois vão saindo, enquanto Raquel sai de trás do trono e fala para si mesma)

Raquel

Ufa! Eu pensei que essas coisas não existiam mais. (*O Príncipe Eduardo entrando*). Deve ser um saco ter tudo decidido por um pai rei e uma mãe rainha! Não ter vontade própria! Eu ouço o pai e a mãe. Mas eles também me ouvem. Não! Comigo vai ser diferente!

(Entra o Príncipe de bermuda, descalço e com uma prancha de surf na mão. Os dois se estranham. Ele pergunta)

Príncipe

Uai, de onde saiu você?

Raquel

Eu sou Raquel, ganhei esta coroa e vim até aqui. Recebi uma carta junto com a coroa dizendo que eu seria uma princesa e, como toda princesa, eu teria um tratamento especial! E você?

Príncipe

Eu sou o príncipe Eduardo! Sou o herdeiro deste trono que você está vendo aí!

Raquel

Um príncipe encantado!

Príncipe

Não. Um príncipe cansado!

Raquel

Cansado?

Príncipe

Da vida neste palácio!

Raquel

Por que assim?

Príncipe

Tenho muito pouco tempo para mim. Vivo obrigado a fazer o que não gosto!

Raquel

Mas você não estava na praia surfando?

Príncipe

Depois de uma longa discussão com a rainha, eu consegui uma horinha para surfar! Mas agora eu tenho que vestir meu uniforme de príncipe e ir a uma festa de noivado!

Raquel

Você vai ficar noivo de uma princesa?

Príncipe

Dizem!

Raquel

Como assim?

Príncipe

O pai e a mãe armaram esta para mim! Fizeram uma festa aqui no palácio com o pretexto de eu escolher uma noiva! Eu até que gostei da ideia, porque estava muito a fim de namorar uma gata. Só que todas que apareceram eram muito bobinhas! Só sabiam dançar valsa e estavam todas acompanhadas de suas fadas-madrinhas!

Raquel

Mas não é bom ter uma fada-madrinha?

Príncipe

É um saco! Elas não tiram os olhos das meninas! Vigiam o tempo todo. E todas as meninas têm a mesma roupa, o mesmo sorriso! Parecem feitas em série.

Raquel

Não tinha nenhuma que você descobrisse alguma coisa especial?

Príncipe

Não. Convidei uma para dançar um rock, e ela me disse que não ficava bem para uma princesa dançar rock in'roll. Não é estranho? Eu adoro um rock! Mexe com a gente. O corpo todo se movimenta, a gente grita, pula, fica à vontade.

Raquel

É. Eu gosto também. Eu tenho um irmão que toca guitarra. De vez em quando reunimos o pessoal da escola e a gente se diverte.

Príncipe

Seu irmão toca guitarra?

Raquel

Toca!

Príncipe

Eu também quero conhecer ele.

Raquel

Você não gosta de valsa?

Príncipe

Gosto. Mas não o tempo todo. Tudo aqui é com valsa. Eu já não tenho mais saco para ouvir o Danúbio Azul.

(Raquel sorri)

Raquel

E um samba?

Príncipe

É proibido aqui no palácio! A nobreza não gosta desses ritmos muito populares não. Dizem que fere a realeza!

Raquel

A realeza?

Príncipe

É. As pompas, as cerimônias, as formalidades. O tédio, enfim.

Raquel

Nossa! Você está mesmo chateado!

Príncipe

E como!

Raquel

Olha, eu estava aqui quando seus pais entraram conversando. Como eu não estava com a roupa de princesa, fiquei atrás do trono e ouvi o que eles diziam. A festa do noivado já está sendo preparada! Sua mãe e as damas da corte estão reunidas para organizar a cerimônia!

Príncipe

Agora, pode? Eu nem sei o que quero da vida e já querem me arranjar uma noiva!

Raquel

É. Eles têm que lhe ouvir mais. Assim fica difícil.

Príncipe

Com certeza. Eu tenho uma ideia e preciso de você.

Raquel

Bom, você é um príncipe bem diferente do que eu imaginei. Mas parece ser legal. Conte comigo!

Príncipe

Eu vou conseguir uma roupa de princesa para você, uma de rei para seu pai, e uma de rainha para sua mãe.

Raquel

Não estou entendendo.

Príncipe

Eu vou dizer a meus pais que encontrei a minha noiva. Você!

Raquel

Eu?!

Príncipe

Você sim! No país do faz-de-conta, tudo pode acontecer! Você não gosta de uma aventura?

Raquel

Com certeza. E se o pai, a mãe e Mateus não quiserem?

Príncipe

A gente inventa outra coisa.

Raquel

Está bem.

(Entram os acordes de um rock que é cantado pelos dois)

No país do faz-de-conta / Vale sempre a invenção / Uma ideia leva a outra / E quem sabe a ação / Põe a máscara / Tira a máscara / Olho vivo, meu irmão / Quem não arrisca, não petisca / Perde o gosto da emoção.

(Enquanto cantam, entram os pais de Raquel e Mateus, apreensivos. Raquel vai até eles e os abraça)

Raquel

Pai, mãe, Mateus, que bom que vocês chegaram! Este é o príncipe Eduardo!

Mateus

Tem mais cara de surfista.

(Cumprimenta-o batendo as mãos)

Raquel

Como é que vocês entraram aqui?

Rai

Dissemos que queríamos falar com o príncipe.

Vera

A princípio, eles não concordaram, mas eu disse que você estava aqui e precisava falar com você. Falei da coroa que você recebeu e do convite. Eles estranharam, mas deixaram que a gente entrasse.

Príncipe

(*Dirigindo-se a Rai e Vera*). Muito prazer, minha senhora. Seja bem-vindo, meu senhor!

Rai

(*Dirigindo-se a Raquel*). Estávamos preocupados com sua demora e viemos saber o que está acontecendo!

Raquel

Um conto de fadas!

Príncipe

As fadas deste castelo estão todas de férias. Agora, as bruxas estão soltas! E como perturbam! Agora mesmo, estão vestidas de damas da corte reunidas com minha mãe, preparando uma festa de noivado para mim.

Rai

E você já pensa em casamento?

Príncipe

Eu não. Mas meu pai e minha mãe querem garantir a continuidade do reinado.

Mateus

Eu já vi que a realeza é uma coisa complicada!

Raquel

E como, meu irmão! Esqueça! Mas eu e o príncipe Eduardo contamos com vocês para desfazer o plano deles.

Mateus

Pelo jeito, vocês estão se entendendo bem!

Raquel

Você também vai gostar. Ele adora rock! Sua guitarra aqui vai fazer sucesso!

Rai

(*Para Vera*). Pronto! Já vi que vai sobrar para a gente.

Vera

Com certeza. E qual é o plano de vocês para impedirem o plano de seus pais?

Príncipe

Eles querem uma noiva para mim. A escolhida é uma garota muito chata! Vive falando em aplicações, juros, poupança! Se veste igual a uma "Patricinha"! Não tenho a menor vontade de namorar com ela, imagine noivar e casar! Daí eu pensei em eleger Raquel como a princesa escolhida e apresentá-la a meus pais, convencendo a eles que é melhor estar com alguém que eu quero, para evitar problemas futuros: separação, divórcio, essas coisas.

Rai

E como a gente entra nesta história?

Raquel

Vocês serão rei, rainha, e Mateus, um príncipe.

Mateus

Eu estou mais para o gato de Brotas.

Príncipe

De Brotas, não, de botas.

Mateus

Mas eu moro em Brotas, daí mudei o título da história para o Gato de Brotas.

Príncipe

(Sorrindo). Você é broder! Gozador e boa-praça!

Vera

Sim. Voltemos ao plano. Eu e Rai de rei e rainha. E daí?

Príncipe

Eu apresento a família real de Brotas a meus pais e falo de minha intenção de ter a princesa Raquel como noiva!

Rai

E você acha que eles vão ceder assim tão fácil?

Príncipe

Isto é só o começo. Ao menos, pode impedir a festa que está sendo preparada. Na sequência, a gente vê o que faz.

Mateus

Taí. Gostei da ideia. Conte comigo!

Vera

(Para Rai). Bem, já que estamos aqui, vamos em frente!

Raquel

Eu sabia que podia contar com vocês.

(Abraça os pais e beija. O Príncipe fala para todos)

Príncipe

Venham comigo! O que não falta em meu quarto é roupa! Tem um baú que a minha tia deixou com peças femininas. A gente mistura tudo e faz uns trajes bem diferentes. Algo que lembre o reinado do príncipe de Brotas! (*Brincando com Mateus*)

Rai

Vamos lá, então!

(Todos saem enquanto entram o Rei e a Rainha, alegres e contentes)

Rainha

(*Em tom de ópera*). Ah! Meu querido! Você não imagina como a festa será bela! Reis, rainhas, príncipes, princesas, barões, baronesas. Só vai dar a realeza!

Rei

Rainha querida do meu coração! O herdeiro do trono vai dizer sim ou não. E a realeza beija a sua mão com muita nobreza, com muita emoção!

(Ao terminar a miniópera, os dois suspiram aliviados e falam)

Rainha

É preciso convidar todos os jornalistas para cobrirem o evento! Principalmente o pessoal da coluna social!

Rei

Os políticos também! Vamos misturar os de esquerda, os de direita e os de centro. Afinal, eu sou um democrata. A monarquia de mãos dadas! Vou convidar também a periferia.

Rainha

Esse negócio de política é com você. Eu tô fora!

Rei

Deixe comigo!

(Enquanto conversam entra o Príncipe vestido a rigor e cumprimenta os pais)

Rainha

Bom! Muito bom!

Rei

Está tudo andando nos trilhos! E você?

Príncipe

Ótimo! Sobre as ondas!

Rainha

Gostou da roupa nova que mandei fazer para você?

Príncipe

Não é bem apropriada para este calor, mas é bonita!

Rei

Material importado, meu filho! Como tudo neste palácio!

Rainha

Veio da França, querido! Da França!

Rei

E então? Preparado para a festa do noivado?

Príncipe

Estou sim! Vesti a roupa para ficar mais acostumado!

Rainha

Ô! Querido, você é um príncipe mais do que encantado. Encantador!

Príncipe

A senhora acha mesmo?

Rei

Você tem alguma dúvida?

Príncipe

Muitas. É o que mais tenho! Principalmente em relação a esse noivado!

Rei

Como assim?

Rainha

Nós escolhemos a dedo no meio de tantas! E você não discordou.

Disse que estava tudo bem!

Príncipe

Eu estava de saco cheio! Entediado! Infeliz! Disse sim só para não contrariar vocês. Mas depois eu conheci outra princesa e é com ela que eu quero, primeiro, namorar, e se tudo correr bem, noivar e, quem sabe, casar!

Rainha

Meu filho! Você é um príncipe encantado.

Príncipe

Cansado!

Rainha

Não acredito! Onde está o seu encanto?

Príncipe

Perdido por aí!

Rei

Eu acho que você está precisando de um analista. Isto é crise existencial!

Príncipe

Seja lá o que for. Vejam bem, pai e mãe: eu quero ter vontade própria. Chega de vocês decidindo por mim.

Rei

Mas a gente só quer o seu bem!

Príncipe

O que vocês consideram bem para mim pode ser mal.

Rainha

Vou marcar uma hora com o analista para você. Isto é crise. Meu analista vai lhe ajudar.

Príncipe

Não precisa não, mãe. Nós já estamos aqui, conversando, fazendo uma análise.

Rei

Você está me surpreendendo!

Príncipe

Ótimo! Mais surpresas virão. Estão aqui no palácio, os pais e o irmão da princesa que eu conheci e gostei. Eles vieram para conhecê-los.

Rei

Se são nobres, já nos encontramos em alguma cerimônia.

Rainha

Todos sabem quem somos.

Príncipe

Quem são vocês?

Rei e Rainha

Um rei e uma rainha. Seu pai e sua mãe.

Príncipe

Certo. Só que vocês se consideram especiais. A realeza e a corte escondem tudo que cerca vocês.

Rei

Não. Nosso Serviço Secreto nos informa de tudo.

Príncipe

Eu falo de outra realidade, que está lá fora, além dos muros do palácio. E eu quero conhecer.

Rainha

Meu Deus! Vou marcar uma sessão diária de análise!

Rei

Esperem, querida. Vamos ouvir o que ele tem a dizer.

Príncipe

Posso trazer meus convidados para conhecê-los?

Rei

Claro! Pode sim! (*Dirigindo-se à coxia*). Orquestra, toque aí o Danúbio Azul.

(Ouve-se a música e entram Raquel, o pai, a mãe e Mateus, vestidos como nobres e dançando. O Rei e a Rainha olham assustados e recuam até o trono. Terminando a música, o Príncipe fala)

Príncipe

Raquel, Mateus e os pais.

Raquel

Muito prazer!

Rei e Rainha

(*Inseguros*). Sejam bem-vindos! É um prazer especial tê-los em nosso palácio.

Rai e Vera

O prazer é todo nosso!

Mateus

(*Se divertindo*). O príncipe de Brotas!

Rainha

De Brotas?

Mateus

Primo do gato de botas!

Rainha

Realmente, é gatíssimo você!

Mateus

Obrigado!

Rai

E então como vai a corte? A realeza?

Rei

Caindo na real!

Rainha

Caindo não, subindo sempre. Vivendo a real!

Rai

Como é do conhecimento de vocês, Eduardo e Raquel estão se paquerando.

Rainha

Paquerando?

Mateus

Namorando, flertando. Querem se conhecer melhor, conversar, namorar, ouvir um som...

Rainha

Ah, sei... É que eu não estou acostumada a ouvir certos termos. Nobre tem uma linguagem e uma linhagem especiais.

Mateus

Linhagem que eu conheço é um pano de se fazer saco para embalagem.

Rainha

Vá ao dicionário e se informe melhor.

Mateus

Vou fazer isto, sim. É sempre bom aprender um pouco mais. O dicionário é um bom guia.

Rai

Bem, seu filho quer ficar alguns dias em nossa convivência e também conhecer melhor Raquel.

Rainha

Mas ele não pode sair do castelo agora. Tem uma festa preparada para ele.

Príncipe

Mamãe. É como eu já lhe disse, eu não quero fazer uma escolha só porque a senhora e meu pai gostaram de alguém e a elegeram como a pretendida!

Rainha

Mas já está tudo programado! Já está correndo o tititi!

Príncipe

Suspende a cerimônia. É melhor do que acontecer sem mim.

Rei

Querida, o Eduardo tem razão. Já bastam os problemas que tenho enfrentado com meus ministros. Têm prometido mundos e fundos e o povo está cobrando.

Rainha

Eu vou para o meu analista. É demais para mim. Com licença. *(Ela sai)*.

Rei

Está bem, meu filho, pode ir. Assim que chegar a uma decisão me comunique!

Príncipe

Está bem, papai.

Rei

Eu vou pedir a assessoria de imprensa para suspender a divulgação. Com licença! Boa sorte para todos!

Rai

Para sua majestade, também!

Vera

Bem, vamos indo. A noite já desceu e o sonho não demora a chegar junto com o sono.

(Entram os acordes de um rock. Eles cantam e dançam, enquanto mudam o cenário)

Decidindo, interrogando / Agitando, dando a mão / Todo mundo vai se abrindo / Descobrimo em cada passo / Os sonhos e caminhos / Girando a roda da vida / Sentindo o gosto de amar.

(Casa de Rai, Vera, Mateus e Raquel. Enquanto tiram as vestes reais, falam)

Rai

Bem, vamos cair na real de verdade! Eu vou começar tirando esta roupa que incomoda muito!

Vera

Urgente! O calor está demais.

Rai

Bem, príncipe Eduardo, aqui é o nosso reinado! Bem diferente, não?

Príncipe

É simples, mas é aconchegante. Quem foi o arquiteto?

Rai

Um amigo fez a planta, mas eu modifiquei muitas coisas, à medida que ia construindo.

Príncipe

Tem muito verde, muitas árvores, frutos, flores e uma brisa refrescante e agradável!

Rai

Raquel e Mateus têm o quarto aqui, no térreo. Eu e Vera temos o nosso canto lá em cima.

Mateus

Tem um galinheiro onde a gente apanha ovos todo dia.

Raquel

E, às vezes, as galinhas chocam os ovos. É lindo ver os pintinhos nascerem, quebrarem as cascas dos ovos, andar junto com a mãe.

Príncipe

Eu nunca vi isto!

Raquel

É lindo! Amanhã eu mostro para você.

Príncipe

Onde estão seus súditos?

Mateus

Súditos? É coisa que não temos. Dividimos as tarefas e todo mundo ajuda a manter a casa em ordem.

Raquel

Às vezes, dá preguiça.

Príncipe

E o que fazem para ganhar dinheiro?

Mateus

Meu pai é ator e minha mãe tem uma clínica de fisioterapia.

Príncipe

Nunca fui ao teatro.

Raquel

Não sabe o que está perdendo!

Vera

Amanhã, você pode ir até a clínica!

Príncipe

Eu quero ver seu pai representando também!

Rai

No momento, eu não estou fazendo nenhum trabalho.

Príncipe

E como consegue a grana para manter a casa, pagar as contas?

Vera

Nós temos apartamentos também, que alugamos e é uma fonte de renda para ajudar nas despesas.

Príncipe

Eu já vi que aqui todos se ajudam e se entendem.

Raquel

Às vezes, a gente se desentende também.

Mateus

Bate uma preguiça para estudar, fazer as coisas.

Príncipe

Eu sei como é. Mas, pelo menos, vocês estão juntos, sentam, conversam. Se tiver um problema, discutem e se ouvem. Lá no palácio, não. O papai e a mamãe estão sempre nas cerimônias, nos encontros. Decidindo por eles e por todos.

Rai

Mas deveria ser ao contrário. Se eles governam, têm que ouvir a todos para fazer projetos e pôr em prática, atendendo às necessidades da população.

Príncipe

No máximo, eles ouvem os ministros. O papai vive em reuniões com eles e os secretários. A mamãe vive promovendo chás, fazendo fofoca com as amigas e comprando os últimos lançamentos da moda. Adora um shopping center.

Vera

Enquanto isto, o cidadão não tem acesso à escola, à saúde, à moradia e muita gente passa fome.

Príncipe

Eles estão dando cestas de comida para os mais pobres. Toda semana tem uma fila enorme na porta do palácio.

Raquel

Você acha isto certo? Uns terem e outros não?

Mateus

Uns poderem ir à escola e outros não?

Príncipe

Não existem escolas públicas? Escolas que os alunos não precisam pagar?

Rai

Só que pagam mal aos professores, e não dão boas condições de trabalho para eles. Termina desmotivando o professor e o aluno. A vontade de ensinar e aprender fica prejudicada.

Príncipe

Mas o ministro da Educação gasta um dinheirão para os projetos educacionais.

Vera

O dinheiro que deveria ir para equipar as escolas, vai para o bolso dos ministros e dos políticos do partido deles.

Príncipe

É assim, é?

Rai

É assim com a maioria. Não importa se é o ministro da Educação, da Saúde ou da Habitação. Toda regra tem sua exceção, é verdade. Mas poucos são os ministros e governantes que fazem alguma coisa, de fato, para melhorar as condições de vida dos que não nascem em berço de ouro!

Príncipe

Como eu?

Rai

Me perdoe. Eu não quis lhe ofender. Mas esta é a verdade. É revoltante. Eu tenho um amigo que precisa de assistência médica e não tem um plano de saúde. Vai para os postos, fica em filas intermináveis e nunca é atendido. Falta médico, enfermeiro, material. E mesmo com plano de saúde, às vezes, é difícil ser atendido.

Príncipe

O senhor está certo. As coisas não podem continuar assim. É preciso mudar.

Raquel

Estudar, trabalhar, se cuidar, brincar... Todo mundo precisa disso!

Príncipe

Claro! Claro! Vocês têm toda razão. Agora, vejam bem. Eu sou o herdeiro deste trono que o papai e a mamãe construíram! Se fosse vocês o que fariam? Até namorada eles querem arranjar para mim.

Raquel

E eu que pensei que no palácio era tudo especial!

Mateus

Queria ser a tal! Está vendo? Aqui, pelo menos, a gente pode optar! Eu prefiro ser o gato de Brotas e caminhar com mais liberdade e menos chateação!

Vera

Vivendo e aprendendo! É no caminho andado que aprendemos a caminhar!

Rai

Bem, eu preparei um jantar especial para a gente. Vamos a ele?

Mateus

Vamos lá! Meu estômago já começou a reclamar.

Príncipe

Eu estou sem fome. Se vocês não se incomodarem, prefiro ficar aqui e pensar um pouco sobre tudo que conversamos.

Vera

Fique à vontade. Vai ficar tudo na geladeira. Sentindo fome, você vai lá e pega, certo?

Príncipe

Certíssimo.

Mateus

Meu pai faz uns pratos deliciosos, você vai gostar.

Príncipe

Com certeza! (*Todos saem, ficando o **Príncipe** sozinho*). Agora eu entendo melhor meu primo, quando dizia que ser ou não ser era a questão. Não há algo de podre só no reino da Dinamarca. No nosso também há. E eu tenho que fazer alguma coisa para mudar. Já que sou o herdeiro, compete a mim promover as mudanças. Antes de qualquer coisa, preciso ter uma conversa com papai e mamãe. Quero saber se eles têm conhecimento de todas essas sujeiras que acontecem no palácio.

(Raquel entra e conversa com o Príncipe Eduardo. Ela traz um sanduíche para ele)

Raquel

Trouxe um sanduíche para você.

Príncipe

Obrigado! (*Recebe o sanduíche*). Você é muito legal!

Raquel

Você também. Está triste?

Príncipe

Sim! Não sabia que os cidadãos deste reino passavam por tantas dificuldades. Ainda bem que conheci você e, junto com os seus, fiquei sabendo de muita coisa.

Raquel

Mas é assim mesmo. Eu também não imaginava que ser um príncipe e viver num palácio fosse tão chato! Sempre pensei que era um mar de rosas. Viagens, festas, diversão, gente para fazer as coisas. Uma mordomia só!

Príncipe

Mordomia é o que não falta! Mas você paga com um tédio sem-fim.
É muito chato ter alguém para fazer tudo por você, inclusive, escolher seus amigos, suas namoradas, seus colegas.

Raquel

É verdade! A liberdade de escolha é fundamental para a gente ser feliz!

Príncipe

Eu preciso retornar ao palácio!

Raquel

Já? Você nem conheceu tudo aqui. Não viu o galinheiro com uma galinha choca e um bocado de pintinhos.

Príncipe

Eu vou voltar e conhecer tudo melhor! Fique tranquila! Que luz é esta que está entrando pela sala?

Raquel

É a luz da lua! Hoje é noite de lua cheia!

(Entram os acordes de uma música que os dois cantam, enquanto Mateus, Vera e Rai mudam o cenário)

A luz chega com a lua / Que nua vai nos levar / Revelando os mistérios de tudo / Que caminha pelo ar / O amor ilumina o caminho / Tendo a lua a nos guiar.

(Raquel sai com Mateus, Vera e Rai. Eduardo e os pais se encontram no palácio. A Rainha está aflita e preocupada)

Rainha

Ai, que bom que você chegou, meu filho. Eu estava preocupada! Lhe trataram como você merece?

Príncipe

A senhora nem imagina! Fui super bem tratado! Conheci pessoas maravilhosas!

Rei

Então, vamos fazer uma festa para apresentá-los aos nobres da nossa corte!

Príncipe

Calma, papai! Antes vamos conversar um pouco sobre essa ideia de nobreza que o senhor e a mamãe têm.

Rainha

Como assim? Já vi que continua teimoso!

Rei

Calma, querida! Vamos ouvir o que Eduardo tem para dizer!

Príncipe

O que é que o senhor chama de nobreza?

Rainha

Você vive nela! Como que não sabe?

Rei

Nobreza é tudo que você vive aqui, meu filho! É ter um patrimônio. Criados para lhe servir, convivência com pessoas importantes, como príncipes, princesas, ministros, barões, baronesas, secretários, governadores, deputados, senadores! Pessoas de bem!

Príncipe

O que é que o senhor chama de pessoas de bem?

Rei

Pessoas educadas, em boa situação financeira, que viajam, que colaboram com o nosso reinado! O nosso staf!

Rainha

Gente fina, meu filho! Gente fina!

Príncipe

Os que vivem a explorar seus semelhantes!

Rainha

Eu estou dizendo! Esse menino precisa fazer análise! Urgente!

Rei

Eu não estou entendendo, meu filho.

Príncipe

Eu explico. Todos os nobres que convivem com o senhor estão nadando em dinheiro, principalmente os banqueiros, os empresários, os políticos! Enquanto isto tem gente sem casa, sem terra para plantar, sem escola, sem assistência médica e, ao mesmo tempo, pagando impostos para terem tudo isto!

Rei

Foi sempre assim! Eu tenho tentado melhorar. Fome, o povo não passa mais. Você vê as filas na porta do palácio!

Príncipe

Mas tem outras fomes que precisam ser alimentadas. Principalmente, a fome de justiça. Tem muito nobre que vive neste palácio e deveria estar numa cadeia.

Rainha

Ele enlouqueceu. Tem que ir para um analista! Tem que ir!

Príncipe

A senhora é que precisa descer deste salto alto e cair na real!

Rainha

Na real eu já estou há muito tempo! Eu sou uma rainha!! Sempre fui e sempre serei da realeza. Cair na real, jamais! Odeio pobreza!

Rei

Todos estão cumprindo os seus deveres!

Príncipe

Não é verdade! Tem muita gente se aproveitando dos cargos que exerce e desviando o dinheiro que deveria investir para melhorar a vida das pessoas e botando dinheiro no bolso!

Rei

O seu encontro com estes nobres que você visitou lhe deixou transtornado!

Príncipe

Deixou sim! Transtornado, chocado e decepcionado com o senhor. Como é que vê tudo isto e faz de conta que não sabe? É isto que o senhor chama de nobreza?

Rei

Você está me confundindo!

Príncipe

Eu estou abrindo seus olhos e os de minha mãe. Isto não pode continuar assim.

Rei

Mas política é isto, meu filho!

Príncipe

Ignorar, negar, roubar? Que moral o senhor tem para representar seu povo?

Rei

Você está me ofendendo.

Príncipe

A verdade dói. A gente veio ao mundo para crescer, construir, ser gente, ser nobre!

Rei

E então? Nós pertencemos à nobreza, ou não é?

Príncipe

Desta nobreza, eu estou fora. Ser nobre é agir com a consciência tranquila, buscando o bem comum. O senhor sabe disto!

Rainha

Ele está totalmente desequilibrado! É bom internar numa clínica para um tratamento de urgência.

Príncipe

Quem está precisando de tratamento são vocês e todos os nobres que lhes cercam.

Rainha

É muita ousadia! Tome uma atitude!

Rei

Eu estou muito confuso! O que ele diz é verdade!

Rainha

Você também? Não! Eu não aguento! Só uma sessão de análise! E a festa de noivado? Os convidados? Tudo que foi preparado?

Príncipe

E tem mais: de hoje em diante, eu não sou mais herdeiro deste trono. Estou deserdado. *(Ele sai)*.

Rainha

E agora? Tome uma atitude, majestade!

Rei

Eu preciso pensar. Estou muito tenso, estressado e de saco cheio!

Rainha

Como é que fica o nosso reinado sem um sucessor?

Rei

Me deixe só! Eu preciso pensar.

Rainha

Eu vou para o meu analista, depois para o massagista e, por fim, vou tomar um calmante porque eu, também, estou em crise.

(Ela sai. O Rei fala consigo mesmo)

Rei

Ele tem razão. É uma situação que não pode continuar. Independentemente dele ser herdeiro ou não, ele é, antes de tudo, meu filho. Alguém com quem tenho de ser uma referência, alguém que merece todo o meu respeito, assim como ele a mim. E ele foi corajoso ao me confrontar e apontar os erros que tenho cometido.

(Entra Eduardo com uma mala na mão e se dirige ao pai)

Príncipe

Pai, eu estou indo embora. Desculpe pela minha franqueza. Mas eu não ficaria bem se não dissesse tudo que disse. Peça a mamãe também que me desculpe. Eu vou conhecer o mundo. Ainda tenho muito por descobrir.

Rei

Meu filho, vamos conversar. Não vá ainda, eu estou disposto a mudar.

Príncipe

Eu preciso ir. Quero ver de novo a Raquel e a família dela. Eu acho que estou apaixonado.

Rei

Isto é bom! Eu fico feliz por você estar gostando de alguém! Vá! Eu vou conversar com sua mãe e tirar esta ideia de noivado, casamento... da cabeça dela. Vá em busca do seu sonho. Fique certo que eu estou com você. E lhe prometo que dentre em breve as coisas mudarão neste reino.

Príncipe

Eu vou torcer para que isto aconteça.

Rei

Me dê notícias.

Príncipe

Está bem!

(Eles se abraçam. O Rei sai e o Príncipe Eduardo canta, enquanto Rai, Vera, Mateus e Raquel mudam o cenário)

Vou cair na estrada / Longa é a caminhada / Grande é a dor / Maior é a chance / De flechar o amor / Sigo o meu caminho / Sigo a minha meta / Descobrindo mundos / E em cada passo / Apago tudo que de mal ficou.

(Ao terminar a música, ele está na casa de Raquel que vem ao encontro dele. Ela traz a coroa na mão)

Raquel

Que bom que você voltou!

Príncipe

Eu estava com saudade!

Raquel

Eu também. *(Os dois se abraçam. Ela fala):* – Tenho que lhe devolver esta coroa.

Príncipe

Por quê?

Raquel

O mensageiro que trouxe a coroa entregou no endereço errado. Não era pra mim.

Príncipe

Ainda bem que ele errou o endereço. Só assim lhe conhecia.

Mateus

Fui eu quem inventou tudo!

Raquel

Tinha que ser você!

Mateus

Esta coroa estava perdida no meio da rua. Daí, eu trouxe para casa e fiz a brincadeira com Raquel.

Príncipe

E deu certo. Agora, nós somos amigos e estamos juntos. Eu abandonei o palácio!

Mateus

Abandonou o palácio?

Príncipe

Foi sim.

(Neste momento entram Rai e Vera que estranham a presença do Príncipe)

Rai

Você por aqui?

Vera

O que houve?

Príncipe

Conversei com meus pais. Tive uma longa discussão com eles e recusei continuar vivendo naquele mundo de mentiras que é a corte!

Rai

E eles aceitaram que você os deixasse?

Príncipe

Meu pai disse que iria promover mudanças. Se ele cumprir a palavra, eu até que volto.

Vera

É bom dizer que você está aqui.

Príncipe

Por enquanto, não. Eu quero ver se eles me querem bem, como dizem.

Vera

Sua mãe vai ficar preocupada e triste com sua ausência. Você é filho único!

Príncipe

Vamos ver?!

Rai

Se quiser, pode ficar conosco!

Príncipe

Eu agradeço a hospitalidade de vocês. Conhecê-los foi muito importante para mim! Aprender a ver o mundo de coração aberto!

Rai

Que bom! Fico feliz por ter lhe ajudado.

Raquel

Nós todos, não é pessoal?

Vera

Claro! Não imaginei que uma brincadeira iria resultar em tudo isto!

Rai

Brincadeira?

Raquel

Foi Mateus quem inventou a história da coroa!

Vera

Você?!!!

Mateus

Eu mesmo, mãe!

Vera

Tinha que ser! Adora aprontar uma surpresa! Não é a primeira vez.

Mateus

E não será a última!

Rai

Bem, vamos comemorar! Pegue a guitarra, Mateus! Vamos cantar para celebrar!

(Mateus pega a guitarra e começa a tocar. Todos cantam)

Hoje é dia de encontros / Vamos todos celebrar / Despertando a alegria / E a coragem para mudar / Renovando a esperança / Com o desejo firme e forte / De ser e acreditar / Comungando bem unidos / O bem-querer de amar.

(Enquanto cantam, o cenário é mudado. A Rainha entra e senta no trono, desolada! O Rei entra em seguida)

Rei

Não fique assim. Ele vai voltar.

Rainha

Eu estou triste, muito triste. A esta altura eu já desisti de chá, noivado, tudo que estava programado. Eu quero meu filho de volta.

Rei

Ele vai voltar. Eu tenho certeza. Você não foi ao analista? Que orientação ele deu?

Rainha

Eu relatei todo o ocorrido, e ele disse que o Eduardo estava com razão. Que nós precisávamos ouvir mais o que ele tem a dizer. Que há falta diálogo na nossa relação!

Rei

Ele está certo! Nossa função é ajudá-lo a fazer suas escolhas e não escolher por ele, ser verdadeiro, não encobrir a mentira! Como ele vai confiar em nós se negarmos o que é do conhecimento de todos?

Rainha

Você está falando sobre o comportamento de nossos ministros, não é?

Rei

É sim! O Eduardo tem seus ideais, quer ver o mundo diferente.

Rainha

Nós também já tivemos, lembra?

Rei

Claro que sim. E jogamos fora todos os sonhos e entramos nesse delírio de dominar a qualquer custo, para garantir o poder, a realeza.

Rainha

E agora, não podemos mais recuar.

Rei

Podemos, sim! Todos querem justiça, direitos assegurados, respeito. E eles terão! Inclusive, o nosso filho. Chega de tratá-lo como alguém que não tem vontade própria, de submetê-lo aos nossos caprichos.

Rainha

Prefiro perder toda a mordomia, o luxo, as festas, mas não quero perder o meu filho. Ele é maior que tudo isso!

Rei

Com certeza! Há males que vem para o bem! Foi bom o que aconteceu. Foi um aprendizado para nós.

Rainha

É como se estivéssemos nos reencontrando também.

Rei

Para mim, também, tem sido um aprendizado. Não posso fechar os olhos ao que acontece de errado neste reino. Afinal de contas, eu estou no comando dele, e, se não for cuidadoso, tudo pode desmoronar e todos seremos prejudicados. Meu filho está certo!

Rainha

E o que você pensa em fazer?

Rei

Já fiz. Demiti os ministros que estavam abusando do poder. Substitui por pessoas que têm um trabalho realizado e reconhecido por todos. Creio que agora a administração tomará outro rumo. E os ministros punidos devolverão tudo que foi desviado, para ser investido no que deveria ser.

Rainha

Que bom! Acho que as mudanças trarão nosso filho de volta!

Rei

Eu espero que sim! Ele já sabe das mudanças, ficou muito feliz e está vindo aqui com a família de Raquel.

Rainha

Que bom! Vou ver meu filho novamente!

(Entram os acordes da música que os dois cantam)

Refazer, retornar / Se encontrar / Renovar a mente / E o coração / Em busca de novos mundos / E também novos irmãos.

(Ao final da música, vão chegando o Príncipe Eduardo, Raquel, Rai, Vera e Mateus)

Rainha

Meu filho, que bom lhe ver aqui outra vez. *(Ela beija e abraça ele).*

Príncipe

Eu também estou feliz mamãe, principalmente com as mudanças.

Rei

(Abraçando e beijando o filho). Você e seus amigos foram quem deram início a tudo.

(Todos se cumprimentam com alegria, enquanto Mateus sobe no trono e fala)

Mateus

Viu como foi boa a armação? Nunca pensei que fosse dar no que deu!

Príncipe

(Tirando da bolsa um coroa de flores) E vai dar muito mais! Eu quero coroar Raquel com estas flores, porque ela é mesmo especial! *(Põe a coroa em **Raquel** e a beija).*

Rei

Alguém tem algum pedido a fazer? Alguma sugestão para as mudanças deste reino?

Rai

Eu tenho sim. O senhor precisa investir mais nas artes, na cultura, aumentar o orçamento do ministério e levar a música, a dança, o teatro, as artes plásticas, o cinema por este país afora!

Todos

Aprovado!!!

Vera

Investir mais na educação, na saúde, na habitação...

Todos

Aprovado!!!

Rai

E distribuir melhor os lucros! Os salários, criar mais empregos para todos viverem com dignidade!

Todos

Aprovado!!!

Raquel

Investir mais no meio ambiente, porque sem o verde, a esperança morre e tudo fica muito cinza!

Todos

Aprovado!!!

(Mateus pega a guitarra e começa a tocar a música final. Todos cantam)

Mundo, mundo, vasto mundo / Se eu me chamasse Raimundo / Seria uma rima / E não uma solução / Mas, com todos os limites / Procuo uma opção / Mundo, mundo, vasto mundo / É preciso união / Só unidos e contentes / Erguemos uma nação.

(Eles cantam e dançam, soltando pipas infláveis em forma de asas que sobrevoam o palco e a plateia)

FIM

Joana,
a Boneca
de Pano
que Virou
Barbie

UMA VOCAÇÃO CONFIRMADA

Em Salvador, Bahia, Brasil, durante os anos 1970, a vertente do teatro de maior popularidade e melhor inserção no mercado profissional dos espetáculos foi, muito provavelmente, o teatro infantil. A grande sala principal de seu maior teatro, o Castro Alves, enchia todos os fins de semana, às vezes em até duas sessões. E muitos artistas e técnicos viviam um início de profissionalização e organização de seu meio. Foi assim e aí que surgiu, em 1979, a Associação Profissional dos Artistas e Técnicos em Espectáculos de Diversão do Estado da Bahia, embrião do que viria a ser o sindicato dessa categoria.

Nesse contexto, em meio a diretores e dramaturgos, que circulavam em vários âmbitos da prática cênica, mas que se dedicavam, mais ou menos eventualmente, a essa vertente, cujo público-alvo central era a criança, como, por exemplo, João Augusto Azevedo, Maria Idalina Ismael, Haroldo Cardoso e Manoel Lopes Pontes, aparecia, com força, um jovem curioso e inquieto, que, de modo bem explícito, experimentava, também, de tudo, inclusive de tentativas de vanguarda.

Quase 40 anos depois, esse, ainda e sempre (porque verdadeiro artista), jovem, Deolindo Checcucci Neto, sem renegar suas demais alternativas de pesquisa teatral, vem-se afirmando como grande realizador, enquanto diretor, dramaturgo e produtor, no campo do teatro infantojuvenil, em sua variante mais complexa, a musical. E isso sem temer se arriscar no campo do profissionalismo, com apoios ou sem apoios, tanto das áreas pública quanto privada. É o que bem revela sua *Joana a boneca de pano que virou Barbie*, que tenho a honra de apresentar.

Personagens de pano, barro, plástico, metal e borracha contracenam com um mamolengo, em diálogos coloquiais, canções tradicionais e originais, tratando de questões da maior atualidade e, quiçá, de larga permanência. De fato, o valor humano da simplicidade, o natural desejo de transformação, as dúvidas sobre sua própria imagem, os conflitos e a interdependência entre o local e o global, a moda, o consumismo e a mercantilização são tratados com intimidade e, também, com a complexidade que merecem. Por isso, recomendo a leitura dessa peça e sua urgente montagem na forma de espetáculo.

Deolindo, aqui, comprova a importância da experiência e da expressão teatrais para a educação e a diversão de jovens e crianças. Nesse difícil desafio, que tão sabiamente enfrentou Bertolt Brecht, de fazer pensar divertindo, de ser didático, criativo, artístico e, até científico (porque, de algum modo, certamente vinculado à prática acadêmica universitária), além de belo, bom e útil, nosso autor se realiza, em toda a plenitude, em sua nova e, até agora, inédita peça.

A arte – e a ciência – de aliar teatro e teoria, como na matriz grega dessa forma espetacular humana, se confirma e se renova. E uma promissora vocação se confirma. Confira, sem receios.

Salvador, 28 de abril de 2010

Armando Bião

Ator, encenador, pesquisador do CNPq e professor titular da Escola de Teatro da UFBA.

Joana, a Boneca de Pano que Virou Barbie

Musical Infantojuvenil em um ato de Deolindo Checcucci

Para Joana, Cecília e Libânia.

PERSONAGENS

Joana, Libânia e Cecília (bonecas de pano)

João, O Trovador (um boneco de barro)

Arrelia (palhaço de barro)

Marcos, O Mágico (boneco de barro)

Bárbara (boneca de plástico)

Alberto (boneco de plástico)

Rezadeira (boneca de barro)

Uma cigana (boneca de barro)

Balconista (boneco mamolengo)

Jornalista 1 (boneco de metal)

Jornalista 2 (boneco de metal)

Jornalista 3 (boneco de metal)

Jornalista 4 (boneco de metal)

Bobo Ô (boneco de borracha)

Vendedor Ambulante (um boneco mamolengo)

CENOGRAFIA

O cenário da peça são retângulos que, de frente, formam a casa de taipa das três bonecas de pano. Ao virar, têm a forma de caixas vitrines com bonecas que imitam barbies.

(João, o Trovador, canta, o Palhaço faz uma mímica com flores que o Mágico tira da cartola. Acontece uma coreografia, enquanto ouve-se o canto de João, o Trovador, que canta a música Sereia)

Eu morava na areia, sereia, / Me mudei para o sertão, sereia, / Aprendi a namorar, sereia, / Com um aperto de mão, oh sereia. / Menino não jogue pedra, sereia, / Que eu estou lavando louça, sereia, / Jogue um beijinho de leve, sereia, / Que papai mamãe não ouça, oh sereia. / Eu morava na areia... / Joguei meu limão pra cima, sereia, / Fechado caiu aberto, sereia, / Hei de amar a quem me ama, sereia, / Quer de longe, quer de perto, oh sereia. / Eu morava na areia ... / Alecrim à beira d'água, sereia, / Não se corta com machado, sereia, / Se corta com canivete, sereia, / Do bolso do namorado, oh sereia. / Eu morava na areia... / Menina da saia branca, sereia, / Lencinho da mesma cor, sereia, / Menina, diga a seu pai, sereia, / Que eu quero seu amor, oh sereia.

(Cecília, Joana e Libânia suspiram emocionadas. São três bonecas de pano nas janelas de uma casa de taipa, onde moram. O Palhaço entrega uma flor a cada uma. Ao terminar a música, elas beijam as flores e jogam de volta para eles, enquanto fecham as janelas. João, o Trovador, continua tocando seu violão enquanto dialoga com o Palhaço e o Mágico. Ouve-se o latido de um cachorro)

João, o Trovador

Ih, o cachorro acendeu as ventas!

Palhaço Arrelia

É sinal de perigo! Vamos dar o fora.

Marcos, o Mágico

Inda por cima tá caindo esta chuva fraca, parecendo arenga de mulher.

João, o Trovador

É igual a esta chuvinha. Fraca, mas persistente. E como elas gostam de uma arenga.

Palhaço Arrelia

Onde tu deixou as burrinhas?

Marcos, o Mágico

Tão logo ali debaixo do umbuzeiro.

João, o Trovador

Então vamos lá pegar as bichinhas, ganhar a estrada e voltar pro arruado.

Palhaço Arrelia

É bom mesmo. Nosso arruado não é tão perto e olha que é uma vila bonita, mas temos um bom caminho pra voar mato afora.

(Eles pegam as burrinhas e saem cantando)

Belezura é o que não falta em noite de amor febril / Vou seguindo a palo seco pelas encostas do rio / Cheio de encantamento e com o coração a mil.

(Eles vão saindo cantando e montados nas burrinhas, enquanto o palco é tomado por luzes pequenas que piscam como vaga-lumes. Libânia, Cecília e Joana abrem a porta da casa e saem, cada uma com um fifó na mão. Elas conversam e falam sobre a serenata que os namorados fizeram para elas)

Cecília

Você viu a mágica que ele fez? Ele é único, é especial. Eu estou apaixonada!

Joana

E a música que João cantou? Me deixou a ver estrelas.

Libânia

E Arrelia? Era a alegria em pessoa. Eu acho que eu estou apaixonada também!

(Entra uma Rezadeira com folhas nas mãos e fala para elas)

Rezadeira

Olha que eu vi tudo. Vocês precisam se rezar contra olho-grande! Tá todo mundo querendo um chamego, mas um chamego tá difícil! Vocês são privilegiadas!

Joana

Com certeza!

Libânia

E é amor do bom.

Cecília

Ai, tomara que tudo dê certo! Faz a reza aí pra afastar os olhos de seca-pimenteira.

Rezadeira

Vamos lá: com dois te botaram, com três eu te tiro.

(Enquanto a Rezadeira faz a reza, entra uma Cigana e fica olhando. Terminada a reza, a Cigana se aproxima e fala)

Cigana

Agora, deixa eu ler a mão de vocês pra ver se tudo vai dar certo mesmo. *(As três se aproximam e estendem as mãos)*. Uma de cada vez. Vamos começar com você.

(Cecília avança e estende a mão)

Cigana

A linha da vida é longa e traz muita coisa boa. Você é mulher caridosa e sempre terá de volta muita paz e amizade. No amor, a magia vai tomar conta do seu coração e tudo vai caminhar bem. Venha você agora.

(Libânia estende a mão. A Cigana lê)

Cigana

Você, também, terá longa vida e muita alegria pela frente. Muita gargalhada, pois o seu ente querido gosta de fazer todo mundo rir.

Libânia

É verdade. Você acertou direitinho comigo e com Cecília. Vamos ver agora Joana.

(Joana estende a mão meio desconfiada. Cecília e Libânia entram na casa)

Cigana

Você também tem a linha da vida longa. Viajará muito e descobrirá muitas coisas. Chegará um momento em que terá de fazer muitas escolhas. Precisar ser forte para conseguir o que quer. Precisa ser muito esperta para encontrar a felicidade. Boa sorte para você e suas irmãs. Eu tenho que seguir. Felicidade para todas. *(Cecília e Libânia trazem um lenço que entregam a Cigana)*.

Cecília e Libânia

Aqui é uma lembrança para você.

Cigana

Obrigada. Até outro dia.

Cecília, Joana e Libânia

Até.

(A Cigana sai. Elas comentam)

Cecília

Deus ajude que tudo dê certo.

Libânia

E vai dar.

Joana

Vamos ver...

Cecília

Você, sempre desconfiada.

Libânia

Tenha fé, menina!

Joana

Fé, eu tenho. Mas tô sempre com o pé no chão. Neste fim de mundo que a gente vive, essa seca, essa pobreza, não tem felicidade certa.

Cecília

Sempre se queixando.

Libânia

No dia que ela parar de se queixar vai cair um pedaço de céu velho.

Cecília

Vai ser alguma coisa fora-do-comum, um milagre.

Joana

Cada macaco no seu galho. Eu não sou de me iludir como vocês.

A mulher parece que comeu carne de coruja.

Libânia

Carne de coruja?

Joana

Diz que quem come carne de coruja advinha o futuro!

Cecília

Se não gosta daqui, cai na lapa do mundo.

Joana

É só ter uma chance. Eu tomo um chá-de-coragem e ganho o mundo!

Libânia

Ih, minha irmã, deixa de ser canfinfa.

Cecília

Pé-frio... e canfinfenta. Vai pra longe com teu azar.

Joana

Eu não sou pé-frio nem canfinfenta. Eu tô com São Tomé. Ver para crer.

Libânia

O dia tá clareando. Vou preparar um mingau de cachorro pra ver se curo esta gripe que quer me pegar.

Joana

Vai lá... Eu hem? Água, farinha e alho! Só pra cachorro mesmo. Eu vou comer um cambrecho. Vou tirar o leite do peito da vaca pra misturar com o açúcar e a farinha. É bem melhor!

Cecília

Eu vou comer um beiju de coco que comadre Tude me deu.

(Cecília e Libânia entram. Joana, então, pega uma vasilha e vai buscar o leite, à direita. Bárbara entra com botas de salto alto, uma saia de couro, uma blusa decotada e um buá. Traz uma mala de rodinhas. Olha tudo em volta com desdém. É uma boneca de plástico, tipo barbie)

Bárbara

Que horror! Poeira para todo lado. Tudo seco. Cavalo, boi, passarinho, cabra, galinha. Deus me livre!

(Entra uma música. Ela canta)

Como vivem essas bonecas? / O que têm para fazer? / Com certeza, é muito chato. / Para mim, principalmente, / Que vivo no salto alto. / Não consigo entender / Como elas conseguem viver. / Só a cidade tem de tudo / Para me satisfazer. / Shoppings maravilhosos / Onde posso escolher / A roupa que mais me agrada / O filme que quero ver / As estrelas preferidas / Que estão sempre na TV. / O asfalto forra tudo / É carro pra todo lado / E todo mundo é feliz / No mundo plastificado.

(Enquanto ela canta, Joana volta com a vasilha de leite. As duas se cumprimentam)

Joana

Menina, tu tá de volta? Como é que não avisou?

Bárbara

Vim visitar a mamãe e quis fazer uma surpresa a vocês. E aí? Tudo bem?

Joana

Na santa paz do Senhor. Mas tu tá é bonita!

Bárbara

Ah, minha filha, a cidade é outra coisa. Tem tudo pra deixar a gente bem.

Joana

Ô, é, é?

Bárbara

Você não imagina! Olha só o que eu trouxe para vocês.

(Mostrando perucas que tira de uma sacola)

Joana

O que é isso?

Bárbara

Perucas. Vocês estão com os cabelos muito feios. Cabelo de pano não está com nada. Aqui é cabelo sintético, mas parece de verdade. A sua é a ruiva, a de Libânia é loura e a de Cecília é a preta.

(Põe a peruca em Joana que diz)

Joana

Tá me apertando.

Bárbara

É assim mesmo. Pra ficar bonita tem que fazer um sacrifíciozinho!

(Neste momento, entram Cecília e Libânia. Veem Joana e caem na gargalhada)

Libânia

Fizeram algum descarrego pra você?

Cecília

É macumba das brabas!

Libânia

Tu tá parecendo coisa de outro mundo! Tá de pocar o ovo!

Bárbara

É coisa de outro mundo mesmo, que vocês não conhecem!

Libânia

E nem quero. Logo eu vi que era artimanha dessa aí.

Cecília

Isso tá me cheirando a empulhação. Vamos deixar de arrodeio.

Joana

Nunca viram uma peruca. Ficam a imaginar besteira.

Bárbara

Elas vivem desatualizadas. É por isso que estão estranhando. Pois, eu trouxe mais duas. Aqui está a sua e aqui a de Libânia.

Libânia

Tu tá parecendo o cão!

Bárbara

É despeito, Joana!

Cecília

Vamos parar com esse esperretetê. Tanta confusão por causa de um cabelo! Tá aí a minha. Use você. E vamos tomar café que eu tenho milho e feijão pra colher.

Bárbara

O que é que vocês têm para o café?

Joana

Tem cambrecho, beiju e mingau de cachorro.

Bárbara

Tô fora! Tô de regime. Tudo isto engorda! Vão lá. Eu vou pegar meu remédio para emagrecer que eu deixei no carro.

(Ela sai. Cecília, Joana e Libânia entram. Joana volta com um espelho se admirando)

Joana

Menino! Que coisa diferente. Tô parecendo as meninas da TV. Taí, gostei.

(Enquanto ela fala, Bárbara retorna e alimenta a vaidade de Joana)

Bárbara

Isto é só o começo! Sua pele precisa de tratamento para ficar impecável. Uma boa maquiagem também, vai deixar você charmosa como uma miss. Não vai faltar quem lhe faça a corte. Vai chover namorados. Festas, coquetéis, badalação o tempo todo. E as revistas atrás de você para lhe fotografar!

Joana

Mas, eu tenho um namorado. E eu gosto dele.

Bárbara

Você manda buscar ele quando tudo estiver arranjado.

Joana

Ele toca violão e canta.

Bárbara

Melhor ainda. Vai cantar na televisão e ganhar uma boa grana. Vai ser uma celebridade como eu, como você!

Joana

Celebridade?

Bárbara

Gente que chega nos lugares e todo mundo olha, fotografa. Gente que arrasa.

Joana

Eu fico receosa.

Bárbara

Só no começo. Depois acostuma! Quando você sentir os flashes no seu rosto, você ri que nem sente.

Joana

E se eu não me acostumar?

Bárbara

Você volta. Mas eu duvido que você não goste! Você merece mais do que esta seca! Viver nesse fim de mundo só pra quem não conhece o outro lado.

Joana

Eu acho que eu vou!

Bárbara

Então faça as malas, antes que Cecília e Libânia fiquem enchendo sua cabeça de coisas pra você não ir.

Joana

É pra já.

(Ela sai. Entram Cecília e Libânia)

Cecília

O que é que tu tá fazendo com Joana?

Bárbara

Estou fazendo minha tarefa! Conseguir gente pra dançar em show na televisão.

Libânia

Ah, então é por isso que tu veio aqui.

Bárbara

Também. Vocês não querem ir?

Cecília

Eu acho bom tu ir fechando esta tramela, que eu não tô pra muita conversa não.

Bárbara

A boca é minha. Eu digo o que quero. E Joana vai comigo.

Libânia

É com ela. Ela é dona da vontade dela.

Joana

Sou mesmo e não vou fracatear, esmorecer. Não vou ficar na casa do sem-jeito.

Cecília

Tu é que sabe da tua vida.

Joana

Eu quero um favor de vocês. Dá esta cartinha pra o João? Aí, tá tudo explicado.

(Entrega a Libânia)

Libânia

Eu entrego sim. Vai com Deus.

(Abraça Joana. Joana abraça Cecília)

Cecília

Qualquer destino errado, a gente tá aqui.

Bárbara

Até breve, minhas queridas. Vocês não vão reconhecer Joana depois das mudanças.

Cecília

Tomara mesmo que tu fique linda!

Libânia

Loura e japonesa!

Bárbara

Vocês vão ver. Aguardem! Muitas surpresas esperam por Joana. Até outro dia.

(Elas saem, ficando Cecília e Libânia. Entram Marcos, o mágico, Arrelia, o palhaço, João Trovador, o cantor)

Libânia

Joana foi pra cidade com Bárbara, e deixou esta carta pra você.

João, o Trovador

Pra a cidade?

Cecília

É sim. Diz que vai virar celebridade.

João, o Trovador

Deixa eu ler. (*Lê em voz alta*). Querido João: gosto muito de você. Mas, agora, preciso ir a cidade tentar ganhar minha vida, conhecer o mundo. Algum dia, quem sabe, a gente se encontra de novo? Beijos e abraços de Joana. Nem pra se despedir me esperou. Sai assim e me deixa aqui a ver navios.

(Ele pega o violão e canta. Enquanto ele canta, o mágico faz uns sinais, e o palco é tomado por fumaça, enquanto Libânia, o palhaço e Cecília mudam o cenário)

João, o Trovador

Menina quando tu fores, / Me escrevas pelo caminho, / Na falta de um papel, / Nas asas de um passarinho. / Do bico faça um tinteiro, / Da língua pena dourada, / Dos dentes letra miúda, / Dos olhinhos carta fechada.

(O ambiente vai sendo transformado. A casa virada ao contrário se transforma em caixas tipo vitrines. As vitrines trazem manequins que lembram bonecas barbies. Ouvem-se sons de buzinas que cortam o canto de João, o Trovador, enquanto todos se afastam e aparecem Bárbara e Joana, em meio ao barulho e a fumaça. Joana tosses e reclama)

Joana

Que lugar barulhento é esse? E essa fumaça que nem deixa a gente respirar direito?

Bárbara

É o progresso, minha filha... Vá se acostumando! Já estão pensando em mudanças por causa de um tal de efeito estufa. Mas enquanto as mudanças não acontecem, a gente tem que engolir e comer calado.

Joana

E esse calor? Mais quente que na roça. Lá pelo menos o vento alivia.

Bárbara

Aqui, tem ar-condicionado. Você vai ver. Parece que a gente está na neve!

Joana

Eu hein?

(Neste momento, passa um camelô vendendo bugigangas)

Ambulante

Importado da China, ventilador portátil pra matar o calor.

Bárbara

Me dê um por favor. (*O **Ambulante** entrega*). Quanto é?

Ambulante

Cinco reais.

Bárbara

E para levar dois?

Ambulante

O preço já tá no mínimo! É da China, é bonito.

Bárbara

Então me dê um. (*Dá o dinheiro ao **Ambulante** e entrega o ventilador a **Joana***). Aqui ó. É só apertar este botãozinho.

(Joana recebe e comenta)

Joana

Ah, melhorou um pouquinho!

Bárbara

(Tira uns sapatos da bolsa, ao mesmo tempo que pergunta). Que número você calça?

Joana

35.

Bárbara

É o mesmo número meu. Tira essa sandália horrorosa e bota esse salto alto.

Joana

E precisa mesmo? Eu não gosto de salto alto.

Bárbara

Precisa sim. Aqui a gente só anda na rua no salto alto que é pra ficar montada!

Joana

Montada? O que é isso? Eu tô acostumada a montar cavalo!

Bárbara

Elegante! Chamosa!

Joana

Tá bem. Vamos ver se eu consigo. *(Calça os sapatos e sai tropeçando e torta)*. Esse sapato tá alto demais!

Bárbara

Você vai ter que se acostumar com saltos mais altos que este!

Joana

Jesus, Maria, José! Onde é que eu fui me meter?

Bárbara

Olhe, Joana, vencer requer alguns sacrifícios.

Joana

Tá bem, tá bem.

Bárbara

Vem, olha como eu ando. *(Ela anda como se desfilasse. Joana tenta e faz uma imitação grotesca de Bárbara)*.

Bárbara

Levanta o rosto! O peito, dá passos largos, quase deslizando. *(Quanto mais Bárbara fala, mais Joana se atrapalha, terminando por cair. Bárbara ajuda Joana a se levantar)*. Vamos, levanta, vamos tentar mais uma vez. *(Ela levanta com dificuldade por causa do salto)*. Isso. Vamos lá. *(Joana anda um pouco e se sustenta melhor no sapato)*. Isto! Muito bem! Você vai conseguir. *(Ela tropeça)*. Vai em frente. Pé que não anda, não dá topada.

Joana

Cansei. Deixa eu respirar um pouco.

Bárbara

A gente tem que correr contra o tempo. Amanhã você vai começar a fazer musculação para perder uns quilinhos a mais que você tem.

Joana

Mas precisa perder mesmo?

Bárbara

Claro. O tempo vai passar e você continuará sendo uma boneca, chamosa, esguia, linda e maravilhosa. Aliás, após a musculação, você vai ao salão de beleza para um tratamento de pele.

Joana

Tratamento de pele?

Bárbara

Limpeza, e quem sabe algumas aplicações para a pele ficar mais fina.

Joana

Eu tô com medo!

Bárbara

Você vai se acostumar. Está apenas começando. Após reformar você, vamos a algumas boutiques para renovar seu figurino.

Joana

E quem paga?

Bárbara

Por enquanto eu. Depois você me reembolsa.

Joana

Tu é quem sabe.

Bárbara

Confie em mim. Deixa eu passar um batom e um rouge em você que vem um amigo meu da TV FELIZ lhe entrevistar.

(Pega batom e rouge e passa)

Joana

Me entrevistar?

Bárbara

Claro. Mostrar o antes e o depois. Tá vendo estas bonecas na vitrine? São as barbies. Você vai ficar mais bonita do que elas.

Joana

E pra que tudo isto?

Bárbara

Você não quer vencer? Aqui só vence quem é sempre jovem, bonita e tem uma boa conta no banco.

Joana

Eu tô é atrapalhada com tudo isto.

Bárbara

Relaxe. No stress. Quando você tiver no topo, completamente fashion, você vai me agradecer.

Joana

Topo?

Bárbara

Fazendo sucesso, sendo endeusada por todos, indo aos coquetéis, sendo fotografada, saindo em capa de revista. *(Aparece o jornalista)*. Pronto, chegou o nosso contato televisivo. Tudo bem Alberto?

Alberto

Tudo. Consegui uma reportagem num programa dominical. Agora, ela vai ter que dançar com um galã. Você conhece algum?

Bárbara

Claro. Qual é a dança?

Alberto

Um arrocha!

Bárbara

É mais fácil. É só ela se mexer. Eu ensino.

Alberto

Bem, vamos fazer algumas imagens dela agora. É aquela coisa do antes e do depois.

Bárbara

Joana, desfilando para o meu amigo lhe filmar. Lembre do que lhe disse: postura, elegância, passos largos e olhar longe.

(Ela começa e se atrapalha. Termina por cair)

Alberto

Está ótimo. Muito divertido. Vai ser uma gargalhada só!

Joana

Quer dizer que eu sou palhaça, é?

Bárbara

Veja bem Jô, o programa vai mostrar a sua transformação. Você antes, e depois desse minicurso que estou lhe dando. Confie em mim.

Alberto

(Entrevistando Joana) E, então, está gostando da cidade?

Joana

É tudo muito estranho. Tudo muito corrido, muita fumaça.

Parece que o povo tá maluco. Passa um pelo outro e nem diz bom-dia.

Alberto

Então, é bem diferente de onde você veio.

Joana

E como! *(Faz o sinal da cruz).*

Bárbara

É uma mudança completa, Alberto. E eu tenho certeza que dará certo!

Alberto

Cante uma musiquinha pra a gente aí. Vamos?

Joana

Cantar?

Alberto

É.

Joana

(Canta):

A rosa vermelha é meu bem-querer. / A rosa vermelha e branca. / Hei de amar até morrer.

Alberto

Lindo! Lindo!

Bárbara

Eu quero manter este ar ingênuo que ela tem. Esta vai ser uma boneca nova na coleção. Vamos misturar o ingênuo com o sofisticado.

Alberto

Vai ser um sucesso total. Vamos investir firme.

Bárbara

Joana, vá vestir a roupa que eu separei para você. Vamos começar a mudar a sua imagem. Rápido que o seu galã está chegando, e você tem que treinar.

(Entra uma música que o galã canta enquanto entra)

Bobê Ô

Caras e bocas / Muita emoção. / Belas garotas. / Muita ilusão / Gesto estudado. / Muita pose. / Tudo sex. / Sendo artista / Ou vilão.

Bobê Ô

(Termina a música e ele fala). Cheguei. Onde está a menina?

Alberto

Está se trocando. Já vem.

Bárbara

Precisamos de um nome artístico para ela. Que tal Barbie Jô?

Alberto

Acho ótimo!

(Joana aparece com uma roupa muito esquisita que a torna muito engraçada. Ele ri, Bárbara fala)

Bárbara

E com vocês na passarela, Barbie Jô. (*Joana estranha o seu novo nome*).

É seu novo nome. Vamos lá. Dê uma desfilada para o Bobe Ô admirá-la.

(Ela anda completamente atrapalhada. Todos riem. Ela pára e reclama)

Joana

Eu não sou palhaço! E sabe do que mais? Vocês vão todos comer sabão para vomitar espuma!

Bárbara

Calma, Jô! É que você ainda precisa de mais treino! Com o treinamento você vai conseguir!

Joana

E que roupa esquisita é esta?

Bárbara

Nós estamos criando um estilo para você. Você sabe dançar um arrocha?

Joana

Um, o quê?

Alberto

Arrocha?

Joana

Que diabo é isto?

Bobe Ô

Alberto e Bárbara vão mostrar para você. Tenho alguns gravados aqui no meu gravador.

(Liga o gravador, entra a música. Eles dançam. Ao terminar, Joana fala)

Joana

Eu nunca dancei isto, não. Meu negócio é baião, samba de roda, xaxado, quadrilha.

Alberto

Chegue mais, que Bobe Ô vai lhe ensinar uns passos.

(Ela vem meio desconfiada, dança completamente fora do ritmo)

Bárbara

Você vai aprender. Você vai aprender.

Joana

Tá mais fácil um boi voar.

Bobe Ô

Vocês têm certeza que vai dar certo? Eu acho ela meio atrapalhada.

Alberto

Fique tranquilo. Vamos fazer as tomadas e as fotos para a divulgação de lançamento. Barbie Jô, do sertão para as vitrines. Um novo estilo das nossas bonecas barbies. Atenção, técnicos, fotógrafos, podem vir.

(Entram um rapaz com uma câmera de TV e outro com uma máquina fotográfica)

Alberto

Atenção Bobe e Jô, vamos as poses. Vocês são um casal de namorados descobrindo o amor.

Joana

Eu mal conheço o rapaz. Que história é esta?

Bárbara

É tudo faz-de-conta. É só para dar o que falar. Veja bem, Bobe Ô foi fazer uma novela no interior e descobriu você, ficou apaixonado pela sua vida no mato, seu sotaque, sua maneira de ser. Isto vai ser o gancho para o seu lançamento.

Joana

Tá bom, Bárbara, vamos lá. Quem entra na chuva é pra se molhar.

(Bobe Ô se aproxima e pega ela para dar um beijo. Ela dá um tapa na cara de Bobe Ô. Ele se afasta irritado. As câmeras registram tudo)

Bobe Ô

Ela é brava.

Joana

Você ainda não viu nada!

Alberto

Jô, é como Bárbara falou. É tudo de mentirinha. A revista precisa de novidades. Aí, nós criamos esse romance entre vocês. Entendeu? É só uma fofoca.

Joana

Mais ou menos.

Bárbara

(Irritada). Podemos continuar?

Joana

Vamos. **(Bob e Ô vai para perto dela)**. Na boca, não. Na boca, só de verdade.

Bob e Ô

Podemos ficar abraçados?

Joana

De mãos dadas.

Bob e Ô

Está bem!

Alberto

(Orientando). Sorriam vai, troquem olhares amorosos. Isto! Melhorou bem. Mais um olhar. Ótimo. Chega por hoje.

Bárbara

Vamos para casa, descansar um pouco. Depois a gente treina o andar e os passos de dança.

Alberto

Bem, eu tenho que ir também. Vou ao Congresso cobrir o novo escândalo que estourou. Nossos políticos aprontaram mais uma. Desviaram mais alguns milhões de verbas destinadas a obras públicas. Qualquer coisa, liguem para meu celular. Até breve.

(Sai junto com o jornalista e o fotógrafo)

Bárbara e Joana

Até. *(Elas vão saindo)*.

Bárbara

Vamos, Jô. Está satisfeita?

Joana

Não. Eu tô é com medo de tudo isto. Eu acho que não vou me acostumar não.

Bárbara

Vai sim. Eu estou do seu lado. Fique tranquila.

Joana

Tô com saudade das meninas. De João, o Violeiro.

Bárbara

Deixe tudo se arrumar e breve você vai lá.

Joana

Está certo.

(Elas saem. João entra com o violão cantando uma música)

Marinheiro chora, tindolêlê, / Chora nas ondas do mar tindolêlê lá lá / Estava na praia escrevendo, / Hora de maré vazia, / A saudade desmanchava, / Tudo que eu escrevia. / A maré está toda cheia. / As espumas estão subindo, / A saudade de meu bem, / Já está me perseguindo. / Se o mar fosse de leite, / Eu ia para te ver, / Como a água é salgada, / Tenho medo de morrer. / Meu coração é de vidro, / Forrado de papelão / Com qualquer coisinha quebra, / Não aguenta ingratidão.

(Enquanto ele canta, um balconista sai de uma das lojas e fica ouvindo o canto. No final ele diz)**Zé, o Balconista**

Eu também.

João, o Trovador

Você mora aqui?

Zé, o Balconista

Moro sim. Trabalho como balconista naquela loja. Mas, não sou daqui. Sou do interior.

João, o Trovador

Eu também vim aqui pra ver se encontro uma pessoa muito querida. Minha namorada, Joana.

Zé, o Balconista

Joana? Eu conheço Barbie Jô. Se eu não me engano, ela, também, é do interior. É prima de uma garota chamada Bárbara.

João, o Trovador

Então, é ela mesmo. A Bárbara foi quem trouxe Joana para cá.

Zé, o Balconista

Ela vai ser lançada como uma nova barbie.

João, o Trovador

Isto é coisa da Bárbara! E como é que eu posso encontrar com ela?

Zé, o Balconista

Elas sempre veem aqui.

João, o Trovador

Bem, eu vou procurar um hotel para me hospedar e vou tentar encontrar a Joana.

Zé, o Balconista

Se você quiser, pode ficar lá em casa. Tem um quarto a mais no apartamento. Você dá uma ajuda para o mercado e tudo bem.

João, o Trovador

Obrigado, amigo. É por pouco tempo. Eu só quero ver a Joana e saber como ela está.

Zé, o Balconista

Conte comigo. Minha companheira é muito legal. A gente tem um filhinho e vai ser bom ter um violão para a gente cantar e se divertir. Eu estou indo para casa agora. Venha comigo!

(Eles saem conversando. Entram Alberto e Bárbara)

Alberto

O lançamento será aqui mesmo. Ela deverá sair de dentro de uma vitrine que ao mesmo tempo é uma caixa. Bobe Ô vem, abre a caixa e ela desfila, depois dança com ele e anunciam o namoro.

Bárbara

Avisou a todas as revistas especialistas no assunto?

Alberto

Sim. A revista inimiga, a revista careta, a revista fuxico, o jornal fofoca e todas as televisões vêm cobrir o evento. E ela, como está?

Bárbara

Louca para ir embora! Diz que não vai se acostumar a agitação da cidade, que tudo é muito corrido; mas eu a convenci a ficar para o lançamento. Eu vou controlando tudo.

Alberto

Pelo amor de Deus!

Bárbara

Fique tranquilo. Ela está dopada. Eu dei uns tranquilizantes que eu tenho comigo e ela está fazendo tudo que eu digo.

Alberto

Ótimo.

(Nesse momento começam a chegar os jornalistas com câmeras, máquinas fotográficas e gravadores. Bárbara e Alberto vão recebê-los)

Bárbara

Sejam bem-vindos! Barbie Jô será apresentada dentro de alguns minutos.

Alberto

Vocês vão ter uma grata surpresa.

Jornalista 1

Estamos curiosos.

Jornalista 2

Já ouvi dizer que é uma sensação.

Jornalista 3

Que é muito exótica!

Jornalista 4

Uma barbie que representa bem o perfil da brasileira do agreste.

Bárbara

E canta e dança.

(Nesse momento entra João, o Trovador, e fica à parte, olhando)

Bárbara

*(Dando uma de apresentadora). Queridos colegas, é com imenso prazer que eu e Alberto Morais, meu sócio, trazemos até vocês, Barbie Jô, a boneca mais nova da nossa coleção. Vocês terão, em primeira mão, o privilégio de vê-la. (Enquanto ela fala, **Alberto** vai trazendo a caixa vitrine enrolada num papel e amarrada com um laço de fita imenso.*

***Bobe Ô** vai e desamarra a fita, abrindo a caixa. **Joana** está vestida com uma roupa feita de espinhos de mandacaru e parece mais uma armação que uma manequim. **Joana** está dopada e seus olhos mostram isto, assim como o andar. O sorriso amarelo de **Joana** não esconde o estado dela).*

Com vocês, na passarela, Barbie Jô!

(Bobe Ô dá a mão a Joana, que mal consegue se manter de pé. Os jornalistas se olham surpresos e desapontados)

Jornalista 1

Mas, é isto?

Jornalista 2

Ela não consegue nem andar...

Jornalista 3

Parece um espantalho.

Jornalista 4

Vai assustar a garotada.

João, o Trovador

(Para si mesmo). O que é que fizeram de minha Joana?

Bárbara

(*Tentando acalmar os jornalistas*). Calma, meus caros, ela está muito nervosa... Mas vai passar.

Jornalista

Quem desenhou o modelo da roupa?

Bárbara

Fui eu mesma.

Jornalista

Você, de figurino, não entende nada.

Jornalista

Parece mais um bolo confeitado de espinhos.

Bárbara

É uma definição futurista do Nordeste!

(Os jornalistas riem de Joana)

Bárbara

(*Tentando mudar o clima*). E agora, senhores, o ator Bobe Ô, namorado de Joana, vai dançar um arrocha para celebrar a estreia dela na coleção de nossas bonecas.

(João, o Trovador estranha e fala para ele mesmo)

João, o Trovador

Namorado?

(Bárbara continua falando)

Bárbara

Vejam, meus amigos, como ela dança.

(Joana não se aguenta em pé e cambaleia enquanto dança. Os jornalistas riem às gargalhadas, enquanto comentam)

Jornalista 1

Mas, é um engodo!

Jornalista 2

Está mais para filme de terror.

Jornalista 4

Minha revista só mostra o que é belo. Imagine se eu vou dar destaque a este trambolho.

Bárbara

É uma boneca do futuro!

Jornalista

Parece que saiu de um bombardeio.

(Os jornalistas vão saindo, enquanto Alberto e Bárbara tentam convencê-los a cobrir o evento)

Alberto

Mas, vocês não podem fazer isto. Nós preparamos tudo para vocês terem um bom material.

Bárbara

(Completo). Fazerem uma cobertura de algo exótico, excêntrico, diferente.

Jornalista 1

É um equívoco total. Passe bem. *(Sai)*.

Jornalista 2

Vamos embora. Temos mais o que fazer.

Jornalista 3

Quer vender gato por lebre.

Jornalista 4

Vocês dois são dois embusteiros. Adeus.

(Saem todos. Alberto e Bárbara dirigindo-se a Joana)

Bárbara

Você estragou tudo!

Alberto

Jogou fora sua grande chance com essa cara de palerma.

Joana

Alto lá. Respeito é bom e eu gosto.

Bárbara

Ainda tem coragem de pedir respeito! Pois bem, se vire! Você está fora de nossos planos.

Bobo Ô

Ainda bem que eles não filmaram, nem fotografaram nada. Vou cair fora.

Alberto

Vamos Bárbara. Deixa ela aí na sarjeta pra saber o que é bom.

Bárbara

Vamos.

(Joana começa a chorar. João, o Trovador, que presenciou tudo começa a tocar seu violão e cantar)

Você gosta de mim, oh Maria. / Eu também de você, oh Maria. / Vou pedir a seu Pai, oh Maria. / Pra casar com você, oh Maria. / Se ele disser que sim, oh Maria. / Tratarei dos papéis, oh Maria. / Se ele disser que não, oh Maria. / Morrerei de paixão, oh Maria.

(Joana ouve e os dois se olham. Após a música, João, o Trovador, pergunta)

João, o Trovador

O que é que fizeram de você? Parece que tomou um oitão de cana.

Joana

Foi Bárbara. Não me encheu de cana. Mas me encheu de comprimido, dizendo que era pra relaxar. Eu tô vendo tudo rodando.

João, o Trovador

E esta roupa? Parece um cuscuz de mandacaru!

Joana

Diz que é a moda!

João, o Trovador

Tira isso, vai. *(Ele vai e tira a roupa dela e aparece por baixo o vestido que ela usa na roça)*. Isso é invenção de satanás.

Joana

Eu não queria. Mas ela disse que pra vencer, a gente tinha que fazer todo tipo de sacrifício.

João, o Trovador

O que é vencer pra você?

Joana

Fazer o que a gente gosta e ser feliz. Eu achava que, aqui eu ia encontrar de um tudo de bom. Mas tudo que eu passei foi chateação e vexame.

João, o Trovador

A gente se sente bem quando é respeitado.

Joana

Coisa que por aqui não existe.

João, o Trovador

Existe sim. Eu fiz um amigo aqui, que me tratou muito bem. E que história de namorado é esta?

Joana

Era de mentira. Pra sair no jornal. Aliás, a mentira aqui é quem manda.

João, o Trovador

A mentira está em toda parte. Lá também. A gente é que tem que escolher se usa ela como escudo ou se apóia na verdade para ser o que a gente quer. Tu ainda quer ficar com Bárbara?

Joana

Deus que me livre. Eu quero é voltar. Tu ainda gosta de mim?

João, o Trovador

Por que é que eu estou aqui? Eu vim te procurar.

Joana

Me perdoa, João. Eu fui muito boba e caí na conversa de Bárbara.

João, o Trovador

A gente tem que acreditar na gente e lutar pelo que quer.

Joana

Tu tá certo.

João, o Trovador

O que é que tu acha de formar uma dupla comigo? Eu toco meu violão e a gente canta.

Joana

Será que eu consigo?

João, o Trovador

Consegui sim. Eu vou te ensinando direitinho.

Joana

E tu vai ter paciência comigo?

João, o Trovador

Toda que for necessária, porque eu te amo Joaninha.

Joana

Me dá um beijo, vai. (*Os dois se beijam*). Vivendo e aprendendo.

João, o Trovador

Pois é. As coisas não acontecem de um dia pro outro. A vida tem muita luta e sofrimento. Mas tem alegria também. Tira essa peruca que tu fica bem mais bonita com teu cabelo.

Joana

A peruca, esse cabelo que botaram no olho, essas unhas que não são minhas e essa bota que a outra me fez usar.

João, o Trovador

Isso. A gente é o que é e se transforma na medida que é necessário, sempre cuidando pra não se perder e se deixar escravizar por ninguém. Vamos embora?

Joana

Vamos sim.

João, o Trovador

A gente volta aqui, se precisar, mas com nossos pés e nossa vontade. A gente vem cantar pra alegrar o povo e ser feliz.

Joana

Oh, meu amor, me dá outro beijo. (*Eles se beijam. João pega o violão e os dois começam a cantar a música final*). Vamos sim.

(João, o Trovador, toca e o Mágico, o Palhaço, Cecília e Libânia entram cantando e mudando o cenário que deu início ao espetáculo)

Nesta ciranda da vida / Tudo gira, tudo anda / Às vezes descontrolado / Ter o olho bem aberto / Quase sempre é necessário / Pois há muita armadilha / E esperto pra todo lado. / Só de coração aberto / E a verdade do lado / O sonho que a gente sonha / Pode ser realizado.

FIM



Nascido a 15 de novembro de 1948, Deolindo Checucci Neto é baiano, tendo começado sua carreira artística em 1970 com a montagem do espetáculo *O Futuro Está nos Ovos* de Eugéne Ionesco. Deolindo tem montado ao longo de sua carreira textos para crianças, adolescentes e adultos, não só de sua autoria, como também de autores internacionais e nacionais como Mário Vargas Llosa, Bertolt Brecht, Paulo César Coutinho, Cleise Mendes, Haydil Linhares e outros. Professor da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, onde leciona a disciplina direção teatral. O professor é mestre pela Universidade de Lawrence KS, Estados Unidos.

	COLOFÃO
Formato	<i>19,5 x 27 cm</i>
Tipologia	<i>Myriad Pro 10,5/16 (texto) A Massa Falida (título)</i>
Papel	<i>Ecomillennium 75 g/m² (miolo) Kraft 300 g/m² (capa)</i>
Impressão	<i>Edufba</i>
Capa, páginas coloridas e acabamento	<i>Cian Gráfica</i>
Tiragem	<i>500</i>



São inumeráveis os aspectos que referenciam o teatro baiano. Suas montagens, seus artistas, seus palcos, são características que se destacam no cenário nacional e internacional.

A *Coleção Teatro Baiano*, de Deolindo Chechucci, premiado diretor e professor de Faculdade de Teatro da UFBA é uma iniciativa que visa atender a amantes e estudiosos dessa área contribuindo assim para sua consolidação. Os livros dessa coleção contam histórias através de roteiros belíssimos, que emocionaram plateias de públicos diversos, das mais variadas gerações.

